

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CASOS DE FAMÍLIA:
A CONJUGALIDADE NAS ANTENAS DA TV**

Por Elisa da Silva Gomes

**RIO DE JANEIRO
2007**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

CASOS DE FAMÍLIA:
A conjugalidade nas antenas da TV

Por Elisa da Silva Gomes

**Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado em Ciências
Sociais da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro -
UERJ como requisito à
obtenção do grau de Mestre em
Ciências Sociais.**

ORIENTADORA:
Prof^a. Dr^a.Clarice Ehlers Peixoto

**RIO DE JANEIRO
2007**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CASOS DE FAMÍLIA:
a conjugalidade nas antenas da TV**

Por Elisa da Silva Gomes

BANCA EXAMINADORA

**Profª. Drª. Clarice Ehlers Peixoto
(orientadora/UERJ)**

**Profª. Drª. Bianca Freire-Medeiros
(CPDOC)**

Profª. Drª. Mirian Goldenberg (UFRJ)

SUPLENTES

**Profª. Drª. Myriam Lins de Barros
(UFRJ)**

**RIO DE JANEIRO
OUTUBRO/2007**

Gomes, Elisa da Silva (25/01/19759)

Casos de Família: a conjugalidade nas antenas da TV

Rio de Janeiro – UERJ, 2007.

Dissertação: Mestrado em Ciências Sociais. UERJ

I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

II. Televisão. Imagem. Família. Conjugalidade

RESUMO

GOMES, Elisa da Silva. Casos de Família: a conjugalidade nas antenas da TV. Rio de Janeiro: UERJ / IFCH. 2007. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais). Orientadora: Professora Clarice Ehlers Peixoto.

Este texto analisa a imagem de família e, principalmente, de conjugalidade apresentada em um *talk show*, a saber, Casos de Família. Os *talk shows* aproximam-se de outro formato em grande expansão na atualidade – os *reality shows*. Rompendo com as fronteiras entre o público e o privado, entre realidade e ficção, *Casos de Família* exhibe diariamente conflitos familiares de pessoas comuns. O uso de um especialista em comportamento (psicólogo), a proposta de harmonização e solução dos conflitos apresentadas no palco são a marca do programa. A solução dos conflitos, na percepção da produção do programa, é uma “adaptação”, uma “redefinição” de papéis conjugais de acordo com uma divisão por gênero.

Palavras Chave: *Televisão, imagem, família, conjugalidade.*

ABSTRACT

This text is about family's image, specially, the conjugality's image, presented in a *talk show* named *Casos de Família (Family's Cases)*. The *talk shows's* model is similar to another TV show format currently with a broad appeal: the *reality shows*. Breaking up the borders between private and public, reality and fiction, *Casos de Família* shows ordinary people domestic conflicts. The main characteristics of this program are the participation of a specialist in behaviour (a psychologist) and the proposal of harmonizing and dealing solutions for the conflicts. This solution, under the producers perceptions, is a "adaptation", a "redefinition" of roles according to a gender division.

Key words: *Television, image, family, conjugality.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora Prof^a. Clarice Ehlers Peixoto pelo interesse, leitura rigorosa, “puxões de orelha” e apoio sem os quais este trabalho não existiria. Pela acolhida e relação generosa fico imensamente grata.

A minha mãe, “mulher guerreira”, minha profunda admiração e agradecimento pelo apoio basilar sem o qual não alçaria vôos tão altos. A você devo muito mais do que poderia oferecer.

A Antoanette Nigro, Fabrício Nigro e Paulo Nigro companheiros de crença e minha segunda família o meu muito obrigada.

A Prof^a. Gláucia Villas Boas, minha primeira orientadora, pelo incentivo e contribuição na condução de meus primeiros passos na senda acadêmica.

As Prof^{as}. Bianca Freire-Medeiros e Mirian Goldenberg por terem compreendido as intenções deste trabalho e por suas palavras tão brilhantes e pertinentes na Qualificação de Mestrado. Ponderações que me fizeram pensar sobre questões que não havia pensado.

Aos queridos amigos Adelino Júlio Pereira Filho, Sueli dos Santos Pereira e Tatiana dos Santos Pereira que me acolheram tão calorosamente em seu lar quando cheguei ao Rio de Janeiro e iniciei a graduação em Ciências Sociais na UFRJ.

Aos também queridos amigos Rita Silene de Barros e Patrick de Barros Benaion pelo apoio incondicional, pelo ombro amigo e por me fazerem sorrir nos momentos de desespero.

A Nayara Vian da Silva, Nancy Vian da Silva, Rosemeire Vian da Silva e José Juscelino Ribeiro da Silva, amigos “paulistas” que tanto me ajudaram abrindo as portas de sua casa para que me instalasse durante o trabalho de campo. Ainda sinto falta de seus maravilhosos quitutes de fim de tarde.

As amigas de infância Danielle Fernandez Landinni de Mattos e Vanessa de Mattos Guimarães por sua fiel amizade.

A Fabiene Gama e Lídia Coelho pelo incentivo, apoio ao trabalho e socorro nos momentos de desânimo.

A Christiane Raphael da Silva, por agüentar e entender minhas dúvidas sobre as questões burocráticas do PPCIS/UERJ.

Meus agradecimentos ao CNPq pela bolsa concedida para a realização do mestrado e ao PPCIS/UERJ por financiar meu trabalho de campo em São Paulo.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão a Regina Volpato, a Anahy D`Amico e aos membros da produção pela acolhida amistosa e ajuda no desenvolver do trabalho de campo.

SUMÁRIO

Agradecimentos	7
Resumo	5
Abstract	6
Quadros	11
Introdução	12
A televisão como um objeto a ser pensado.....	13
E a família, como vai?.....	21
Distribuição dos capítulos.....	26
Capítulo I - Afinal, que programa é esse	28
1- Sílvia Santos: de camelô a empresário do entretenimento.....	28
2- <i>Reality show</i> ou <i>talk show</i> : a realidade construída em <i>Casos de Família</i>	32
3- A história do contador de histórias: retrospectiva de <i>Casos de Família</i>	42
4- Sobre temas, cenários e abertura.....	46

Capítulo II - Por trás das câmeras: a produção do programa televisivo ou a “família” nos bastidores -----	50
1- Considerações iniciais-----	52
2- Descrição do campo-----	55
3- Da seleção dos temas a participação no programa-----	65
Capítulo III - Etnografia de um <i>talk show</i>: <i>Casos de Família</i> -----	71
1- Entre, a casa é sua!-----	71
2- Bate a claquete!-----	77
3- Temas abordados em <i>Casos de Família</i> -----	79
4- <i>Laços de família</i> -----	87
5- Homem e mulher no casamento – reclamações-----	93
6- “Arrimo de família é a mulher”: a família de <i>Casos de Família</i> -----	102
7- Lugar de mulher é em casa?-----	107
Capítulo IV - A imagem da conjugalidade em <i>Casos de Família</i> e o discurso dos especialistas -----	115
1- Com a palavra, o especialista!-----	115
2- Boa esposa e bom marido-----	122
3- <i>É impossível ser feliz sozinho...</i> -----	131
Considerações finais -----	138
Referências Bibliográficas -----	143

QUADROS

Quadro 1: Exibição por tema abordado (Novembro/2005)-----	80
Quadro 2: Exibição por tema abordado (Novembro/2006)-----	81
Quadro 3: Exibição por sub-temas (Novembro/2005)-----	82
Quadro 4: Exibição por sub-temas (Novembro/2006)-----	83
Quadro 5: Relação Familiar por exibição e número de casos (Novembro/ 2005)-----	88
Quadro 6: Relação Familiar por exibição e número de casos (Novembro/ 2006)-----	89
Quadro 7: Divisão dos temas por gênero segundo o conteúdo dos programas-----	94
Quadro 8: Reclamações por gênero-----	96
Quadro 9: Frequência das reclamações femininas-----	97
Quadro 10: Frequência das reclamações masculinas-----	98
Quadro 11: Ocupação-----	108

INTRODUÇÃO

Tornou-se banal, na atualidade, a mídia exaltar o sucesso comercial de programas que expõem aspectos da vida privada, tanto de celebridades quanto de indivíduos comuns¹. Segundo Bourdieu (1997), a televisão dos anos 1990 visa atingir a mais ampla audiência, oferecendo aos telespectadores produtos “brutos”, cujo paradigma é o *talk-show*, apresentando fragmentos de vida, exhibições cruas de experiências pessoais. Se de um lado, a “vida em família” nos seus novos modelos de recomposição familiar e novos valores e comportamentos é constantemente abordada pela mídia em geral; de outro, as relações familiares constituem campo fecundo das Ciências Sociais e, nas últimas décadas, têm sido analisadas através das representações veiculadas pela mídia televisiva. Assim, Goldenberg (2001) afirma que a mídia consegue melhor retratar as mudanças do contexto familiar do que a academia, devido à velocidade de suas produções. Feldman-Bianco (1984) vai mais além, argumentando que a ficção, nas linguagens televisiva, cinematográfica e literária, consegue apreender com maior facilidade e acompanhar a dinâmica familiar e traduzir mais rapidamente as mudanças comportamentais.

A proposta apresentada nesta dissertação não é a de estudar um produto da dramaturgia, mas um *talk show*, um programa próximo a um gênero específico de programação ainda pouco explorado, a saber, o *reality show*, que se situa nas fronteiras entre realidade e ficção e põe em pauta a discussão entre público e privado. A partir destas considerações, proponho analisar a imagem da família no programa televisivo *Casos de Família*, particularmente as relações conjugais. Pois acredito que através do

¹ Vide o crescimento do mercado de revistas especializadas em “fofocas” de celebridades (modelos, atrizes, etc.) como *Contigo*, *Viva*, *Caras*, etc. E ainda programas que abordam a vida de pessoas do mundo artístico e indivíduos comuns, como *De Olho Nas Estrelas* (Rede Bandeirantes), *TV Fama*, *A Tarde é Sua* e *Encontro Marcado* (todos da Rede TV), além do sucesso dos *reality shows*.

entendimento da mensagem transmitida pelos organizadores dessa emissão, poderia melhor compreender que modelo conjugal a mídia televisiva estaria construindo para seu público brasileiro. Quais os valores associados a este modelo e as permanências ou transformações apresentadas na televisão no que se refere aos relacionamentos conjugais e familiares? Quais são os papéis masculinos e femininos que evoca? O programa se propõe a um resgate de valores, resta entender quais seriam esses valores. Estas são algumas das questões que estarão em pauta em minha dissertação. Neste sentido, preliminarmente, apresento alguns apontamentos acerca do tema.

Os casos apresentados neste *talk show* estarão em discussão na medida em que mostram problemas a serem solucionados pelo programa, cuja “solução” é ou não aceita pelos participantes. Minha hipótese, é que esses casos mostram a desconformidade, a quebra do padrão ideal de família e, por isso, são apresentados no programa como modelos equivocados de procedimento e que devem ser substituídos, mais ou menos, pelas propostas sugeridas no programa. Estarei também atenta para a situação oposta na qual não há discordância entre o ideal oferecido pelo modelo do programa e os membros da família participante. Nestes casos, a problemática é desfeita e o espetáculo é questionado.

A televisão como um objeto a ser pensado

Segundo o censo do IBGE (2000), cerca de 38 milhões de domicílios possuem aparelhos de televisão, ou seja, 87% das casas brasileiras. Isto representa algo em torno de 145 milhões de telespectadores. Para o IBGE, há mais domicílios que possuem televisores do que aparelhados de geladeira².

² O IBGE contabiliza apenas um aparelho por domicílio mesmo que este contenha mais.

A televisão surge no contexto de modernidade, em 1920, chega ao Brasil na década de 1950 e tem sua expansão nos anos 1980³. Assim como os demais meios de comunicação e outras produções sociais, a televisão possui estreita ligação com a sociedade que a produziu e na qual foi produzida e, filha do contexto moderno, influencia e é influenciada por este. Wolton afirma que a televisão tem um papel importante nas sociedades complexas enquanto reafirmadora e mantenedora do laço social. Para o autor, “a televisão é elemento central da democracia de massa e exige um verdadeiro investimento intelectual para que se compreenda o seu papel. No entanto, durante muito tempo, o mundo acadêmico não refletiu o suficiente sobre a televisão como se ela não fosse um objeto de conhecimento ‘nobre’”.⁴ (Wolton, 1996:6)

Na mesma direção prossegue a reflexão de Almeida (2003b) que observa que a televisão é um produto cultural como qualquer outro, no entanto com especificidade própria, posto que há relação entre o que se produz na televisão e a sociedade que a produziu e na qual foi produzida. Desse modo, segundo a autora, pesquisando a televisão torna-se possível compreender a sociedade em que vivemos.

Rezende (1997) analisa a representação de empregadas domésticas em duas novelas globais⁵ e observa como a construção dessas imagens refletem valores amplamente presentes em nossa sociedade. A autora afirma que a televisão deve ser pensada, primeiramente, como um meio de comunicação, uma forma de veicular valores, idéias, imagens, mensagens e estilos de vida de um grupo ou mais que produz para outros. A televisão comunica mensagens que se baseiam em códigos e valores

³ Sobre o surgimento e consolidação de uma indústria televisiva no Brasil ler Hamburger (2005 e 1999).

⁴ Ainda sobre esta questão, para Wolton “poucas atividades tão amplamente utilizadas têm sido, há tanto tempo, objeto de uma tal preguiça intelectual, de um tal conformismo crítico e, por último, de uma tal submissão às modas do momento (...) A televisão ou o objeto mal amado da nossa sociedade individualista de massa, da qual nos protegemos emitindo a seu respeito uns bons e velhos estereótipos, deixando sempre para amanhã uma análise mais razoável.”(Wolton, 1996:11)

⁵ São estas: *O Rei do Gado* (1996/1997) e *A Indomada* (1997)

sociais, o que não é garantia nenhuma de que estas serão recebidas da mesma forma por todos.

De forma geral, tornou-se comum criticar a chamada “cultura de massa” baseando-se em uma suposta hierarquia no campo cultural, onde a mesma aparece de maneira oposta à denominada “cultura erudita”. À primeira são atribuídas características como a fácil fruição e seu caráter supostamente alienante. Ao passo que a última emerge relacionada à arte, à beleza, além de ser considerada reflexiva, edificante e criativa. De acordo com Martím-Barbero (2001), o discurso recorrente atribui à chamada “cultura de massa” características como a alienação, a fácil fruição e a inferioridade de suas obras e produtos. No entanto, assinala o autor, depois que a arte tornou-se acessível ao grande público, pelos meios de comunicação de massa, não perdeu seu valor. Houve, na realidade, o desencadeamento de uma pluralidade de modos de fazê-la e usá-la que continuam oferecendo possibilidades de criação entre seus novos consumidores. Wolton (1996) argumenta que o público é inteligente e crítico, e não um ser manipulado. Por outro lado, há o discurso panfletário em prol da denominada “cultura de massa”.

Já Eco (1979) argumenta acerca desse debate sobre as diversas posições tomadas a respeito do papel dos chamados “meios de comunicação de massa” e os agrupa em uma suposta polaridade expressa pelos conceitos de “apocalíptico” e “integrado”. O autor critica essas posições polares, observando que as mesmas foram (e ainda são) responsáveis pela difusão de “conceitos fetiche” que formam paradigmas genéricos e que pautaram (e ainda pautam) discussões improdutivas e “operações mercantis”. Ambas as posturas podem redundar em uma atitude semelhante de passividade, falta de profundidade e concretude na análise dos produtos produzidos por estes meios. A crítica apocalíptica aos meios de comunicação de massa se basearia numa visão aristocrática e idílica de uma “cultura erudita” que estaria se perdendo e sendo corrompida na “massa”.

Por outro lado, o que caracterizaria a postura dos integrados seria uma certa superficialidade, uma leitura positiva dos “textos” produzidos pela comunicação de massa. Observando tais perspectivas, Eco propõe uma nova postura que possa ser mais profunda, realista e menos enviesada. Tal redefinição impõe não uma “recusa aristocrática” ou uma “integração passiva”, mas uma perspectiva que observe características históricas e que possa tentar vislumbrar os diversos condicionantes que se interpõem entre produtores, receptores e mensagens.

A questão da recepção não é um tema novo, vem sendo tratada desde o início do século passado e no Brasil desde a segunda metade do mesmo. O que diferenciou seu estudo ao longo dos anos, de acordo com Souza (1995), foram seus enfoques e perspectivas. As novas posturas buscam quebrar as barreiras disciplinares, tentando perceber diferentes formas de entendimento do processo de comunicação. Dessa forma, a recepção não é vista como o fim do processo comunicativo, ela é tida como um processo de interação, de negociação de sentido. Assim, o receptor não é percebido mais como uma vítima ou um ser manipulado, mas percebido como sujeito capaz de produzir sentido. Nos novos estudos de recepção, o receptor é resgatado no seu cotidiano, no seu espaço-tempo resultando nas mediações como objeto de estudo.

Alguns trabalhos que exploram as relações entre os receptores e a televisão foram tema de artigo de Mazziotti (2004). A autora argumenta sobre as produções que mostram conceitos e avanços fundamentais no estudo sobre os modos de ver televisão. O primeiro desses conceitos é o de *mediações*, entendida como as instâncias que estruturam a interação e a negociação entre os espaços da produção e da recepção. Outro conceito fundamental é o de *televidência*, que dá conta da interação entre o sujeito e o referente televisivo, mostra a interação e concebe o telespectador como sujeito construtor de sentido. Um terceiro e último conceito é o de *prazer*. Dessa forma,

deve-se observar e reconhecer que se sente prazer ao assistir os produtos dos meios de comunicação, o que muitas vezes implica no prazer da identificação com o que é visto.

Abu-Lughod argumenta sobre a forma como a televisão nos mostra que o mesmo texto cultural tem diferentes recepções e implicações em contextos distintos. Em suas observações, ela salienta que as mensagens televisivas são desviadas pela forma como as pessoas estruturam suas experiências com a televisão e, pela maneira como as realidades cotidianas afetam essas mensagens. Ademais, não é somente a recepção que deve ser foco privilegiado de etnografias, mas é necessário e imprescindível fazer etnografia de produção. Os programas são produzidos por especialistas de *status* social e classe diferentes de seus espectadores, e “trabalham dentro de estruturas de poder e organizações que estão veiculadas aos interesses nacionais ou comerciais daqueles para quem trabalham.” (Abu-Lughod, 2001:107).

Bourdieu (1997) assinala o papel da televisão como o único meio de informação responsável pela formação de grande parte da população. Sobre a produção da imagem, o autor apresenta algumas idéias para mostrar o funcionamento da lógica televisiva. São elas: o “ocultar mostrando”, a “concorrência no campo televisivo” e a “circulação circular da informação”. O autor mostra que o que é veiculado pela televisão é uma construção de imagens e sons produzidos através de certos mecanismos que ocasionam um “efeito do real” – “fazer ver e fazer crer no que se vê”. Adverte, no entanto, que a televisão não mostra os mecanismos de construção daquela imagem, nem quais os interesses em se valorizar certos aspectos em detrimento de outros. Assim, a televisão não permite a distinção entre a imagem e os mecanismos de sua produção que agem segundo a lógica comercial do índice-de-audiência. Concluindo, Bourdieu constata que através do aumento do peso simbólico da televisão forma-se uma certa visão de mundo, uma construção sensacionalista da realidade, que tende a impor-se .

Miceli (1972) também analisa o meio televisivo, o seu papel, a imagem e a mensagem. Argumentando sobre os programas de auditório, em especial o de Hebe Camargo, Miceli propõe que estes cumprem diversas características de uma manifestação coletiva que depende da participação direta do receptor. O programa analisado, segundo o autor, dirige-se a unidade familiar, cuja imagem típico-ideal é construída a partir dos diversos papéis sociais que compõem a família e respeita-se a divisão tradicional dos papéis segundo o gênero. A mensagem proferida pela linguagem do programa tem um valor mítico e sua intenção é a de oferecer a todos um repertório adequado à expressão da sociabilidade que caracteriza o estilo de vida da classe média. Por outro lado, para Miceli, o programa permite ao espectador de classe média o acesso a algumas fatias do estilo de vida das classes altas, assim, a imagem da cultura dominante funciona de maneira substitutiva difundindo-se pela cultura média que a aspira e procura a imitar.

Ainda sobre a imagem e sua lógica Sodré (2002 e 2002a) propõe que, atualmente, se pode afirmar que a própria vida social, se torna imagem. Para o autor, a imagem é um tipo de representação analógica da realidade que sempre existiu, no entanto, hoje em dia aparece de forma demasiada e regida pela ótica do espetáculo. De acordo com o autor, a vida substitutiva, enganosa das telas aparece como uma nova forma de existência que tenta neutralizar os conflitos e tensões comunitárias.

Diferente de Sodré, Hamburger (2002), analisa os artigos publicados na revista inglesa *Screem* (39:1) sobre a morte da Princesa Diana e sugere que a experiência real guarda especificidades que nenhum espetáculo substitui. O que faz com que o telespectador queira muitas vezes realizar o que a autora chama de “rompimento epistemológico”, utilizando a definição de Silverstone⁶. O desejo de participação, da

⁶ Professor de *Media and Communication* na London School of Economics and Political Science.

experiência física pode motivar as pessoas a abandonar a postura passiva de telespectador para participar de diversos programas televisivos, e/ou manifestações públicas. Ao ceder a esse desejo, as pessoas estariam de alguma maneira realizando um deslocamento da representação para a experiência real.

Hamburger (2005) aponta para as disjunções que podem ocorrer nas relações entre meios de comunicação e consumidores em uma sociedade de massa. Trabalhando com novelas, a autora mostra como estas produzem um “*multiálogo*”, mas que pretendem atingir, principalmente, um telespectador estereotipado da classe C. Assim ocorre uma disjunção entre público-alvo e público atingido.

Retomando a discussão sobre recepção e produção, Prado (1999) chama a atenção para as diversas possibilidades de apreensão do conteúdo televisivo por diferentes telespectadores. A mensagem pode ser a mesma para todos, mas a forma como as pessoas recebem são múltiplas. Se por um lado, o diálogo *stricto sensu* entre telespectadores e televisão não se dá, por outro, pode haver tanto consentimento, aceitação, identificação como resistência, repulsa e rejeição. Além disso, a televisão faz parte da sociedade, retirando-lhe valores, símbolos, modos de ver e viver e lhe expondo de volta. Assim, argumenta Prado, a comunicação entre televisão e público já existe previamente na sociedade.

Mais do que um espelho⁷, Hall (1997) enfatiza que a televisão não só reflete, mas significa. O autor mostra como a recepção se dá através de molduras interpretativas e propõe um modelo de análise que leva em conta a complexidade das estruturas de interação. Produtos midiáticos são práticas sociais que produzem efeitos concretos no mundo empírico.

Assim, visto o papel polêmico da televisão, desde seu advento, e atuando contra os críticos mais ferozes ao seu estudo, sigo o preceito de Lahire (2005) de que não há

⁷ Sobre essa perspectiva ler Rocha (1995).

objeto “*mais social*” do que o outro. O relevante é a forma como o pesquisador aborda o objeto, sua perspectiva que delinea e o molda antes e durante a pesquisa. Semelhante a tudo na realidade contemporânea, a televisão é plural, multifacetada e não pode ser entendida a partir de pré-noções de cunho crítico que cerceiam qualquer análise mais profunda.

Compartilho do argumento de Abu-Lughod e tantos outros pesquisadores, alguns já citados, de que é necessário estudar a televisão sob o ponto de vista das Ciências Sociais. Segundo a autora, recém começamos a encontrar um ponto de entrada para a pesquisa etnográfica que observe a relevância da televisão enquanto presença ubíqua nas vidas e nos imaginários dos indivíduos no mundo contemporâneo. A resistência dominou os estudos sobre mídia, “e se há algo a dizer sobre tais estudos é que, a despeito de sua considerável sofisticação teórica, são etnograficamente pobres.” (Abu-Lughod, 2001:105)

Vistas estas questões acerca da televisão, mostra-se relevante refletir sobre o que é oferecido aos 145 milhões (ou mais) de telespectadores brasileiros, muitos dos quais têm neste veículo a sua única fonte de informação, de lazer e de cultura. Há uma relação entre a sociedade e a televisão da qual esta é parte constitutiva. Como salientam Prado (1999) e Hambúrguer (2005) quando se referem aos conteúdos televisivos, as pessoas falam ao mesmo tempo de si, de suas vidas, de seu mundo, de suas questões, de suas experiências. Ademais é necessário não só refletir sobre a imagem, mas sobre a sua construção, como nos mostra Abu-Lughd (2001). Assim, a televisão mostra-se “boa para pensar” e é reveladora da sociedade ou de pelo menos uma representação construída dela, e que num movimento bumerangue, também produz efeitos concretos na realidade social.

E a família, como vai?

Até aqui, discorri sobre a importância de se estudar a televisão, procurarei agora delinear algumas considerações sobre os estudos de família.

Em uma perspectiva temporal, Ariès (1981) analisa a história da família partindo de documentos iconográficos. Segundo o autor até o século XVII a vida era pública e a família não existia como sentimento ou valor, somente como realidade vivida. A partir do século XVIII esse sentimento, gestado nos períodos anteriores, desabrocha e a intimidade da vida privada é reforçada. Já Singly não realiza um recuo tão longo no tempo para observar como a família contemporânea se constituiu historicamente. O autor assinala dois momentos distintos na concepção da família: do século XIX até os anos 1960 e de 1960 até os dias atuais. O primeiro período é formado por três elementos até hoje pouco contestados: “o amor no casamento; a divisão estrita do trabalho entre o homem e a mulher; a atenção à criança, à sua saúde e à sua educação.” O segundo período é marcado por uma série de mudanças, dentre as quais o autor destaca: “crítica ao modelo da ‘mulher dona-de-casa’, sob a pressão do movimento social das mulheres e do feminismo, pela desestabilização do casamento, com a instauração do divórcio (...) e pelo crescimento da coabitação fora do casamento.” (Singly, 2007:130)

De fato, transformações profundas e relevantes se fizeram na sociedade em geral e na família em particular como observa Peixoto. A partir dos anos 1960 diversas mudanças ocorreram na família impulsionadas por transformações nas relações de gênero e pelo surgimento de “um novo equilíbrio entre autonomia individual e pertencimento familiar.” (Peixoto, 2007:12) Tais mudanças expressam-se pela inserção das mulheres no mercado de trabalho, controle das taxas de natalidade, prolongamento

da expectativa de vida, aumento do divórcio, declínio da instituição do casamento e crescimento das uniões livres e recomposições familiares.

Na mesma década, os pesquisadores recomeçam a se interessar pelas relações familiares e a partir dos anos 1980 há uma enorme produção francesa nesse campo, segundo Peixoto (2007). Por um lado, alguns pesquisadores reforçam a tese da individualização no seio da família e desconsideram as relações com a parentela, sendo mais conhecidos como “individualistas”, cujo foco está na análise das relações conjugais⁸. Por outro, ampliando o foco da análise estão aqueles que acentuam a importância dos laços de parentesco englobando várias gerações e consideram que o sentido das relações familiares se constrói historicamente, são os chamados familistas⁹.

No Brasil, o debate sobre família remete a formulação clássica de família patriarcal elaborada por Freyre no início do século. Esse modelo pautou e ainda pauta diversos estudos na área, sendo alvo de diversas leituras e debates. Sobre a questão, Almeida, Carneiro e Paula propõem duas leituras ou correntes interpretativas formadas a partir do debate em torno da elaboração gilbertiana. A primeira interpretação busca historicamente testar a validade e amplitude dos argumentos de Freyre¹⁰. Estes estudos indicam que o modelo de família patriarcal proposto por Freyre se restringiria a um pequeno grupo de senhores de engenho do Nordeste “com as mulheres submissas e preguiçosas em suas redes, as filhas castas, os filhos amamentados e embalados por negras de boa saúde, amados pelas escravas jovens, os moleques, as crias ilegítimas, os agregados, os afilhados, os parentes, os amigos, o padre etc., todos ‘como se fossem da família’”. (Almeida e outros, 1987a:14)

⁸ Por exemplo, Singly e Kaufmann.

⁹ Um exemplo desta perspectiva é a adotada por Segalen.

¹⁰ Dentro desta perspectiva ler Sâmara (1987)

A segunda corrente interpretativa observa a família patriarcal como uma construção ideológica que serve de referência para a prática familiar com relação aos padrões afetivos, sexuais e de solidariedade¹¹. Assim, a família proposta por Freyre seria um modelo, uma representação da família enquanto um grupo estruturado em uma hierarquia e não uma descrição da família brasileira (Almeida e outros, idem).

Sobre a relação entre família e sociedade, Scott (2004) elabora interessante estudo que entrelaça questões de gênero, família e identidade nacional. O argumento mostra como no contexto das estruturas internacionais de poder as mudanças históricas associadas à troca, o significado e o controle das mulheres não indicam somente como funcionam as estruturas internas de poder, mas também auxiliam no entendimento de como diferentes vertentes do estudo de família fomentam o conhecimento de transformações na identidade nacional e relações de gênero.

Durham (1983) argumenta que a família em nossa cultura diz respeito a uma forma específica de combinar casamento, consangüinidade e descendência, organizando a divisão sexual do trabalho e a reprodução humana. Já Velho (1987) preocupa-se com o papel social da família, atribuindo-lhe um lugar fundamental no processo de socialização da subjetividade. Argumenta o autor que existe uma articulação entre as várias famílias nucleares e essa rede de relações contribui para a construção social da identidade, sendo essencial para o entendimento da subjetividade dos indivíduos¹².

Na perspectiva de Simmel (2001), o estudo da família é relevante porque a partir dele observamos o processo de socialização de um pequeno grupo, inserido num outro mais amplo, e que surge de interesses simples e facilmente acessíveis. O autor aponta

¹¹ Sobre esta abordagem ver Almeida (1987)

¹² Analisando camadas médias urbanas da Zona Sul, Velho (1987) propõe que os indivíduos que a integram, e suas famílias, se caracterizam pelo vanguardismo, pelo individualismo e por uma forte influência das teorias psicológicas, em especial da Psicanálise.

que há um núcleo fixo, uma díade em torno do qual se constitui a família – a relação mãe e filho, este é o elemento essencial e comum em todas as culturas.

Assim, a família pode assumir formas diversas de acordo com o contexto social e período histórico e seu estudo pode seguir diversos caminhos. Ademais, seu papel também pode ser diferenciado de acordo com estas variáveis, aliadas a outras como classe social, arranjo conjugal, divisão sexual do trabalho etc. Embora discordem em alguns pontos, estes autores concordam sobre a relevância do papel da família para a sociedade, moderna ou tradicional.

No tocante a relação entre família e televisão, alguns estudos já foram realizados. No campo da recepção temos como referência a pesquisa de Almeida (2003 e 2003a) realizada na cidade de Montes Claros, Minas Gerais, com famílias de camadas médias e populares. Aliás, os estudos sobre recepção têm despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores na área de Ciências Sociais e poderíamos citar como exemplo as publicações de Abu-Lughod (2001), de Prado (1999) e de Leal (1995). Em comum estes trabalhos mostraram como as pessoas vêem o conteúdo dos programas televisivos ficcionais, principalmente telenovelas. Outra característica comum a estes estudos é que se pautam sobre a perspectiva de que o receptor não é um ser manipulado, um receptáculo vazio. As autoras argumentam sobre as diversas formas de recepção dessas mensagens, enfatizando como as pessoas se reconhecem ou rejeitam aqueles estereótipos que percebem mais familiares ou estranhos ao seu mundo, o que lhes permite pensar sobre suas próprias experiências. Apesar do crescente interesse sobre a recepção, poucos estudos foram realizados no campo da própria imagem televisiva e sua produção, onde a pesquisa de Miceli (1979) sobre o programa apresentado por Hebe Camargo é referência importante. No que tange a relação entre televisão & família no âmbito da produção televisiva o quadro é ainda mais escasso, excetuando alguns raros

trabalhos como o de Goldenberg (2000 e 2001), sobre a imagem de família, do papel feminino e do papel masculino na novela “Laços de Família”, produzida pela Rede Globo de Televisão. Assim, podemos observar que a grande maioria dos estudos sobre televisão tem analisado, principalmente, as telenovelas.

Segundo Bourdieu (1997a), a família é uma categoria e como tal diz respeito a um conjunto de palavras que descrevem e constroem uma realidade social. Há um movimento cíclico no sentido de que família é uma categoria social objetiva (estrutura estruturante) que baseia a categoria social subjetiva (estrutura estruturada). Família como categoria subjetiva fundamenta diversas ações que ajudam a reproduzir a categoria social objetiva. Dessa forma a família tem um papel fundamental na manutenção da ordem social, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. O arsenal de estereótipos sobre os quais se alicerçam as mensagens proferidas na televisão, que operam este movimento cíclico, ganha dimensão sem igual por estar em uma mídia de alcance tão abrangente como a televisão. Além do evidente alcance geográfico televisivo, Bourdieu (1997)¹³ também aponta para o papel decisivo que a televisão tem de formar consciências. Dessa forma, julgo interessante e importante analisar a idéia de família veiculada pela mensagem televisiva, bem como os valores por ela formulados visto que quase todos os programas de televisão abordam a questão da família direta ou indiretamente¹⁴. Ademais, como argumentam alguns autores citados anteriormente, a mídia é capaz de sinalizar rapidamente mudanças na dinâmica familiar pela sua própria lógica de produção pautada na velocidade.

¹³ No item anterior, “A televisão como um objeto a ser pensado” argumentei sobre como alguns autores percebem a televisão e seu papel, dentre eles mostrei a perspectiva de Bourdieu.

¹⁴ De fato, podemos observar a família sempre presente na programação televisiva de todos os gêneros e na mídia impressa em geral. Como exemplo, podemos citar a telenovela *Cabocla* (Rede Globo de Televisão) que mostrava a rivalidade entre duas famílias, os programas *Bem Família* (Rede Bandeirantes) e *A grande Família* (Rede Globo), assim como o encarte *Família* do Jornal *O Globo*.

Distribuição dos capítulos

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos. Em “Afinal, que programa é esse?” situo a atração televisiva como um *talk show* e abordo este formato de programação, características, lógica de funcionamento etc. *Casos de Família* também apresenta elementos semelhantes a outro tipo de programação, a saber o *reality show*. Assim mapeio seu surgimento, identifico e analiso as semelhanças entre os formatos. Também traço um pequeno histórico do programa, criação, objetivos e propostas.

No capítulo 2, “Por trás das câmeras: a produção do programa televisivo ou a “família” nos bastidores”, analiso as informações sobre a produção e realização do programa, obtidas através da observação participante e das entrevistas elaboradas junto às pessoas envolvidas na produção, visto que, além da imagem transmitida, é necessário que se reflita sobre a construção dessa imagem.

Os capítulos três e quatro tratam mais pontualmente as questões relativas à família tal como representada no programa, bem como a imagem de conjugalidade formada a partir destas. Em “Etnografia de um *talk-show*: *Casos de Família*” traço um perfil das famílias apresentadas no programa, em especial no que se refere aos arranjos conjugais.

Já em “A imagem da conjugalidade em *Casos de Família* e o discurso dos especialistas” concentro-me na análise da leitura da imagem e mensagem veiculadas no programa. Aqui aponto o modelo ideal de conjugalidade traçado por *Casos de Família*, bem como os estereótipos que representam os papéis feminino e masculino. Neste sentido, me pauto em grande parte a análise no discurso da apresentadora, Regina Volpato, e dos especialistas em comportamento¹⁵. Os casos apresentados e as

¹⁵ Psicólogos que atuam no programa.

intervenções da platéia (que é espectadora direta e pode ser considerada telespectadora do programa) também contribuem de diferentes maneiras para a formação dessa imagem, assim serão retomados nesta parte.

Nas “Considerações finais” retomo o rumo dos argumentos utilizados no decorrer da dissertação e os articulo em um fechamento.

I - AFINAL, QUE PROGRAMA É ESSE?

1- Sílvio Santos: de camelô a empresário do entretenimento

Como observa Elias (1995) a obra de Mozart não pode ser dissociada de seu criador e da figuração no qual está inserido, sem que se cometa o erro de atribuir tamanha produção a simples genialidade de quem a produziu. Esse erro ignora os condicionantes sociais da produção e privilegia o ponto de vista genético (ou fantástico), como se alguns possuíssem atributos em sua constituição orgânica que justificassem a magnitude de suas obras. Indivíduo e sociedade são indissociáveis. Segundo Waizbort (1999) a respeito de Elias não há “indivíduo” dissociado de “sociedade”, só há “indivíduo” na “sociedade” e, por sua vez, “sociedade” no “indivíduo”. Não se pode separar a obra do autor, ou seja, daquele que o produziu, sua trajetória, aspirações, contexto etc., enfim, o produto do campo no qual foi produzido. Dessa forma, a separação entre a figura de Sílvio Santos, o SBT e o campo midiático torna-se quase impossível. Provavelmente grande número de pessoas conhece ou já ouviu falar da estória do camelô que se tornou dono de um grupo considerável de empresas, incluindo uma emissora de televisão.

Senor Abravanel (nome de batismo de Sílvio Santos) começou sua atividade de vendedor aos catorze anos de idade como camelô da Avenida Rio Branco, vendia canetas esferográficas e carteirinhas para título de eleitor. Sua forma de vender e se comunicar chamaram a atenção do chefe de fiscalização dos camelôs que o indicou para o emprego de locutor na Rádio Guanabara. Em 1950, Sílvio Santos foi para São Paulo trabalhar também como locutor na Rádio Nacional, e até 1958 fez “pontas” na

televisão e foi ajudante de animador no programa *A Praça da Alegria*, apresentado por Manoel de Nóbrega.

O desdobramento de sua carreira sempre conciliou seu lado de vendedor e de animador, e em 1957 adquiriu o Baú da Felicidade de seus criadores originais, em troca de uma dívida por anúncio no programa que ele apresentava junto com Manoel da Nóbrega na Rádio Nacional. A história que o animador conta é um pouco distinta desta:

“... o Baú era um negócio de um alemão, em sociedade com o Manoel de Nóbrega... O alemão era muito desorganizado e não conseguiu entregar os presentes, o Nóbrega estava devolvendo o dinheiro do bolso dele. Eu tinha gravado o texto de propaganda do negócio. O Nóbrega nem ia lá no Baú. Então um dia ele me pediu, por amizade, que tomasse conta do Baú para ele...Eu não queria aquilo, estava com o negócio da falhinha, mas o Nóbrega pediu, insistiu, lá fui eu. Bem administrado era um grande negócio”. (Mira: 1995, 13)

Com o dinheiro adquirido com a venda de carnês do Baú, Sílvio Santos comprou, em 1962, um horário na antiga TV Paulista para um programa chamado *Vamos Brincar de Força*, sucedido pelo *Pra ganhar é só rodar* que, inicialmente, era destinado apenas aos anúncios do Baú. Desde então, seu patrimônio pessoal cresceu muito e o empresário foi adquirindo outras empresas, acumulando riquezas e formando o Grupo Sílvio Santos.

Em 1966, o apresentador migrou para o horário de domingo com o programa *Música e Alegria*, transmitido pela Rede Globo. Em 1968, o horário foi ampliado e o programa passou a durar seis horas e a se chamar *Programa Sílvio Santos*, chegando mesmo a ter a duração de 10 horas e se tornando o programa mais longo da televisão mundial.

Sílvio Santos constrói sua trajetória midiática paralelamente ao desenvolvimento da televisão no país. Na década de 60 a televisão torna-se um veículo de massa importante, os programas de auditório experimentam uma ascensão e ocorre um *boom* desse tipo de programação com *O Céu é o Limite*, apresentado por Aurélio Campos e recordista de audiência, a *Discoteca do Chacrinha*, com Abelardo Barbosa, as *Noites de Gala*, com Flávio Cavalcante entre outros. Na década seguinte, os programas de auditório e os humorísticos entram em declínio, quase desaparecendo da televisão. Embora alcançassem altos índices de audiência, este gênero de programa televisivo, ao lado dos chamados “enlatados”, foi alvo de grandes críticas que apontaram para a má qualidade da televisão. Mira (1995) observa que, de acordo com a crítica da época, “comunicação” era sinônimo de “apelação”. Reportagens da imprensa generalizavam os programas de auditório destacando o “sensacionalismo”, a “vergonha da televisão” e o “mundo cão”. Apresentadores, produtores e emissoras se defendiam argumentando estar fazendo o que “o público gosta”. Tupi e Globo assinam um acordo visando limitar os abusos cometidos em prol do aumento da audiência. Em 1972, a ditadura militar sanciona uma medida que determina que todas as emissoras deveriam gravar antecipadamente os programas de auditório submetendo-os à autocensura ou a censura oficial. A caça aos programas de auditório estava declarada e, em nome da modernização, buscava-se uma melhor qualidade da produção, o que significava também abolir os programas de auditório e modificar a linguagem. Assim a Globo institui seu padrão de qualidade desvinculado da audiência, um padrão “civilizatório”, contrário aos programas ditos “popularescos” ou de “baixo nível” vistos como “degradantes” para a formação do homem brasileiro típico, de acordo com a ideologia do Estado autoritário. Em 1980, a Rede Tupi é declarada extinta após longo período de crise e endividamento.

Observando este movimento e temendo que seu contrato com a Globo não fosse renovado Sílvio Santos adquire, secretamente, em 1973, 50% das ações da “Rádio e Televisão Record”. Em 1975, o empresário/apresentador adquire a concessão de seu primeiro canal, a TVS, canal 11 do Rio, e termina seu vínculo com a Rede Globo. Adquirir a concessão do canal não foi tarefa fácil, precisou modificar a imagem estereotipada de ex-camelô, “fanfarrão”, “brincalhão”. O animador e a assessoria de imprensa do Grupo tiveram que mostrar e provar que ele era um empresário sério até que, após a segunda tentativa para adquirir a concessão, Sílvio Santos obteve a autorização. Em 1980, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e a Televisão Manchete conseguiram a concessão de duas novas redes e com a anexação das TV Tupi, TV Piratini, TV Marajoara, TV Continental e TVS o Sistema Brasileiro de Televisão alcançou as dimensões de uma rede nacional. Em 19 de agosto de 1981, o SBT exibiu, ao vivo, a cerimônia de sua própria criação.

“Um fato até então inédito em todo o mundo marcou essa solenidade. A TVS Canal 4 de São Paulo colocava no ar, ao vivo, em cores, as imagens da assinatura desse contrato, ou seja, as imagens de seu próprio nascimento... Essa é a razão pela qual se comemora a data de 19 de agosto de 1981 como o efetivo nascimento do SBT, e não 22 de dezembro de 1975, quando surgiu a TVS canal 11 do Rio, a primeira emissora conquistada. É que em 19 de agosto de 1981 o SBT adquiriu, verdadeiramente, as dimensões de uma Rede Nacional de TV.”
(Silva, 2002: 104)

O SBT surge com a tônica do popular, seja pela constituição da grande maioria do seu quadro de funcionários que pertencia às classes populares, cuja trajetória era semelhante, e muitas vezes, colada àquela do patrão Sílvio Santos, seja pela larga experiência profissional na produção de programas ditos “popularescos”.

A preocupação era a de ter contato direto com o público, um público pertencente em sua maioria às classes C e D, que assiste e enfileira o auditório dos programas do SBT até hoje:

“O público é o público do SBT, um público, na realidade, formado por mulheres, mais donas de casa, porque é o público do Sílvio Santos (...)O público que assiste “Casos de Família ” acho que é o público C e D, essencialmente mulheres e em uma idade que varia de 30 a 50, acho que 60 anos.” (Melissa Ribeiro¹⁶)

É neste universo que se insere o programa de televisão *Casos de Família* aqui analisado.

2- *Reality show* ou *talk show*: a realidade construída em *Casos de Família*

Jost (2004) afirma que para categorizar o gênero de um programa é necessário um conhecimento prévio sobre ele. Segundo o autor o gênero permite à televisão agir sobre a forma de recepção do telespectador, dando um direcionamento em sua interpretação.

Sobre os gêneros cinematográficos, Brasil (2003) argumenta que estes se caracterizam pelo “grau de realidade” que conseguem alcançar junto ao espectador. No *site* oficial do SBT *Casos de Família* é um *talk show*, um formato que guarda muitas semelhanças aos chamados *reality shows*, um tipo de atração em grande expansão na atualidade e que nos familiarizamos a partir de exposições como *No*

¹⁶ Produtora e assistente de direção de *Casos de Família*

Limite, Big Brother, Casa dos Artistas, Ídolos etc. Convém, dessa forma, alguns apontamentos sobre estes dois gênero que ganham cada vez mais espaço e audiência nos canais televisivos, principalmente o último.

O *talk show* estreou na televisão na década de 1960 com *The Tonight Show* (1954) na rede NBC, apresentado por Steve Allen e depois por Jack Paar. A atração televisiva *Bate Papo com Silveira Sampaio* inaugurou o *talk show* na televisão brasileira e serviu de inspiração para os programas subseqüentes apresentados por Jô Soares e Ferreira Neto, ambos, aliás, antigos colaboradores de Silveira Sampaio.

O *talk show* é guiado por uma série de princípios que o distinguem de qualquer outro formato televisivo como novela, reportagem ou *game show*, além da proposta diária de debates, segundo Timberg (2002). Ademais, uma série de mecanismos televisivos são acionados para que as conversas no palco pareçam espontâneas, são contudo sempre planejadas e estruturadas dentro dos limites do formato e prática do *talk show* em questão.

Para Timberg, existe uma diferença entre *TV talk* e *talk show*. *TV talk* é um termo muito mais amplo que engloba todos os tipos de debates na televisão: “*cooking shows, book-review shows, station announcements, home shopping channels, Miss América pageants, live political investigations like the watergate and Iran-Contra hearings.*” (Timberg: 2002, 3)

O *talk show* é, em contraposição ao *television talk show*, uma atração televisiva inteiramente estruturada ao redor da ação de conversar. Assim, o primeiro axioma do *talk show* é a presença fundamental de um anfitrião (ou grupo de anfitriões) responsável pelo tom e direção, além de estabelecer limites e um ponto-de-vista a conversa. O outro princípio do *talk show* é a questão da experiência da conversação no tempo presente, e a sensação de intimidade e cotidiano que isso provoca. A ilusão de intimidade do

momento é fundamental para as histórias e a continuidade da relação entre apresentador e audiência. Esses aspectos que anunciam uma intimidade e interatividade ao vivo, aproximam os *talk shows* dos *reality shows*, gênero que abordaremos adiante.

Observa o autor que cada vez mais, nos EUA, o *talk show* é usado como um “produto de uso doméstico”. A segmentação e proliferação do gênero acirram a concorrência e cada apresentador, a todo o momento, trata de valorizar seu próprio “produto doméstico”.

Com relação aos *reality shows*, Kilborn (1994) e Vilches (1996) salientam que são formatos híbridos de gêneros diversos – melodrama, documentário, show de calouros, noticiário, gincana, videoclipe e, poderíamos também acrescentar, *talk shows* –, e uma tendência relativamente nova na programação. Esses programas têm como protagonistas pessoas anônimas, ordinárias (*apud* Freire-Medeiros e Bakker, 2005).

Esse gênero televisivo surgiu na Europa, no final dos anos 60, nos canais públicos da Alemanha, Inglaterra e França, desembarcando nos EUA nos anos 70 com a estréia de *An American Family* (1973). A proposta do programa era a de apresentar o cotidiano de uma família supostamente convencional, cujas estrutura e relações entre os membros seriam espelhos das famílias americanas. Pode-se argumentar, assim, que as representações de família estiveram presentes desde o início da construção deste formato televisivo.

Este misto de debate, ficção e reportagem, observa Beylot (1997), é original porque se baseia em episódios autênticos, que buscam reconstruir fielmente e indivíduos comuns com os quais os telespectadores se identificam facilmente. Esta é mais uma aproximação entre os gêneros abordados.

Aliás, como salienta Andrejevic (2004), o apelo para o real e a interatividade mostra-se como a promessa de um formato único em que o espectador participa da construção do programa e se vê nele, deixando sua posição aparentemente passiva de mero membro da audiência, característica também dos chamados *talk shows* como *Casos de Família*.

Beylot (1997) ressalta a ambigüidade desta “autenticidade” posto que, embora os fatos sejam reais e estejam no âmbito cotidiano de pessoas comuns, a narrativa dos fatos é uma reconstrução baseada no relato dos participantes.

“Ora, a “autenticidade” alegada pelos *reality shows* constitui um valor de referência eminentemente ambíguo: os fatos evocados realmente aconteceram e estão ligados à realidade cotidiana dos cidadãos comuns. Porém, “reconstruir” um acontecimento não tem nada de neutro ou de espontâneo: esses relatos que, segundo seus promotores, estão isentos dos artifícios de direção que caracterizam o relato ficcional, na verdade, respondem a esquemas narrativos clássicos”. (Beylot, 1997: 53)

Oficialmente *Casos de Família* busca retratar “a verdade”, mas esbarra na própria impossibilidade de realizar tal empreitada. O que não o torna menos atrativo ou menos interessante, a questão é que se trabalha não com “a verdade”, mas no plano da construção de uma narrativa e de uma imagem dos fatos apresentados, de acordo com os argumentos utilizados pelas partes, pela platéia, pela apresentadora e pelo especialista de plantão. A própria apresentadora do programa ressalta essa procura da produção de mostrar um retrato do que seria o Brasil:

“Outra coisa que eu acho muito interessante e que aí tem um efeito positivo e um negativo, negativo porque instiga o preconceito, mas positivo porque é assim que é, é que ali tem

um retrato da sociedade brasileira. Eu não sou padrão de brasileira, nem você, imagina você que está fazendo mestrado, nós não somos o retrato do Brasil. Não digo nem que a gente é minoria, digo que a gente é coisinha desse tamanho (faz gesto com os dedos indicando uma porção minúscula). O brasileiro é aquilo, tem aqueles valores, pensa daquele jeito, tem aqueles sonhos, tem aqueles objetivos. Então, assim, quer conhecer o Brasil? Assiste *Casos de Família*: o sotaque, o português, a gíria, a maneira de se vestir, tudo! Tanto que às vezes eu fujo do tema, aí eles apresentam uma plaquinha assim “assunto”. Porque o que ele está falando é tão interessante sabe? (...) Tinha uma mulher que falava: “_ Ah, eu não vou dar quarenta para os meus filhos comerem? Mas o que é quarenta? Quarenta é uma polenta que se come no interior do Nordeste, que é feito assim, feito assado. Mas por que se chama quarenta? “Olha! Ta bom, então vamos voltar para o tema”. Assim se conhece o Brasil, né? Pelas pessoas. Então, isso eu acho que é a grande contribuição do *Casos de Família*. Eu acho que mais que um programa de entretenimento a gente contribui para isso. Essa é a cara do Brasil, essas são as nossas necessidades. O retrato de tudo que é feito na política está aqui. Essas pessoas vivem a falta de tudo aquilo que a gente sabe que falta, mas a gente não vivencia e eles vivenciam e isso influi na moral, nos costumes, na saúde. É impressionante! É impressionante como essas pessoas vivem à margem.”

E prossegue:

“Eu acho que é um retrato do Brasil porque pela pirâmide, quando você pega faixa etária, nível de escolaridade, cor da pele, todos esses dados, você vê ali no papel em dados, em estatística o que você vê em carne e osso em *Casos de Família*. Quando você pensa na pirâmide, de como é formada a sociedade brasileira, você vê ali. Não sei quantos por cento possuem nível médio, não sei quantos por cento nível superior, não sei quantos por cento analfabetos, mas você vê em estatística. A cara está ali no palco. E além da cara tem o vocabulário, o jeito de se vestir, os valores, tudo aquilo que a gente, eu pelo menos, só conhecia de estatística.”(Regina Volpato)

O que Regina Volpato vê no palco e que julga ser “o retrato do Brasil” é a possível imagem veiculada pelas mídias e está longe de dar conta de toda a diversidade nacional. Pode ser um retrato da periferia de São Paulo, onde são selecionados os casos

e onde vivem migrantes de diversas partes do Brasil. No decorrer da entrevista a apresentadora tem a percepção deste aspecto:

“Porque agora falando com você eu fico imaginando..., eu assisti a um documentário, há um tempo atrás, sobre as mulheres que vivem na floresta, nas redondezas de Manaus. Imagina o *Casos de Família* lá. Então, talvez seja muita ignorância minha achar que essa periferia de São Paulo reflete o Brasil todo, porque é tão grande e tão diferente que eu não tenho nem noção do que eu vou encontrar caso eu vá para Manaus, Recife, entendeu? Vai saber, né?”(Regina Volpato)

Mira (1995) observa que durante a ditadura militar foi posta em ação uma campanha de integração nacional via mídia, projeto este que elaborou um perfil do que seria o “homem brasileiro”. As conseqüências deste intento são percebidas até hoje na televisão, seja na forma de “*a gente se vê por aqui*”, *slogan* da Rede Globo, ou no conteúdo dos próprios programas e novelas. Regina Volpato, mesmo sem se dar conta, assim como outros profissionais da mídia, compartilha a imagem elaborada neste projeto. No entanto, refletindo mais sobre a questão a apresentadora percebe que o que está no palco talvez não seja um retrato fiel de Brasil tão generalizante quanto supunha, visto que a diversidade enorme de nosso país não pode ser simplesmente resumida à periferia de São Paulo. Ademais, a imagem transmitida não é aquela que ela vê no palco. O “Brasil” que a apresentadora entra em contato ali no programa é mediatizado pela tela e conduzido por suas perguntas, ou seja, é uma imagem construída sobre a vida dessas pessoas a partir do que dizem no palco e não um espelho ou retrato do cotidiano delas.

Segundo Beylot (1997), o *reality show* faz parte de um movimento na televisão que começa nos anos 1980, cuja meta não é difundir um patrimônio cultural, ou mostrar

o extraordinário, como revelou Bourdieu (1997), mas sim constituir um espelho do cotidiano.

“Deixa de ser uma “janela aberta para o mundo” para explorar a intimidade dos casais e das famílias.”(Beylot, 1997:53)

Prossegue o autor argumentando que a ilusão de realidade se deve a alguns ingredientes tais como mostrar a vida de pessoas comuns com as quais os telespectadores se identificam facilmente, a mobilização de emoções, os efeitos visuais que interpelam o telespectador, a escolha das histórias e participantes.

“E eu acho que você está em casa tranquilo, você se identifica com o programa. Quem é que não tem um conflito com o marido, com o filho, porque a gente trata basicamente disso, dos conflitos familiares, são temas de todo dia, são coisas que atingem qualquer classe, qualquer idade em qualquer nível.” (Anahy D’Amico¹⁷)

As estratégias utilizadas nos *reality shows* em busca da “autenticidade”, da “verdade”, são percebidos imediatamente pelo telespectador mais atento e crítico, observa Beylot (1997). No entanto, o autor ressalta que nem todos os telespectadores são semelhantes e há os que se deixam levar pela sedução e emoção do “pseudo real”. Assim, esse produto pode aumentar as diferenças entre os telespectadores que possuem manancial cultural capaz de relativizar o que vêem e os desprovidos de ferramentas que possibilitem esse olhar crítico. Sutilmente distinto é o pensamento de Andrejevic (2004) que supõe que longe de perceber a “realidade” oferecida pelos *realities* como “verdade absoluta”, o telespectador não só percebe aquela realidade como uma construção, como

¹⁷ Psicóloga que atua em *Casos de Família*.

também reivindica participação nessa construção, seja diretamente no espetáculo, ou indiretamente através dos diversos mecanismos de interação disponibilizados pelas emissoras. Ao analisar um “*reality de interação*”, o *Extreme Makeover* e suas relações com as questões que tangem a identidade e sistemas peritos na modernidade, Baker e Freire-Medeiros observam que:

“Trata-se menos de uma falsificação do que da *produção*¹⁸ de um real cujo elemento de sedução se encontra na capacidade que programas como *Extreme Makeover* têm de concentrar, em contextos e situações bastante “irreais”, fluxos de emoções que são legítimos porque emanam de indivíduos empíricos e não de personagens ficcionais.” (Baker e Freire-Medeiros: 44, 2005)

O que *Casos de Família* e *reality shows* como *Perdidos de Vista*, *Testemunha Número 1* ou *O Amor em Perigo*, assinalam não é só uma cumplicidade com o público, ou um compartilhamento de sentimentos e histórias íntimas, ou ainda uma proximidade com o cotidiano dos telespectadores. É mais do que isso, eles criam a ilusão (ou não) de um contato com os problemas das pessoas, transmitem a sensação de que a televisão se importa com elas, com seus problemas e tenta resolvê-los. (Beylot, 1997)

“O programa deseja, a princípio, que as pessoas entendam que todos os problemas são iguais para todo mundo, independente da sua faixa etária, da sua classe econômica. Acho que o objetivo é esse, para as pessoas olharem e perceberem que a minha história, que eu posso estar em uma casa muito bacana, é igual à daquela pessoa que é mais simples, porque quem se dispõe a falar sobre seu problema é a classe mais baixa, a classe alta não vem falar de seus problemas, até porque como a classe C e D eles moram mal e, assim, isso é uma coisa que a gente aprendeu com as entrevistas que todo mundo mora perto, todo mundo mora junto, então eles não tem a idéia de privacidade que a classe mais alta tem que é aquela coisa de que você não

¹⁸ Grifo dos autores.

sabe o que se passa na casa do seu vizinho. Mas entre eles todo mundo sabe o que se passa na vida de todo mundo, porque eles moram assim, a mãe mora na frente, o pai atrás e a irmão na parte de cima da casa, então a idéia deles de privacidade é muito diferente da nossa. Assim é meio que fazer as pessoas perceberem que os problemas são todos iguais e as pessoas se identificarem, e de uma maneira ou de outra, discutindo esses problemas se tenta ajudar quem realmente passa por isso e acha que não tem solução, que não tem saída.” (Melissa Ribeiro)

Para além de julgamentos valorativos, argumentam Freire Medeiros e Baker, os *reality shows*, podemos incluir *Casos de Família*, são produtos que atestam, usando uma expressão de Badiou (2002), uma “paixão pelo real” e apresentam uma roupagem inédita contemporaneamente, pois questionam as fronteiras entre o público e o privado. Posição semelhante manifesta Hamburger (2002), ao analisar artigos da revista inglesa *Screem* (39:1) sobre a morte da Princesa Diana, sugerindo que a experiência real guarda especificidades que nenhum espetáculo substitui. O que faz com que o telespectador queira muitas vezes realizar o que a autora chama de “rompimento epistemológico”, utilizando a definição de Silvertone¹⁹. O desejo de participação, da experiência física pode motivar as pessoas a abandonarem a postura passiva de telespectadores para participarem dos diversos programas televisivos, e/ou manifestações públicas. Ao ceder a esse desejo, as pessoas estariam de alguma maneira realizando um deslocamento da representação para a experiência real. A questão da experiência, de sentir-se parte do espetáculo é a tônica desses produtos. Os *reality shows* promovem a idéia de comunicação imediata e de preocupação com a experiência cotidiana, compartilhando histórias íntimas e é exatamente este caminho que *Casos de Família*²⁰ explora.

¹⁹ Professor de *Media and Communication* na *London School of Economics and Political Science*.

²⁰ Para o SBT, o programa “traz temas do cotidiano que vão ressaltar as emoções dos participantes presentes no palco, da platéia convidada e dos telespectadores que estão em casa, resgatando valores sem apelar para provocações ou escândalos.” In: www.sbt.com.br/casos_familia

“Eu acho que tem muitas razões. Eu acho que aparecer na televisão, ganhar um dinheiro porque eles recebem para vir, a novidade e, eu acho, que vêm também em busca de uma possível solução. Porque muitos não têm como procurar uma ajuda psicológica, psiquiátrica e a gente acaba encaminhando para lugares gratuitos. Então, eu acho que eles vêm em busca de uma luz. Aparecer na televisão e também em busca de uma luz.”
(Anahy D`Amico)

Ou nas palavras da produtora e assistente de direção do programa:

“Bom, têm aquelas pessoas que vão porque querem aparecer na televisão, mas têm aqueles que realmente vêm isso como uma chance de entender o que estão passando. Por que essas pessoas não têm acesso a um psicólogo, se têm é em um posto de saúde, onde é muito raro. Então, elas sentem uma necessidade de falar, porque são pessoas que não têm para quem contar. Eles têm a família, mas são pessoas que têm a mesma visão que eles. Eu lembro que uma vez entrevistei uma senhora que falou assim: _Eu estava na minha casa, filha, rezando tanto, chorando tanto e foi Deus que mandou essa menina de tanto que eu rezei! Nessas horas você pensa: Isso é muito bacana! Porque tem gente que vem com o propósito de entender o que está acontecendo na vida dela, porque está passando por aquilo e o que ela pode fazer para mudar ou aceitar sem tanto sofrimento.”
(Melissa Ribeiro)

Casos de Família e reality shows diluem as fronteiras entre realidade e ficção, público e privado, o que torna os debates em torno dessa temática em certa medida improdutivos. “Paixão pelo real”, promessa de participação ao vivo, possibilidade de interação, de comunicação imediata, ênfase no cotidiano, sensação de intimidade e preocupação com problemas de indivíduos comuns, esses são os elementos formadores e responsáveis pelo sucesso do programa que atingiu, logo na estréia, a média de 8 pontos na audiência e atualmente chega a atingir 10²¹. No entanto, mais do que uma manipulação maniqueísta, como podem julgar os críticos da televisão em geral e os críticos dos *reality shows* e, particularmente, de *Casos de Família*, o programa presta

²¹ Fonte: Ibope

um serviço interessante e importante na perspectiva daqueles que o produzem e que dele participam. Ademais, como observa Andrejevic (2004), Freire-Medeiros e Backer (2005), além de Beylot (1997), longe de serem expectadores ingênuos e passivos os telespectadores e participantes de programas de televisão, há muito socializados com o mundo televisivo, não tomam o que é exibido na “telinha” como “a verdade” intocada, entendem que o que aparece é uma construção de imagens que serve a determinado propósito, a saber, cativar e consolidar cada vez mais a audiência. Além disso, os telespectadores não só percebem essa construção como também almejam seu lugar nesse produto e, conseqüentemente, participam do programa com um propósito, seja ele qual for – aparecer na televisão, encontrar ajuda etc. Por outro lado, aqueles que assistem podem perceber que outros compartilham os mesmos problemas e observam no programa questionamentos e possíveis caminhos para sua solução. Solução esta pautada em um determinado modelo de família que pode ou não ser aceita pelos participantes e telespectadores.

3- A história do contador de histórias: retrospectiva de *Casos de Família*

“Na televisão nada se cria, tudo se copia”, poderíamos dizer que esta célebre frase de Abelardo Barbosa, o Chacrinha, exprime bem a dinâmica televisiva. Contudo ao copiar, tudo se transforma. Formatos são reciclados, recriados, reinventados, modificados, vendidos e importados. Como outros *talk shows* e atrações televisivas, *Casos de Família* não é uma criação original do SBT, como aponta a produtora do programa:

“Olha, na realidade esse programa segue a forma de um programa peruano chamado *Mônica* que o Sílvio Santos foi participar de uma feira de televisão latino-americana e comprou essa forma deles, que é uma forma que já existe há muito tempo. Já foi feito aqui, anteriormente, era o programa da Márcia. Têm uns programas feitos nos Estados Unidos que são bem antigos, mas ele comprou essa forma desse grupo de peruanos. Eles vieram para o Brasil instalar o programa, isso foi... eu cheguei aqui em fevereiro de 2004, eles chegaram aqui acho que foi em janeiro de 2004 para implementar esse projeto. Eles ficaram uns 6, 7 meses aqui até eles ensinarem toda a técnica de ir atrás dos casos, o posicionamento da apresentadora e depois eles foram embora. A gente fez algumas mudanças porque a gente achava que talvez com a televisão peruana funcionasse aquilo, mas que para nós não funcionaria e aí demos seqüência e o programa já está há mais ou menos 2 anos e meio no ar. (Melissa Ribeiro)

Casos de Família estréia em 18 de maio de 2004, um programa que pretende retratar situações do cotidiano vividas por indivíduos anônimos²². O programa é exibido de segunda à sexta feira, de 16h15min às 17h15min²³ e apresentado pela jornalista Regina Volpato. A apresentadora compunha o núcleo de jornalista da *Band News* quando foi convidada a fazer testes para apresentar uma nova atração da emissora rival, SBT. Como dito pela produtora e assistente de direção de *Casos de Família*, o formato do programa foi comprado e se chamava *Mônica* na versão original, no contrato de venda algumas exigências foram feitas e o grupo peruano veio ao Brasil implementá-las, mostrar como operavam na busca de casos, como deveria ser o cenário, a proposta do programa e o perfil de apresentadora para a atração. Regina Volpato apresentava as características necessárias para o comando do programa, pois era mulher na faixa dos 30 anos, mãe e jornalista e, após alguns testes, logo tornou-se a nova contratada da emissora.

²² “Os protagonistas de cada uma das histórias relatadas, são pessoas anônimas que revelam seus sentimentos com sinceridade e verdade”. In: www.sbt.com.br/casos_familia

²³ O horário da atração sempre oscilou entre 16 horas, 16h30min e 17 horas. Recentemente o programa passou a ser veiculado às 18 horas, concorrendo com novelas e demais atrações de outras emissoras no mesmo horário. Ainda assim o programa alcança a vice-liderança na audiência.

O *site* da emissora informa que “o programa se propõe a ser um *talk show* diferente que retrata a vida de cidadãos comuns com realidade e sensibilidade²⁴”. E a fórmula é a de reunir pessoas em torno de um determinado assunto para criar o debate e dramatizar as situações dos envolvidos. Isto não é novo e outros programas já se notabilizaram²⁵:

“*Geraldo, Lerry King, a própria Oprah, no começo e o Ricki Lake* são esses programas, que têm nos Estados Unidos há muito tempo, e que é a mesma forma da *Mônica*, no Peru, e que é vendido para vários países da América Latina.”(Melissa Ribeiro)

Analisando as questões da cultura e da modernidade, assim como o processo de mundialização da cultura, Ortiz (1995) observa que a telenovela é um ótimo exemplo desse fenômeno. Para serem exportadas as telenovelas brasileiras sofrem um processo de compactação *merchandising*, artimanhas para prolongar a história e características demasiadamente brasileiras são abolidas num mesmo pacote. Assim, a compactação de novelas para torná-las palatáveis ao espectador internacional, passa por um processo que as transforma em um produto popular internacional, sem uma localização específica, um produto desterritorializado. No entanto, Ortiz observa tal fenômeno na década de 80, atualmente isso pode ter mudado e produtos locais, ao serem exportados, podem influenciar contextos diversos e longínquos. Ademais, não se pode apagar o lugar onde a trama acontece e, em algumas obras, isto é fundamental! Entretanto, ressalta-se diferenças significativas na exportação de produtos midiáticos. No caso das telenovelas, o conteúdo e o formato são exportados. Por outro lado, quando somente o formato é

²⁴ In: www.sbt.com.br/casos_familia

²⁵ De acordo com o site da emissora: “*Casos de Família* chega às tardes da televisão brasileira para inovar o formato dos *talk shows*, que já fazem sucesso na televisão mundial há mais de 30 anos. Um programa forte, que vai mexer com a opinião do público telespectador.” Idem

comercializado, talvez haja mais espaço para uma reelaboração e resignificação locais. Assim, novela difere de *talk show* e demais produtos semelhantes em sua exportação, pois já está pronta, não é refeita. Figurinos, atores etc.; vem direto do país de origem. Neste processo apenas a língua, as gírias e as expressões são alteradas. Por outro lado, os *talk shows* oferecem maior liberdade de adaptação, pois somente o formato é comprado, a produção é realizada no país que o importa: apresentador, cenário, situações sociais, participantes etc. Chegando ao seu destino, alguns desses programas sofrem modificações relevantes de acordo com o contexto que o acolheu. *Casos de Família, Mônica* na versão peruana, sofreu algumas mudanças fruto de reflexões dos diretores do SBT e produtores do programa, de acordo com características observadas como locais e pela proposta que procuravam dar a recente aquisição, como argumenta a produtora e assistente de direção do programa:

“No visual da apresentadora, era uma maquiagem muito carregada, o figurino que é o que a gente vê muito em novela mexicana, que é aquela coisa muito forte. Segundo, que no conteúdo eles seguiam aquela forma de bate-boca no programa, agressão jamais, mas assim de bate-boca de discussão, da platéia levantar e fazer perguntas agressivas, e isso a gente achou que não dava, que não era bacana, que já tinha sido feito anteriormente com outros programas neste mesmo estilo. Não era isso que a gente queria fazer, não era essa a nossa proposta. Então, a gente fez só essas alterações para tornar o programa mais leve e que qualquer pessoa pudesse assistir, sem achar que aquilo era ofensivo, grotesco. Foi por aí.” (Melissa Ribeiro)

A emissora brasileira manteve algumas particularidades do programa peruano:

“Então, era um psicólogo ao final do programa que falava sobre todos os casos. A disposição dos convidados no palco, isso é exatamente como eles formularam lá. A gente comprou a forma pronta. A estruturação é assim, a gente tem uma equipe de

mais ou menos uns trinta pesquisadores que vão as ruas procurar essas histórias.” (Melissa Ribeiro)

Uma das características marcantes do programa e que se manteve é a participação de um psicólogo para aconselhar os participantes nas querelas familiares. No começo o programa utilizava um psicólogo diferente a cada dia, mas a direção sentiu a necessidade de uma personalização, de um profissional que pudesse ser identificado pelo público como “o psicólogo” de *Casos de família*. Este deveria ter os mesmos pontos de vista e linhas de ação da produção e após algumas tentativas foram selecionados dois profissionais: Dr^a Anahy D’Amico e Dr^o Ildo Rosa. A primeira, participa do programa desde seu início, o segundo há pouco mais de um ano.

Assim, o programa chegou à grade de programações do SBT adaptando-se as supostas características brasileiras e, principalmente, modelando-se as exigências da emissora; flexibilidade que é possível e previsível quando se trata da importação de formatos. Esta é uma prática cada vez mais recorrente no meio televisivo, como podemos observar em atrações como *Big Brother*, *No Limite*, *Super Nani* etc.

4- Sobre temas, cenários e abertura

Cada emissão aborda uma questão diferente das relações familiares e conjugais²⁶, procurando normalização ou harmonização entre as partes envolvidas no conflito - “a intenção é orientar e até mesmo solucionar os casos apresentados, contando

²⁶ “Diariamente, o programa traz temas do cotidiano que vão ressaltar as emoções dos participantes presentes no palco, da platéia convidada e dos telespectadores que estão em casa, resgatando valores sem apelar para provocações ou escândalos. (...) Além, dos convidados, a platéia também participa ativamente do programa com opiniões e perguntas sobre as histórias relatadas.” Idem

com a participação de um profissional especializado em comportamento”²⁷. Por exemplo, os conflitos familiares já foram embutidos em temas como “Ela quer tudo do jeito dela”, “Minha mulher não é mais minha companheira”, “Minha mãe se comporta como uma garota”, “Ela tem mania de fazer regime”, “Ela não é boa mãe”, entre outros.

O programa é estruturado em quatro blocos de aproximadamente 13 minutos cada, intercalados por comerciais e anúncios de produtos e medicamentos para beleza, planos de cirurgia plástica e artigos eletrônicos. Do primeiro ao quarto blocos os participantes expõem seus problemas e no decorrer do programa, a apresentadora e a platéia os fazem perguntas e opinam sobre as situações apresentadas. No último bloco, o especialista em comportamentos (psicólogo) faz o diagnóstico dos casos e aponta soluções. Em seguida, a apresentadora aglutina os relatos, dando explicações ou sugestões de caminhos a seguir para a resolução das questões apresentadas.

Como o público do SBT é majoritariamente feminino e pertencente às camadas C e D, o horário para a apresentação do programa foi estudado para que pudesse atrair esse público que supostamente teria maior interesse neste tipo de emissão.

“O horário foi uma conversa dos peruanos com o Sílvio Santos, e aí eles acharam que o horário da tarde, porque eles queriam pegar as donas-de-casa, seria o melhor horário, porque provavelmente à noite você tem muita novela, homem em casa que quer ver jornal, quer ver futebol. Então, não é um horário que é dominado pelas mulheres. Acredito que tenha sido isso, primeiro eles pensaram no público para depois chegar ao horário.”

E continua:

“Hoje, a gente descobriu que tem muito jovem que assiste o programa o que foi uma surpresa, a gente não...não era essa a intenção.” (Melissa Ribeiro)

²⁷ Idem. Este profissional a que se referem é, em geral, um psicólogo.

Abordando a questão da recepção, Prado (1999) chama a atenção para as diversas possibilidades de apreensão do conteúdo televisivo por diferentes telespectadores. Já Hamburger (2005) argumenta sobre as disjunções que podem ocorrer nas relações entre meios de comunicação e consumidores em uma sociedade de massa, ou seja, as divergências e/ou convergências que assinalam a relação entre público visado e público atingido. A mensagem pretende atingir um telespectador estereotipado da classe C, mas acaba promovendo um *multiólogo* atingindo diversos setores da população. Embora não seja o alvo principal, espectadores de outras classes, gênero ou idades, também são bem vindos. Prado enfatiza que do lado do telespectador pode haver tanto consentimento, aceitação, identificação quanto resistência, repulsa e rejeição.

Outros componentes fundamentais de qualquer atração televisiva são o cenário e a abertura, estes serão mais bem explorados no capítulo II. No momento, basta, preliminarmente, entender que estes caracteres não se constituem da mesma forma, embora busquem enfatizar aspectos familiares. O cenário não sofreu modificações, pois fazia parte do formato adquirido da televisão peruana e busca reproduzir a sala de estar de uma casa, procurando, assim dar um tom de familiaridade e conforto aos seus participantes para que estes se sintam mais “à vontade” ao relatar suas experiências.

“O cenário reproduz uma sala, como se a pessoa estivesse na sala da casa dela. Com se a Regina estivesse na sala da casa dela entrevistando as pessoas, para passar essa idéia mesmo de casa, de conversa, de bate-papo.” (Fabiano Pascarelli²⁸)

A abertura foi uma das modificações elaboradas pelos produtores e mostra cenas do cotidiano de Regina Volpato, procurando transmitir uma proximidade e identificação entre a apresentadora e seus espectadores.

²⁸ Produtor de *Casos de Família*.

“A abertura a idéia era mostrar o dia-a-dia da Regina, que é uma pessoa comum que levanta, dá café da manhã para a filha, leva a filha e o cachorro para passear, leva a filha para escola. Era mostrar como a apresentadora é uma pessoa tão comum como os casos que participam, como da platéia, como das pessoas que estão em casa assistindo. É tudo gente normal, aqui não tem estrela, não tem gente com mais problema ou menos problema, é tudo gente normal conversando com respeito, só isso!” (Regina Volpato)

Miceli (1972), ao analisar o programa de Hebe Camargo, observa que um dos aspectos necessários ao sucesso da produção e da mensagem que procura transmitir apoia-se na veiculação da imagem da apresentadora como “uma igual” perante os telespectadores que assistem a atração ou participam na platéia. Hebe Camargo trata seus telespectadores com docilidade e inclui-se em seu universo através, por exemplo, da utilização do pronome “nós” ressaltando a proximidade entre ela e seu público. A apresentadora de *Casos de Família* também procura criar essa imagem acionando características comuns ao seu público alvo, formado principalmente por mulheres donas-de-casa. Na condução do programa, Regina Volpato trata seu público e participantes de forma a incluir-se em seu mundo: “nós mulheres; a gente que é mãe etc.” Assim, Regina Volpato resalta sua vivência pessoal nos papéis de “mãe”, “dona-de-casa”, “moderna”, “saudável”, “bela” como pontos cruciais na elaboração do que é “ser mulher”.

Neste capítulo, procurei mostrar as proximidades entre *talk shows* e *reality shows*, ressaltando as características de *Casos de Família*. Também abordei rapidamente a história de Sílvio Santos e do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), bem como a do próprio programa. No próximo capítulo, irei tratar da minha experiência no trabalho de campo realizado na sede do SBT, em São Paulo.

II- POR TRÁS DAS CÂMERAS: A PRODUÇÃO DO PROGRAMA TELEVISIVO OU A “FAMÍLIA” NOS BASTIDORES

Telles aponta para a centralidade do visual no processo cultural, cognitivo e perceptivo da humanidade. Prossegue o autor entrando no campo da Antropologia Visual (ou da Imagem), dividindo-a em dois focos:

“(…) um que discute o uso do material visual na pesquisa antropológica e o outro que estuda sistemas visuais e a cultura visual (produção e consumo de textos visuais)” (Telles, 2005:47)

A presente pesquisa se inscreve nas fronteiras da antropologia audiovisual (em sua vertente que trata da produção e consumo de textos visuais) e da antropologia de comunicação de massas. Como enfatizado anteriormente, trata-se aqui, de analisar as imagens (e mensagens) produzidas pelo programa de televisão *Casos de Família*. Nelas busco entender como são veiculadas as relações conjugais e, portanto, qual é o modelo de família conjugal concebido e transmitido pela mídia televisiva aos telespectadores.

Analisar imagens não é tarefa fácil e Peixoto aponta para esta problemática, observando que os pesquisadores estão mais familiarizados com a linguagem escrita e menos com a linguagem das imagens o que torna difícil “ler antropologia na imagem”. Para se familiarizar com tal linguagem e aprender a interpretá-la é necessário que se visualize intensivamente imagens e que se indague sobre elas. “Ler imagens” requer que se observe seu sentido, seu significado.

“Para tal, há de delas se aproximar, detalhar esses sinais por meio de outras fontes: o trajeto do olhar, as impressões visuais globais, as rupturas ou contradições entre o que é percebido e o que é compreendido. E isso é muito mais amplo do que uma

simples leitura. Desse modo, “ler” e “imagem” devem ser mutuamente re-vistos, pois a expressão só tem sentido na condição de lembrarmos que a imagem não é um texto sem palavras e que “ler imagens” é diferente da leitura que se faz de um texto em que decodificamos cada signo buscando seu sentido; é, principalmente, a análise do conjunto desses signos e de sua produção.” (Peixoto, 1991:222)

Assim, é também necessário observar o que está além do que é mostrado na tela, a realidade contínua da imagem que ultrapassa o produto final exibido. É preciso refletir, como observa Bourdieu (1997), sobre o processo de elaboração da imagem, como ela foi produzida, a lógica de seleção dessas imagens o que vai ou não ser transmitido, veiculado. O autor alerta para o poder que a televisão possui de fazer com que a imagem veiculada seja percebida como o real em si, criando com isso a “ilusão de realidade”, sem que se observe ou reflita sobre o processo de construção daquela imagem²⁹. Assim, enfatizo a necessidade e urgência de se estudar o que está nos bastidores das produções televisivas, além da própria imagem em si.

Neste sentido, buscarei neste capítulo observar os bastidores do programa *Casos de Família* do SBT, sua produção, a seleção dos temas, dos casos, enfim a construção das imagens que vão para o ar. Para isso, realizei pesquisa de campo nos estúdios da produção do programa, na sede do Sistema Brasileiro de Televisão, em São Paulo, procurando observar as gravações e a dinâmica dos relacionamentos e entrevistar os principais atores da produção de *Casos de Família*.

²⁹ Deve-se observar que embora a imagem seja única para todos a recepção não se dá de forma una e homogênea. Diversos pesquisadores - entre os quais poderíamos citar Prado (1999 e 2003), Almeida (2003 e 2003a), Leal (1995) etc. - enfatizam a pluralidade e multiplicidade de significados atribuídos a partir da recepção de conteúdos televisivos, o que limita “o poder televisivo” do qual se referiu Bourdieu e teóricos apocalípticos - vide Eco(1979).

1- Considerações iniciais

Acerca do ofício de etnólogo, DaMatta argumenta que só é possível através de um duplo movimento sintetizado nas fórmulas:

“(a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico”³⁰. (DaMatta, 1978:28)

Assim, o primeiro movimento do etnólogo consiste em um esforço de tentar entender uma cultura que lhe é estranha para melhor conhecê-la e desvendar seu mundo social. O segundo movimento ocorre quando o pesquisador debruça-se sobre sua própria sociedade e busca despir a capa de familiaridade, tentando estranhar o que lhe é “natural”. De certa forma, senti-me realizando os dois movimentos ao entrar nas instalações do SBT, em São Paulo, isto porque estas duas transformações estão intimamente ligadas: “o exótico nunca pode passar a ser familiar; e o familiar nunca deixa de ser exótico.” (DaMatta: 1978, 29) Dito isto, para tentar demonstrar e traduzir minha experiência no campo recorro inicialmente a dois autores que me inspiraram: Malinowski e Velho.

Segundo Malinowski (1984), o verdadeiro saber científico forma-se a partir da observação direta e resulta de longo período de convivência, bem como a relação de proximidade com o grupo estudado. A etnografia não deveria ser fruto de reflexão a partir de dados de viajantes ou questionários; esta etnografia de gabinete deveria ser abandonada pela “aventura” desbravadora de atravessar oceanos e se deparar com todo um universo cultural distinto daquele a que pertence o pesquisador. Uma experiência reveladora, interessante, no entanto, desagradável em diversos momentos e onde o pesquisador deve tentar lidar com os percalços e dificuldades existentes. Ainda que já

³⁰ Grifo do autor.

bastante citada, esta observação de Malinowski é um referente para nós, jovens antropólogos:

“Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. Tendo encontrado um lugar para morar no alojamento de algum homem branco - negociante ou missionário – você nada tem para fazer a não ser iniciar imediatamente seu trabalho etnográfico. Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar – pois o homem branco está temporariamente ausente ou, então, não se dispõe a perder tempo com você. Isso descreve exatamente minha iniciação na pesquisa de campo, no litoral sul da Nova Guiné.” (Malinowski, 1984:19)

De certa forma, senti-me como Malinowski ao adentrar no complexo de estúdios, salas de produção, praça de alimentação, restaurantes, área administrativa etc; que formam a sede do SBT. Esta sentença poderia causar espanto, já que com toda a velocidade e desdobramentos advindos da modernidade estamos, em grande parte, mais ou menos, familiarizados com o mundo da televisão. Somos diariamente bombardeados por uma inflação de imagens e informações que mal temos tempo de digerir. A televisão faz parte de nossa vida e reservamos a ela espaço privilegiado na mobília de nossa sala de estar, tanto que organizamos este espaço em função dela, dispomos cadeiras e poltronas a sua frente como forma de demonstrar nosso devotamento ao mundo que nos traz na tela. Afinal, quem nunca se viu com o *jingle* da *net virtua* na cabeça, ou quem não se viu às voltas com questões sobre quem matou Taís, a gêmea má de Paraíso Tropical³¹?

³¹ Paraíso Tropical foi uma telenovela brasileira exibida e produzida pela Rede Globo em 2007. Veiculada no horário das 21 horas e de autoria de Gilberto Braga e Ricardo Linhares, a trama tinha como personagens centrais as gêmeas Paula e Taís (Alessandra Negrini) e o romance de uma delas, Paula, com

Ademais, os entrevistados são meus contemporâneos, alguns da mesma geração, e todos compartilham o mesmo código cultural. Assim, minha experiência poderia ser também entendida como uma experiência próxima, como a relatada por Velho (2002) ao estudar camadas médias urbanas.

“As preocupações, os temas cruciais são, em geral, comuns a entrevistados e entrevistador. A conversa não é sobre crenças e costumes exóticos à socialização do pesquisador. Pelo contrário, boa parte dela faz referência a experiências históricas, no sentido mais amplo, e cotidianas também do meu mundo, e às minhas aflições e perplexidades.” (Velho, 2002:17)

No entanto, o que encontrei não foi bem isso, apesar do universo não me ser totalmente estranho. Além disso, a experiência que aqui relato não se localiza meramente na questão da imagem em si ou sobre o mundo dos produtores, mas diz respeito a um mergulho no universo onde elas são fabricadas. Trata-se da observação do campo de trabalho dos produtores, dos pesquisadores de casos, da apresentadora, dos psicólogos, dos câmeras, enfim, do aparato que está por trás das imagens finais que assistimos na tela, deliciados em nossas poltronas nas tardes de segunda à sexta-feira. Ou seja, a entrada em um mundo que me era estranho, embora seu produto – atrações televisivas - seja familiar, assim como para a grande maioria dos telespectadores.

Ademais, outras ressalvas deverão ser feitas. Não poderia dizer, por exemplo, que minha experiência junto aos produtores de *Casos de Família* foi longa e extensa como as de Velho e Malinowski. Nem tampouco tenho a pretensão de dar conta de todos os aspectos da vida desses produtores, ou mesmo, de entender por completo a

Daniel (Fábio Assunção). Separadas na infância as gêmeas se reencontram já adultas. A gêmea má, Taís, é a algoz da própria irmã e suas armações constantemente prejudicam Paula. Sua misteriosa morte alavancou a audiência da telenovela que no último capítulo alcançou um pico de 62 pontos e uma média de 60 pontos, superando a audiência da antecessora *Páginas da Vida* que atingiu apenas 53. O momento alto da trama foi a revelação dos crimes do vilão Olavo (Wagner Moura), assassino de Taís.

complexidade do mundo televisivo. Acompanhei apenas o desempenho de seus papéis profissionais durante curto período de tempo, determinado por dois fatores: a permissão da produção que restringia minha permanência no local da filmagem e o custo elevado da estadia em São Paulo.

2- Descrição do campo

O desejo irrealizável de total separação entre saber e poder, pondera Sinder (2002), acaba por construir um espaço suspenso de onde se fala e a reforçar a autoridade de quem fala ou em nome do que se fala. Neste sentido, Mills (1965) enfatiza a necessidade de uma reflexão constante do pesquisador sobre sua prática e seus valores, observando que eles estão presentes até mesmo na escolha do objeto e questões encaminhadas a ele, sendo só assim possível alcançar uma objetividade relativa. Dessa forma, retomando Sinder (2002), apontar a presença do autor no texto não significa escapar deste mecanismo de produção de verdade, mas observar a possibilidade de redistribuir tais narrativas segundo novos eixos.

“A função-autor, ocupada pelo sujeito, pela cultura, pela estrutura ou ainda pelo texto, pode ser entendida como a instância capaz de aprisionar a polissemia da realidade. Questioná-la, deixá-la de lado não significa pretender ingenuamente a possibilidade de se ter o desaparecimento das coerções, mas sim que estas irão constituir-se enquanto um novo sistema. Tanto a narrativa literária quanto a etnografia efetuam experimentos neste sentido. (...) Apontar para estas possibilidades significa reconhecer a continuidade da fabricação, da invenção do conhecimento.” (Sinder, 2002:113)

Assim, a busca por isentar-se do texto é inútil e infrutífera. Refletir e esclarecer sua posição no campo e no texto etnográfico produzido a partir deste deve ser uma

constante e, esta é uma empreitada que busco seguir. Neste tópico, procuro descrever e interpretar minha estada no campo, bem como as relações que nele travei.

Após meses de tentativas, enviando e-mails e telefonando insistentemente para o setor responsável pela seleção dos temas sugeridos pelos telespectadores, consegui o primeiro contato com uma das produtoras do programa *Casos de Família*. Logo depois do contato e de responder a alguns trâmites burocráticos da empresa, consegui a permissão para ir à São Paulo assistir a uma das gravações do programa, bem como realizar entrevistas. Acredito que a acolhida amistosa que tive se deve em parte ao fato de ser estudante de mestrado em Ciências Sociais – e não de Comunicação - de uma universidade pública (UERJ), disposta a estudar o produto que veiculam na televisão brasileira e de ter vindo do Rio de Janeiro para isso. De fato, notava certo espanto a cada vez que me apresentava para um novo contato.

Assim, realizei trabalho de campo no Sistema Brasileiro de Televisão durante os dias que correram entre 26 de Julho e 5 de Agosto de 2006. Foram quase duas semanas, das quais me foi permitida ir somente três dias aos estúdios. As impressões, dados, relatos foram obtidos neste período de observação da produção do programa, assim como as entrevistas com os membros da produção, com a psicóloga que orienta os participantes, e com a própria apresentadora, Regina Volpato. Devo ressaltar que o tempo de pesquisa, embora curto, me possibilitou entender diversas questões sobre os bastidores do programa e sobre a própria emissora. Além disso, como nos mostra Goldenberg (2001), não se pode formular regras precisas de como pesquisar ou realizar um estudo de caso, pois cada entrevista ou observação é singular. Sem regra estabelecida, a pesquisa pode durar pouco ou muito tempo, dias, semanas, meses ou anos.

O SBT é composto por um conjunto de edificações situados no km 18 da Rodovia Anhanguera. O prédio principal, uma edificação de forma retangular, é formado por quatro estúdios, sala de figurino, sala de criação de cenários, praça de alimentação e diversas salas de produção divididas de acordo com as atrações da emissora. Um dos estúdios (o estúdio 4) é exclusivo para as gravações dos programas apresentados por Sílvio Santos, os outros programas entram em uma escala de revezamento nos outros estúdios, respeitando os dias de gravação. As gravações de *Casos de Família* são realizadas todas as quintas e sextas-feiras, das 14:00h às 19:00h, geralmente no estúdio 1 ou 2.

Inicialmente permitiram que assistisse a gravação do dia 28, uma sexta-feira. Levei uma amiga para fotografar enquanto eu realizava as entrevistas e fazia anotações. Chegamos ao SBT por volta das 8:00hs e esperamos até o horário marcado, 11:00hs, quando um membro da equipe de produção veio nos encontrar, solícito se transformou em meu primeiro “informante”. Percorremos as áreas de produção e criação, passamos pelo setor de fabricação dos cenários, pela sala de figurino, pelos estúdios de gravação de outros programas: *Super Nani*, *Cristal* e *Topa ou não topa* (que até então não havia estreado). Fotos nestas áreas não foram permitidas. Devo ressaltar que minha visita ao SBT foi orientada por ele, que também forneceu os documentos que selecionei, além de marcar as entrevistas. Certamente essa foi uma forma de acesso à empresa e provavelmente ela determinou e restringiu o que investigar.

Depois deste *tour*, fomos para a sala de produção de *Casos de Família*, onde se situa a administração e o setor de pesquisa. Ali realizei a entrevista com este jovem produtor que mostrou-se muito nervoso, tímido, trêmulo e respondendo com pausas longas, ao que me parece, procurando as palavras adequadas. Fui constantemente interrompida durante esta entrevista: por um coordenador de pesquisa, por telefonemas

e até pela produtora que deveria ter me recebido. Após estas interrupções o produtor sugeriu que déssemos prosseguimento à entrevista na sala do diretor do programa.

O ritmo do que é exibido na televisão pressupõe a velocidade com uma inflação de imagens e sons³², esta característica pauta também a produção destas imagens. Bourdieu (1997) argumenta acerca dos mecanismos de funcionamento do campo televisivo e seus efeitos. A lógica de produção televisiva promove, de acordo com o autor, uma grande pressão pelo que é “extra-ordinário”, uma homogeneização da produção e uma falta de autonomia para seus produtores. Outro efeito ocasionado pelo índice de audiência é a pressão pela urgência, pela rapidez, pela velocidade. Percebi um desconforto e espanto recorrente em meus entrevistados quando observavam minhas longas folhas de roteiro para entrevista. Embora tenham respondido todas as questões com boa vontade, mostravam-se um pouco impacientes com a entrevista longa e demorada. Esse ritmo acelerado da televisão³³, por outro lado, causou-me desconforto e me senti “perdida” em certos momentos. O ritmo do pensamento, o ritmo da academia é distinto do mundo televisivo, requer tempo para sua elaboração³⁴.

Após esta entrevista, iniciei segunda com uma outra produtora e assistente de direção. Mais comunicativa que o anterior e mais antiga no programa, ela forneceu maiores detalhes de sua criação. Também estava nervosa e tremia muito, mas respondeu com mais certeza, se mostrando segura quanto às informações fornecidas. Não consegui terminar a entrevista neste dia já que a gravação ia começar e tínhamos que descer para o estúdio. Lá ficamos do lado direito do palco, onde também fica o psicólogo de plantão que aconselha os envolvidos nas querelas familiares.

³² Sobre este aspecto ler Melo (1978) e Peixoto (1999)

³³ Sobre pensamento e televisão ler Bourdieu (1997)

³⁴ Há hoje um movimento que pressiona a produção acadêmica, cada vez mais obrigada a se adequar às normas e prazos cada vez menores, pois como tudo na modernidade o pensamento também sofre a pressão da urgência, da rapidez.



Ao fundo, sentada a mesa, a psicóloga enquanto espera para entrar no ar. Em pé de blusa laranja, Fabiano Pascarelli, produtor do programa. No banco a direita, em frente ao palco, a apresentadora. Atrás de Regina Volpato, a platéia e a sua frente os participantes do dia.

São gravados três programas por dia. Neste dia, pude assistir somente aos dois primeiros cujos temas eram: “Você tem que parar de colocar defeito em si mesma” e “Não sei como você inventa tanta doença”.

Todas as quartas-feiras, Regina Volpato recebe da produção do programa uma ficha-resumo sobre cada caso a ser apresentado. Ela mesma redige as perguntas dirigidas aos participantes sobre o tema. Algumas perguntas são elaboradas pela direção que, neste dia, era de Melissa Ribeiro. Cartazes acionados por membros da produção indicam quando as perguntas devem ser interrompidas para chamar o segundo participante, o intervalo ou a propaganda. As filmagens são feitas sem interrupção, quase não há edição, exceto quando apresentadora gagueja ou erra. Entre uma gravação

e outra há um intervalo de 15 à 20 minutos que são utilizados para troca de roupa, retoque de maquiagem e cabelo. Tudo é muito rápido como manda o ritmo televisivo.

Antes da entrada da apresentadora, um membro da produção explica para a platéia o que será feito no dia, o número de gravações, os temas abordados, os casos e, principalmente, as perguntas a serem evitadas, ofensas ou agressões também não são permitidas. Alguns minutos depois Regina Volpato entra e é ovacionada pela platéia. Ela cumprimenta todos, abraça aqueles que já conhece, tira fotos e explica novamente o que foi dito pela produção, enfatizando como devem ser feitas as perguntas aos convidados, proibindo palavrões, perguntas e/ou colocações pejorativas, e nada de piadinhas sobre os casos das pessoas em cena.



A apresentadora dá as regras para a platéia

Essas recomendações são uma clara tentativa de diferenciar o programa de seus predecessores, considerados de má fama. *Casos de Família* busca uma linha mais comportada, avessa aos famosos “barracos” incentivados por outros apresentadores de programas com platéia.

“No conteúdo eles seguiam aquela forma de bate-boca no programa, agressão jamais, mas assim de bate-boca de discussão, da platéia levantar e fazer perguntas agressivas. E isso a gente achou que não dava mais, que não era bacana, que já tinha sido feito anteriormente com outros programas neste mesmo estilo e não era isso que a gente queria fazer, não era essa a nossa proposta. Então, a gente fez só essas alterações para tornar o programa mais leve e que qualquer pessoa pudesse assistir sem achar que aquilo era ofensivo, grotesco foi por aí.”
(Melissa Ribeiro)

O programa entra no ar. Os participantes são chamados para entrar em cena.



Os participantes entram para relatar suas histórias



Regina Volpato conduz as perguntas aos convidados que estão no palco a sua frente.

Alguns membros da produção não entendiam o que eu estava fazendo ali, mas não se opuseram. A presença do pesquisador sempre causa muito embaraço e estranheza. Como ressalta Goffman quando “(...) um indivíduo chega à presença de outros, estes geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem.” (Goffman, 1985) Essa busca por informação é usada pelos indivíduos para definir a situação, a partir de um conhecimento prévio do que se pode esperar um do outro, manipulando esse conhecimento na forma de agir para obter a reação desejada. Os contatos que tive no SBT, acionavam a todo momento o conhecimento que possuíam sobre meu trabalho como forma de controlar impressões e mostrar a imagem que desejavam e que autorizavam registrar/observar. Tive algumas restrições e nem tudo me foi permitido. Por exemplo, não pude fotografar o interior dos outros estúdios, a sala de figurinos etc³⁵. Também não me cederam a relação dos temas abordados pelo programa desde a sua criação até o momento e isto por determinação do diretor. O SBT tem uma política de não permitir gravações de suas produções, assim não me deram cópias dos programas anteriores, da mesma forma que não tive acesso à documentação sobre o surgimento do SBT e de *Casos de Família*. Finalmente, me forneceram somente um trecho do livro de Silva (2002) que é responsável pela parte de marketing do próprio SBT, na qual relata a formação da emissora.

A entrevista com Regina Volpato correu tranqüilamente e ela manteve o mesmo tom de voz usado no programa.

“Meu nome é Regina Volpato, tenho 38 anos. Sou formada em Relações Públicas pela Universidade de São Paulo e fiz jornalismo na Universidade Anhambí / Morumbi. Mas, eu só fiz jornalismo por uma necessidade do mercado, porque para você exercer a profissão de jornalista precisa do diploma. Mas, toda a minha formação cultural, toda a minha vivência de biblioteca,

³⁵ Permitiu-se somente fotografar o estúdio onde *Casos de Família* é filmado. Fotos nas dependências externas também foram realizadas com algumas restrições.

minha paixão pelos livros, foi do primeiro curso que fiz quando tinha 17 anos. O outro, eu fiz porque precisava. Minha chefe falou, na época eu trabalhava na Fundação Roberto Marinho: “_ Se você quiser continuar na carreira, você vai precisar do diploma. Por que jornalismo aconteceu na minha vida? Por acaso. Assim, eu fazia comercial para televisão, gostava de vídeo e uma vez me chamaram, por engano, para apresentar uma matéria para concorrer a uma vaga de repórter em um programa da Fundação Roberto Marinho. E aí eu falei: “Ah, nada é por acaso!” Fui lá, tentei, fiz a matéria, me aprovaram. Meu primeiro trabalho como jornalista foi na Fundação Roberto Marinho. Era muito interessante! A gente só entrevistava alunos que tinham concluído o primeiro grau e o segundo grau através do telecurso. Aquele curso que passava de manhã na Globo. Então, a gente viajava o Brasil todo, mas principalmente interior de São Paulo, por uma questão de custos, entrevistando alunos que tinham se destacado. Ou porque tinham enfrentado muitas dificuldades e tinham conseguido, então a história é boa, ou como o Vicentinho. Eu entrevistei o Vicentinho, que hoje é político, Vicentinho da CUT, entrevistei ele quando concluiu o primeiro grau pelo telecurso, quando ele concluiu o segundo grau pelo telecurso e quando ele falou que ia tentar uma faculdade. Hoje ele é formado em Direito. Então, eu entrevistava essas pessoas. Aí acabou o projeto, a Fundação. Uma hora o dinheiro acaba, o programa sai do ar. Daí eu fui para Rede Bandeirantes, trabalhei lá como repórter, como apresentadora do tempo, como âncora, editora do *Band News*. Até que eu recebi um convite para vir para cá, para fazer um teste. Tudo que eu fiz, até hoje na minha vida, foi teste (risos). Para fazer um teste para apresentar um programa que era segredo. Eu vim, fiz cinco testes, teste de vídeo, teste fotográfico, sabe, se eu fotografava bem, de que lado que era melhor. Por último, a última etapa do teste, porque foi se afinando, no final tinha duas concorrentes, eu e uma outra, e a etapa final era apresentar um programa como o que tem hoje no ar. E aí desde então eu estou aqui.”

Ao final ela disse que achava esta pesquisa importante e só me concedeu a entrevista porque era para fins acadêmicos, pois a recusava a revistas cuja linha editorial não seguia seus critérios e concepções de estilo de vida. Regina Volpato procurou mostrar-me que compartilha mais do estilo de vida daqueles que vão ao programa e não do “mundo de celebridades”, pois para ela a vida não fora fácil, teve dificuldades financeiras e só comprou seu primeiro carro com mais de 30 anos.

No dia seguinte, entrevistei a psicóloga Dr^a Anahy D`Amico. Enquanto esperava solicitei alguns dados para a produção e me cederam somente uma parte deles. O SBT possui certas burocracias e restrições para divulgação das informações internas dos programas.

Muito simpática e controlada, a psicóloga respondeu bem tranqüila as perguntas. Após a entrevista, ela me deu o telefone de sua casa para esclarecimentos posteriores. Disse que eu tinha sorte, pois outra pessoa já havia tentado realizar uma pesquisa sobre o programa e teve seu pedido negado. Despedimo-nos e fui até o estúdio para agradecer e me despedir da produção.

3- Da seleção dos temas a participação no programa

“Os temas a gente tira da nossa vida mesmo. Às vezes, a gente chega aqui e na segunda-feira, é sempre na segunda-feira que decide os temas que vamos passar para nossa equipe pesquisar. Então, às vezes em um almoço de família surge algum tema. E também sugestão dos estagiários, da equipe de pesquisa, eles sempre passam uma lista de temas para a gente. Como eles estão em contato direto com as pessoas, eles têm sugestões, têm idéias que passam pra gente e em uma reunião decidimos quais temas a gente vai gravar.” (Fabiano Pascarelli)

“Os temas eles surgem da nossa experiência pessoal, é impressionante! Eu vou passar o fim de semana na minha casa, eu venho com 3, 4 temas na minha cabeça e falo “_ Ai gente, minha mãe está inconformada porque meu irmão se separou e ela quer que ele volte de qualquer jeito para mulher dele”, isso já é um tema “Quero que meu filho volte com minha ex nora”. E é assim que surgem os temas, de nossas famílias, de nossas experiências. E, às vezes, estão na rua e eles ouvem alguém contando uma história, eles vêem que isso dá um tema e aí chegam e falam “_Olha Melissa Ribeiro eu vi que tem muito caso assim, vamos fazer um tema?”, e aí vai. Mas os temas são experiência de vida da nossa família, impressionante, mas é verdade!(rs)” (Melissa Ribeiro)

Além das experiências pessoais da equipe de produção, outras mídias como jornais e revistas femininas são consultados para ajudar a pensar e elaborar temas. Além disso, o programa *Casos de Família* tem um *site* na internet que sugere que as pessoas contem suas histórias e proponham temas para debate. Tudo indica que recebem poucas sugestões do público por este meio, pois dado que são, majoritariamente, mulheres entre 30 e 50 anos, pertencentes às classes C e D e moradoras da periferia de São Paulo, é possível que tenham pouco ou nenhum acesso à internet.

Às segundas-feiras, o diretor (Galvão França) e os produtores do programa (Camila Massarelli, Solana Ribeiro, Melissa Ribeiro e Fabiano Pascarelli) se reúnem para decidir os temas que serão dados para a equipe de pesquisadores. Esta vai às ruas a procura de histórias exemplares para serem abordadas no programa.

“Bom, tem uma equipe de 30 pessoas na rua pesquisando esses temas, divididos em cinco grupos, são estagiários de rádio e TV. Tem alguns que já são assistentes de produção, que já foram contratados pela empresa. Eles ficam na rua, pesquisando em todos os lugares da cidade, eles vão pesquisando para achar as pessoas que se encaixam nos temas que a gente passou para eles. (...) A gente sempre senta segunda-feira, define os temas, depois a gente faz uma reunião com os chefes de grupo para passar esses temas para eles e o que a gente espera que venha nesses temas, a gente dá uma explicação do que tem que ter para eles poderem pesquisar direitinho.” (Fabiano Pascarelli)

Esses estagiários saem às ruas com temas pré-estabelecidos. No entanto, encontram situações que muitas vezes não correspondem ao que buscam, estas não são descartadas e são enviadas para a produção que aproveita as histórias mais interessantes. Os pesquisadores estabelecem redes de colaboradores e têm contatos nos bairros em que o programa recruta seus participantes e esses, por sua vez, se encarregam de encontrar perfis compatíveis ao tema.

“Na verdade, o primeiro contato que eles têm em um bairro, eles tentam pelas associações de bairro, igrejas ou em algum comércio. Porque ninguém entra sozinho numa favela por uma questão de segurança isso nunca é feito. E assim, tem gente que se interessa em se tornar um contato do programa e tem gente que não. Essas pessoas acabam trabalhando em conjunto com eles. Eles nunca entram na favela sozinhos, marcam com a pessoa e aí andam aquilo tudo com a pessoa. Eles ligam para esses contatos e falam os temas que estão trabalhando. Às vezes, eles encontram uma pessoa que não se encaixa em nenhum daqueles temas e eles anotam e guardam aquela história e aí que eles sugerem um tema. Eles falam: “_ Olha Melissa, eu percebi que lá no bairro onde eu trabalho tem muito caso (sei lá) de alcoolismo, então seria bacana a gente fazer um programa sobre alcoolismo”. Esse primeiro contato nunca é assim eles vão e batem na casa das pessoas, até porque as pessoas não vão acreditar, não acham que é sério. Tem uma série de impedimentos para que isso seja feito assim na loucura.” (Melissa Ribeiro)

Há uma rede de informação que procura verificar se a história é verdadeira.

“(...) o mais difícil foi no começo fazer essas fontes. Hoje eles ligam e falam os temas que vamos trabalhar e as pessoas falam que conhecem alguém assim, então a gente tem muitas caravanistas que trabalham com a gente e que aí elas comentam “eu conheço alguém e tal...” e aí essa fonte vai entra em contato com essa pessoa e vê se ela tem interesse, liga para um pesquisador nosso e ele vai na casa das pessoas, conversa com os dois lados, vê se as pessoas querem vir e trazem...” (Melissa Ribeiro)

Além da equipe de pesquisa, o SBT exibe chamadas diárias, convidando os telespectadores a participarem do programa caso se identifiquem com o tema anunciado e eles podem, ainda, sugerir temas novos para serem abordados. Os interessados devem ligar para uma central telefônica, onde funcionários treinados ouvem as histórias, anotam e passam para a produção. Somente participam casos na cidade de São Paulo ou de algumas cidades próximas da capital devido ao custo da produção que limita os

gastos com deslocamento e estadia dos participantes, já que os carros da produção os buscam em suas casas.

Uma vez encontrados os candidatos a participantes do programa, estes são submetidos a uma série de testes para comprovar a veracidade de suas histórias. Documentos, fotos, cartas são consultados para comprovar a relação entre as partes envolvidas. Ambas as partes são entrevistadas em suas casas pelos pesquisadores e depois em uma sala da produção, por uma ou outra produtora. A entrevista é refeita e dados são confirmados ou rechaçados.

“(...) pegam o carro e vão lá buscar, trazem aqui para o programa e a gente refaz a entrevista, pega alguns detalhes, vê se as histórias batem, se não é armado, porque tem gente que arma, a gente já pegou caso que a pessoa falava uma coisa a outra entrava e falava outra. Então, você sabe que é caso armado porque as pessoas querem aparecer na televisão e a gente tem todo esse cuidado de fazer essa triagem e já pegamos caso falso no palco e cancelamos o programa, porque essa pessoa falava uma coisa e entrou e falou outra, o caso é falso e parou a gravação, cancelou o programa e dispensamos a pessoa. A gente tem todo um cuidado, eles passam por uma triagem lá, ou tem gente que mora no bairro e sabe que tem uma fonte, um pesquisador de *Casos de Família* que trabalha lá, então ele procura saber, “olha eu estou com um problema assim, eu sei que você trabalha para *Casos de Família* e eu queria participar” e aí se ele se encaixar vem e participa, é assim que é feito.”
(Melissa Ribeiro)

Como são sempre casos de conflito, as entrevistas com o “reclamante” e o “acusado” são realizadas separadamente. O procedimento não é filmado e os participantes assinam, no dia da gravação, um termo de compromisso da veracidade dos fatos e recebem um cachê fixo de R\$80,00.

Em geral, os produtores do programa recebem mais casos do que o necessário e então realizam uma triagem para decidir quais são os mais interessantes.

“A gente tem notas. A pessoa vem e na entrevista a gente dá uma nota assim: “essa história é muito boa, mas a pessoa não fala muito bem” ou, então “a pessoa fala muito bem, ela sabe expor seu problema”. Então a gente dá uma nota e separamos as melhores histórias que vieram para aquele tema. São sempre cinco casos no máximo, nunca tem mais de cinco, que são selecionados pelas notas que damos de acordo com o desempenho deles.” (Melissa Ribeiro)

Os critérios dessas notas são bem simples, os participantes devem “saber contar sua história” e esta deve ser “interessante”. Esse “saber contar sua história”, não é sinônimo de ter um vocabulário amplo e dominar bem a língua, mas de “falar bastante”, ser “extrovertido”, “saber vender o seu peixe”, tornar seu caso palatável, atrair o interesse do público sobre o que deveria ser, por definição, privado. A ordem de apresentação dos casos também segue essa premissa, a aparência física não conta.

“Física nenhuma. A gente procura colocar como primeiro caso do programa uma pessoa que a gente percebe que tem facilidade em falar, não é uma pessoa tímida, que não vai ficar nervosa e que não vai comprometer muito na hora. E aí deixamos as pessoas mais tímidas, que a gente percebe que na hora pode ficar nervosa, mais para o final do programa. Porque tem gente que senta e se abre, começa a contar e não para mais, ela fala bem e você percebe que aquela pessoa pode estar na frente da câmera ou não, que aquilo é dela, você sabe que ela vai falar bem. É claro que tem algumas pessoas que quando vem ao programa, vêem a platéia, vêem a apresentadora e surtam. Com muito tempo de entrevista você já percebe quando a pessoa é mais tímida ou menos tímida.” (Melissa Ribeiro)

Não há uma periodicidade para tratar determinados temas como, por exemplo, questões sobre “conjugalidade”, “relação pais e filhos”, estética e saúde etc. Eles são abordados aleatoriamente, como afirma Melissa Ribeiro:

“Não. O que a gente procura fazer bastante são temas voltados para a família. Temas de amigos a gente faz de vez em quando, porque o programa se chama *Casos de Família*. O que

pode acontecer é, por exemplo, a gente viu que essa semana a gente deu muito tema de marido e mulher, então a gente fala “vamos dar um tema de irmãos”, mas nunca tem estipulado por mês. Não é esse mês vai ser mais isso, não. Isso não acontece.”

Ou seja, embora não intencional percebemos que não há um equilíbrio, na apresentação mensal dos temas. Assim, para entender o “porquê” se enfatiza temas específicos em determinados períodos, seria necessário ampliar o foco da pesquisa para o contexto mais geral, realizando um estudo mais intenso e que demandaria tempo maior, para observar o mundo daqueles envolvidos na produção, o campo televisivo como um todo, o que estava sendo exibido pelas redes televisivas no mesmo período e analisar fatos que teriam ocorrido naquele momento e que estariam relacionados ao tema em destaque. Por enquanto, basta entender que não há intencionalidade nessas ênfases, embora elas ocorram, mas que são preocupações mais gerais e recorrentes com relação à família e que contribuem para formar um leque de questões relevantes e cruciais sobre problemas tratados, mostrando o que é ou não importante do ponto de vista da produção de *Casos de Família*. Ademais, a ênfase em determinados temas contribui para formar uma imagem de família ideal, na qual esses problemas devem ser superados em prol de um convívio familiar harmônico e é neste ponto que me pauto.

III- ETNOGRAFIA DE UM *TALK SHOW*: *CASOS DE FAMÍLIA*

1- Entre, a casa é sua!

Ao sintonizar o aparelho de televisão no SBT, de segunda à sexta-feira por volta das 16 horas³⁶, o telespectador³⁷ está diante de um cenário em tons pastéis que lhe é familiar, pois poderia ser um cantinho de sua sala de estar. Destaca-se, neste cenário, no primeiro plano, a apresentadora - uma mulher jovem, muito bem vestida e cujas palavras introduzem o telespectador naquilo que assistirá em seguida. Seus comentários servem para ambientá-lo, trazê-lo ao universo da problemática que será abordada, precedendo “o nosso tema de hoje é...” quando a apresentadora anuncia ao telespectador a questão em pauta naquele dia. O clima é de seriedade, embora revestido do sorriso de Regina Volpato.

Após essa introdução ouve-se uma música dinâmica que contrasta, em certa medida, com o tom de voz suave e constante da apresentadora. Tem início a abertura do programa e a música acompanha cenas da vida cotidiana de Regina Volpato em diversas situações³⁸. Regina Volpato está em um ambiente familiar, em pé diante de uma mesa, no que parece ser sua cozinha, dando café da manhã a sua filha. Ao fundo armários com prateleiras contendo copos, taças, potes etc. No mesmo, símbolos de modernidade e do estilo de vida a qual pertence a apresentadora, como um microondas e um laptop. Uma

³⁶ Como esclarecido em nota anterior, recentemente o programa passou a ser exibido às 18 horas.

³⁷ Vale assinalar que logo após anunciar o início de *Casos de Família*, os comerciais apresentados são o Redufin - medicamento que auxilia na redução de peso -, e Novex Chocolate - creme de tratamento capilar. Em 2005, o comercial anterior ao início do programa era o de um medicamento semelhante ao Redufin com o mesmo propósito, Bio Redux.

³⁸ Em março de 2006, durante a pesquisa, o programa ganhou novos cenário e abertura, descritos acima. A idéia original expressa permanece a mesma, a nova abertura busca apenas mostrar outras cenas do cotidiano da apresentadora e talvez aproximá-la mais de seu público. Em 2005 o programa iniciava-se com cenas de Regina Volpato sozinha, descontraída e sorridente. O nome do programa e da apresentadora estavam presentes durante toda abertura, em movimentos espirais. Em seguida, cenas da apresentadora em um contexto que representa o universo familiar.

geladeira duplex também compõe a cena. O colorido das frutas, sucos, pães e café que estão sobre a mesa contrasta com o branco da cozinha. A imagem se dissolve (*fade in*) em um retrato, a câmera faz um movimento de abertura e percebemos que o retrato é, na realidade, a janela de um prédio. À frente, vemos Regina Volpato e a filha passeando com um cachorro em um dia chuvoso, caminham em uma alameda arborizada, parece um parque. O mesmo *fade in* utilizado para a mudança de cena é acionado, mas desta vez o quadro da cena perde-se em um porta-retratos. Nova imagem: Regina Volpato aparece em um cenário de uma academia, trajando roupa de ginástica preta e exercitando-se. Nova mudança de cena e o mesmo movimento da imagem que se dissolve. Esta parece ser a técnica mais usada para a passagem de uma seqüência a outra. *Close* na capa de uma revista de título “Vida & TV”. *Zoom out* quando vemos Regina Volpato em nova cena do cotidiano de dona-de-casa, desta vez na feira, percorrendo as barracas de frutas e legumes. Sempre discreta e elegante, ela usa um vestido verde-claro de alças finas, carregando pacotes, aparentemente presentes. Outra mudança de cena e esta imagem dissolve-se na porta de um galpão. *Zoom out* e a apresentadora aparece dirigindo; chega ao trabalho, uma placa indica a direção dos “Estúdios, C. Cenográfica e Administração”. Corte e a cena agora se desfaz na lente de uma câmera e vemos a apresentadora em seu local de trabalho: sorridente e diante de seu público. Regina Volpato está no palco. Uma pirâmide em vermelho com listras horizontais surge na tela, letras em dourado anunciam o nome do programa: *Casos de Família*.

A abertura começa e termina com cenas da apresentadora que evoca a imagem de uma mulher bem sucedida no trabalho e na família, conciliando os dois papéis³⁹, em um quadro típico-ideal da mulher moderna.

³⁹ “Regina Volpato começou sua carreira na televisão como repórter da Fundação Roberto Marinho. Após essa enriquecedora experiência recebeu convite da Rede Bandeirantes para integrar o time de jornalistas da casa. A postura sóbria e imparcial, assim como a determinação para enfrentar novos desafios, levaram Regina Volpato a trabalhar como âncora do canal de notícias *Band News*.”

Para os produtores do programa a abertura é importante para mostrar que a apresentadora faz parte do mundo encenado.

“(…) a gente tem uma abertura nova desde janeiro que mostra o lado da Regina mulher, da Regina mãe. A Regina com a filha dela, ela dirigindo o carro, ela na banca de jornal, fazendo ginástica, então, mostra a Regina no dia-a-dia de mulher moderna.” (Fabiano Pascarelli)

O discurso da apresentadora reafirma a proposta da produção, procurando descaracterizar a construção dos personagens, especialmente a sua.

“A abertura a idéia era mostrar o dia-a-dia da Regina, que é uma pessoa comum que levanta dá café da manhã para a filha, leva a filha e o cachorro para passear, leva a filha para escola. Era mostrar como a apresentadora é uma pessoa tão comum como os casos que participam, como da platéia, como das pessoas que estão em casa assistindo. É tudo gente normal, aqui não tem estrela, não tem gente com mais problema ou menos problema, é tudo gente normal conversando com respeito, só isso!” (Regina Volpato)

Agora, Regina Volpato decide dar um giro de 180 graus em sua carreira ao assumir a condução de um *'talk show'*. Sua experiência como jornalista, sua sensibilidade como mãe e a sua maturidade são destaques na condução do bate-papo entre os convidados e trazem para a televisão brasileira um novo conceito na discussão de temas do cotidiano.” In: www.sbt.com.br/casos_familia



Seqüência das cenas de abertura de Casos de Família ⁴⁰

⁴⁰ As fotos foram tiradas diretamente do aparelho de televisão, peço desculpas pela péssima qualidade das imagens.

No entanto, esse quadro apresenta lacunas. Interessante observar que, na abertura, não existem cenas da vida conjugal, pois não aparece nenhuma figura masculina: falta um homem, um pai, para formar o retrato de uma “família feliz”. Regina Volpato encena quase todos os papéis femininos, mas falta-lhe o de esposa. Podemos supor que ela é divorciada ou que queira manter sua vida conjugal na privacidade, mas porque então apresentar uma face – mãe – da vida familiar? Será uma forma de sensibilizar o público, levando-o a acreditar que ela também é “gente como a gente”? De fato, na entrevista, ela expõe sua face de mãe e “mulher moderna e madura” que correspondem ao perfil de apresentadora idealizado para o programa. Essas características são exploradas como forma de ressaltar uma suposta sensibilidade feminina vinculada à maternidade. Além do mais, tais características são acionadas para promover uma aproximação entre a apresentadora e seu público, ou seja, mostram que embora seja uma pessoa pública o seu cotidiano e suas aspirações são semelhantes aos dos demais indivíduos. Esses aspectos serão abordados adiante.

Analisando o programa apresentado por Hebe Camargo, Miceli (1972) observa que, como a maioria dos outros programas, este procura reproduzir o espaço da sociabilidade burguesa por excelência – a sala de estar: sofás, tapetes, jarros de flores. Em *Casos de Família*, são as pinturas nas paredes, os bibelôs, vasilhos que enfeitam ampla estante situada ao fundo do cenário.



Cenário de *Casos de Família*

Na frente dela, estão os participantes sentados em cadeiras com estofados vermelhos, dispostas sobre um longo tapete vermelho. A “sala de estar” de *Casos de Família*, diferente da imponência do cenário do programa de Hebe Camargo⁴¹, procura criar um certo clima de informalidade propício à conversa que se pretende instaurar no programa. Nas palavras da produtora e assistente de produção:

“O cenário seria algo como a sala de estar da casa de uma pessoa, então você tem lá alguns objetos. Deixar como se as pessoas se sentissem nas suas próprias casas, porque a idéia é que as pessoas contem a sua história e para isso elas têm que se sentir a vontade, tranquilas em um ambiente agradável, a idéia é mesmo a sala de estar da sua casa. (Melissa Ribeiro)

⁴¹ Já que público (classe média) e convidados do programa (celebridades de diferentes áreas) pertencem a classes sociais distintas do público alvo e convidados de *Casos de Família* (mulheres de classes populares).

Regina Volpato reafirma a idéia de que o cenário de sala de estar ajuda a criar um ambiente de “sentir-se em casa”:

“O cenário é assim, fazer com que as pessoas se sintam na casa da apresentadora. Fazer com que as pessoas se sintam o mais à vontade possível porque é como se fosse uma sala de visitas e tal. Interessante que há um tempo atrás , pela primeira vez, uma pessoa da platéia - antes de começar o programa eu conversei com a platéia, me diverti muito e tal - falou assim para mim: “_ Uma delícia aqui sua casa Regina!”. Eu achei tão fofo! Me pegou de surpresa! Porque tantos programas depois, a gente já gravou mais de 500, alguém se tocou né?”

Cenário e abertura são elementos importantes para compor a imagem do programa, que procura atingir as camadas populares e frações inferiores das camadas médias. Eles criam assim, um ambiente que lhes é familiar e dá um ar de intimidade entre a apresentadora e seu público.

2- Bate a claquete!

O programa inicia com um enquadramento de câmara aberta, que parece transportar Regina Volpato para dentro da casa dos telespectadores, enfatizando e aproximando a relação entre apresentadora e público. Primeira cena, mostra a apresentadora e a platéia no plano de fundo, quase que misturando-se. Em seguida, um *close* em Regina Volpato que saúda o telespectador e anuncia o primeiro caso do dia, chamando seu primeiro convidado: ele desempenha o papel de reclamante. A apresentadora e o participante conversam sobre o problema que o aflige, introduzindo o telespectador e a platéia na questão. Após as explicações iniciais o segundo participante é chamado, relata a sua versão da história e responde as perguntas de Regina Volpato. Um novo caso é apresentado e tudo se repete: o reclamante, em seguida a outra parte.

Esta seqüência se dá quantos forem os casos apresentados no dia, de três a quatro, sempre intercalados com perguntas da platéia e cortes para o anúncio de medicamentos contra acne (Acnase)⁴² e varizes (Novarutina), anúncios do Baú e de máquinas filmadoras (Tec Pix).

O último bloco é reservado para os diagnósticos de um especialista em comportamento (psicólogo) e os conselhos da apresentadora. Em seguida, esta fecha o programa: “muito obrigada”, “um beijo carinhoso” e “fique com Deus”. Assim, despede-se a apresentadora dos participantes, da platéia e dos telespectadores. Para Regina Volpato, seu papel é o de uma condutora da dinâmica do programa, procurando administrar a discussão:

“Então, minha função é conduzir e no final..., eu não digo nem fazer um encerramento, é dar uma finalizada porque o programa tem hora para acabar e se fosse novela eu ia falar que amanhã a gente vai continuar e, ia continuar. Então é fazer um apanhado geral, dar uma esclarecida nos pontos, fechar algumas amarras. Às vezes, alguém que eu sinto muito fragilizada, ou que não gostou do que ouviu. Então, dar um amparo, entendeu? Não é justo trazer alguém aqui para falar, conversar e acaba o programa vai embora e fim, sem uma conclusão qualquer, se não para a situação, ao menos para o que foi dito, ter um esclarecimento. Às vezes são pessoas, assim, humildes na fala, mas de uma nobreza de raciocínio, uma nobreza de caráter..., isto precisa ser dito! Olha, gostei do que a senhora disse, foi muito clara e franca e tal. Então, minha função é só essa, mais nada. Agora odeio quando eu vejo que estou falando mais, que estou aparecendo mais, quando eu interrompo. Às vezes, eu interrompo porque minha cabeça não para de perguntas. Minha

⁴² Um anúncio interessante e que julguei digno de nota, por referir-se diretamente ao programa, foi veiculado no dia 17 de novembro de 2006: “Você quer ver um verdadeiro *Caso de Família*? É você ver aquela menina ou menino que você acha a coisa mais linda do mundo, afinal é obra sua, se achando o mais horroroso e querendo morrer só por causa de uma espinha. Ter uma pele bonita é fundamental, por isso se o seu problema são cravos e espinhas, não complique! Use Acnase e pronto. Acnase tem em sua fórmula componentes utilizados pelo mundo todo e é totalmente absorvido pela sua pele e pode ser usado em qualquer ocasião. Não faça experiências com a sua pele, Acnase. Acnase remove cravos e espinhas sem deixar marcas. Portanto, não use mais dedos para espremer cravos e espinhas. Acnase. Só use os dedos para espremer o tubo de Acnase. Logo você vai ir perceber a diferença. Você encontra Acnase em todas as farmácias e drogarias do Brasil em duas versões – creme e gel. Acnase é da Zurita, qualidade há 50 anos.” No entanto, durante o período da pesquisa esta foi uma das poucas referências ao programa nesses anúncios.

função é essa é conduzir e no final, como se fosse o final de um capítulo de novela, amanhã tem mais e só. (Regina Volpato)

A apresentadora observa que as questões apresentadas não se esgotam ali no espaço do palco, pois estas poderiam ser trabalhadas e reelaboradas durante vários dias. Como a própria lógica televisiva impulsiona para a rapidez e a lógica da narrativa para um “fim” dentro do tempo do programa, os casos apresentados não podem ficar sem algo que os ligue, os amarre e forneça uma conclusão ao telespectador e participantes ansiosos por respostas. No entanto, deve-se observar que o papel de Regina Volpato não é o de mera “condutora”, já que ela dá conselhos e tem a palavra final sobre os casos apresentados. Este aspecto será tratado adiante.

3- Temas abordados em *Casos de Família*

Considerando que se trata de um programa diário, de uma hora, que foi criado em 2004 e que a emissora recusou-se a me fornecer cópias de todos eles, selecionei os programas exibidos nos meses de novembro de 2005 e novembro de 2006. O critério de seleção destes dois meses, com intervalo de um ano entre eles, baseia-se no fato de que eles apresentaram temas variados sobre as relações conjugais e familiares. Além disso, a análise temporal permite perceber as questões em pauta no decorrer do tempo, os temas mais recorrentes e se houve ou não mudanças. Eis os temas abordados neste período:

Quadro 1: Exibição por tema abordado (Novembro/2005)

Dia de Exibição	Tema
01/11	“Ela é viciada em estética”
02/11	“Meu filho se deixa influenciar por amigos”
03/11	“Quero me separar, mas ninguém me apóia”
04/11	“Ela usa roupas escandalosas”
07/11	“Ela quer tudo do jeito dela”
08/11	“Você sempre me criticou e agora faz o mesmo”
09/11	“Minha mulher não é mais minha companheira”
10/11	“Ela tem mania de fazer regime”
11/11	“Não me acerto com mulher nenhuma”
14/11	“Ela não acredita mais no amor”
15/11	“Ela vive me comparando com o ex”
16/11	“Meu filho é muito agressivo”
17/11	“Minha amiga reclama que não arruma namorado”
18/11	“Não gosto do nome que você me deu”
21/11	“Ela só me faz passar vergonha”
22/11	“Estou tentando salvar meu casamento”
23/11	“Ele cria bichos estranhos”
24/11	“Ela me passou a perna no trabalho”
25/11	“Minha mulher não liga para minhas reclamações”
28/11	“Minha mãe gosta mais do meu irmão”
29/11	“Ela largou o emprego para ser dona de casa”
30/11	“Meu marido me dá menos do que eu mereço”
Total	22 exibições

Quadro 2: Exibição por tema abordado (Novembro/2006)

Dia de Exibição	Tema
01/11	“Você não tem mais idade para me dar dor de cabeça”
02/11	“Você está casada por conveniência”
03/11	“Sou avó e não babá”
06/11	“Você precisa respeitar as minhas vontades”
07/11	“Você já me conheceu assim”
08/11	“Você não tem moral para me educar”
09/11	“Suas mentiras não me enganam mais”
10/11	“Pare de falar e comece a agir”
13/11	“Cansei de ser mãe do meu irmão”
14/11	“Minha namorada não se entende com os meus amigos”
15/11	“Você sente pena dos outros, mas sempre sobra pra mim”
16/11	“Minha mãe precisa ser mais moderna”
17/11	“Minha filha não fala mais comigo”
20/11	“Apesar de tudo ela é minha filha”
21/11	“Eu não tenho que agüentar os seus irmãos”
22/11	“Meu tio vive às custas dos meus pais”
23/11	“Você fica mais com a família dele do que com a sua”
24/11	“Chegou a hora de eu cometer os meus próprios erros”
27/11	“O meu salário é só pra mim”
28/11	“Quero que você volte a falar com o pai”
29/11	“Não quero te ver lutando por um sonho impossível”
30/11	“Você só me presenteia com o que eu não gosto”
Total	22 exibições

Se observarmos mais detalhadamente os temas propostos para serem discutidas no programa, podemos classificá-los nos seguintes sub-temas:

Quadro 3: Exibição por sub-temas (Novembro/2005)

Dia de Exibição	Arranjos conjugais	Relações amorosas	Vida solo	Relações pais e filhos	Relações de trabalho	Corpo, Saúde, Aparência	Relações Familiares
01/11						X	
02/11				X			
03/11	X ⁴³						
04/11	X ⁴⁴						
07/11	X						
08/11							X
09/11	X						
10/11						X	
11/11			X				
14/11			X				
15/11	X						
16/11				X			
17/11			X				
18/11				X			
21/11	X						
22/11	X						
23/11	X						
24/11					X		
25/11	X						
28/11				X			
29/11							X ⁴⁵
30/11	X						
Total	10	0	3	4	1	2	2
Total geral : 22							

⁴³ Os entrevistados dessa emissão não eram casais, mas parentes de um dos cônjuges discutindo sobre o casamento deste.

⁴⁴ Dos casos apresentados neste dia, dois eram casais e um era formado por mãe e filha.

⁴⁵ Quatro casos foram discutidos nesta transmissão, cuja relação de parentesco expressa-se da seguinte forma:

1° Casal

2° Tia e sobrinha

3° Irmãos

4° Sogra e nora

O primeiro e o quarto casos tratam da necessidade do trabalho feminino para a divisão das despesas da casa, por isso considero-os em minha análise.

Quadro 4: Exibição por sub-temas (Novembro/2006)

Dia de Exibição	Arranjos conjugais	Relações amorosas	Vida solo	Relações pais e filhos	Relações de trabalho	Corpo, Saúde, Aparência	Relações Familiares
01/11				X			
02/11	X ⁴⁶						
03/11				X			
06/11	X ⁴⁷						
07/11	X						
08/11				X			
09/11	X						
10/11							X
13/11							X
14/11		X					
15/11				X			
16/11				X			
17/11				X			
20/11	X						
21/11	X						
22/11							X
23/11				X			
24/11				X			
27/11				X			
28/11				X			
29/11							X
30/11	X						
Total	7	1	0	10	0	0	4
Total geral : 22							

“Arranjos conjugais” segundo Duhram (1983) são as diferentes formas de relações conjugais presentes atualmente na sociedade brasileira, desde o casamento

⁴⁶ Os entrevistados dessa emissão não eram casais, mas parentes discutindo sobre casamento

⁴⁷ Foram 3 casos no total, e destes 2 casais e 1 cunhado e cunhada.

tradicional, as uniões consensuais, as recomposições⁴⁸ e as uniões/casamentos homossexuais. Nem todos pressupõem a coabitação, como observa Singly (2000). O autor denomina *Living Apart Together*, usando terminologia inglesa, casais com dupla residência, onde os cônjuges dissociam suas vidas espacialmente só partilhando-as determinados momentos escolhidos. Contudo, segundo Guedes e Lima (2006) a casa é para os trabalhadores brasileiros, o *locus* da família, considerado seu espaço próprio e inerente, através da qual estes se constituem como pessoas. De fato, a casa parece de suma importância para os participantes do programa⁴⁹ e para a produção quando definem um casal.

“Qualquer pessoa..., assim que vivem juntos, maritalmente, pra mim é um casal. Com filhos, sem filhos, que vivem há tantos anos, pra mim se vivem juntos, na mesma casa como marido e mulher já é um casal. (Melissa Ribeiro)

Assim, separo “Arranjos conjugais” de “Relações amorosas” para contemplar a definição da produção do programa e atender a demanda dos participantes que tem na casa um referencial determinante do casal e da família. Portanto, “Relações amorosas” são todas aquelas que estipulam algum vínculo afetivo e/ou sexual não conjugal, tais como namoro, “ficar” etc. Nesta categoria, houve somente uma exibição no período assinalado: “Minha namorada não se entende com meus amigos”.

Em alguns casos, já assinalados em notas, nem todos os participantes do programa são casais. Contudo, ali estão para discutir sobre o casamento de um deles sendo assim relevantes para análise e, portanto, classificados em “Arranjos conjugais” posto que esta era a temática.

⁴⁸ Termo usado por Fonseca (2004) para designar homens ou mulheres em segunda ou mais núpcias de um ou outro cônjuge.

⁴⁹ Elza (48 anos) fala sobre a vontade de se separar do marido já que este é incapaz de garantir uma casa para a família. Sobre essa construção da personalidade pela casa, Suzana (28 anos) destaca que gosta de deixar a sala de sua casa bem arrumada, pois “(...) é lá que a visita entra e vê como eu sou”.

Kaufmann (1999) define “Vida solo”⁵⁰ não como sinônimo de vida solitária, mas como a possibilidade de “vida a um” onde a autonomia do indivíduo é preservada, embora possa viver momentos de solidão. No entanto, a “vida solo” não é o ideal, nem o desejado é um “meio” e não um “fim”, pois indivíduo almeja relacionar-se (Singly, 2000). A classificação “Vida solo” trata justamente desta questão: o estar só e a busca por alguém.

“Relações pais e filhos” e “Relações de trabalho”, creio não necessitar de maiores explicações, pois o próprio título já determina claramente o que está em jogo. Em “Corpo, Saúde e Aparência” classifiquei as questões relativas à estética e a saúde como, por exemplo, “Ela tem mania de fazer regime”.

Em “Relações familiares” integro todos os outros tipos de laços familiares não contemplados pelas categorias anteriores, seja da mesma geração ou não⁵¹, vivendo ou não no mesmo teto, são os tios, primos, irmãos etc. Nesta classificação englobo também os casos onde os participantes são apenas amigos, o que constitui pouca parcela da amostra, por entender assim como Velho que “os amigos podem ser tão ou mais significativos do que os parentes, em termos de frequência de contato, apoio cotidiano e compartilhar de dificuldades.” (Velho, 2002:28)

Notamos que a maioria dos programas transmitidos em novembro 2005 e em novembro de 2006 tratam de questões ligadas à conjugalidade - cerca de 38,7 %, ou seja, 17 de 44 exibições - e às relações entre pais e filhos: cerca de 31,8% dos programas (14 de 44 exibições). Em novembro de 2005 as questões sobre relações conjugais foram as que mais apareceram, as outras temáticas tiveram pouca relevância. No mesmo período, um ano depois, a conjugalidade continua tendo destaque, entretanto as tramas que tecem as relações entre pais e filhos tiveram um aumento considerável.

⁵⁰ Esta é a tradução portuguesa da expressão original do autor “*vie en solo*”.

⁵¹ Sobre redes de solidariedade e transmissão entre gerações ler Peixoto (2000 e 2005) e Cicchelli (2000). Há ainda o trabalho clássico de Segalen (1999)

Esses dois eixos de problemática são também reveladores das preocupações e concepções de família do programa e, segundo Kaufmann (1999), a família encontra-se justamente no cruzamento entre estes dois aspectos: o casal e a criança. Comparando com os outros temas percebe-se que a família ampliada⁵² é bastante abordada, mas o foco principal está no casal e nos filhos que constituem a base da família conjugal⁵³. Esta preocupação é clara e quando questionada sobre a recorrência de algum conflito específico a produtora do programa esclarece:

“Ah sim! Por serem muito machistas quase todas as mulheres reclamam que os maridos não ajudam nos serviços domésticos. Eles podem trabalhar fora, mas em casa se recusam a tirar um copo da mesa. Isso toda vez a gente tem esse tipo de problema. E a gente tem muito jovem perdido. Assim que não sabe o que fazer da vida. Então temos muito programa de mãe que trabalha, rala pra caramba e o filho não estuda, não trabalha, não quer nada com a vida porque está perdido, não tem direção, não tem ninguém que ajude. Como ela trabalha não tem tempo de conversar, de dar uma direção, até porque a vida dela não teve muita direção tomo o rumo que foi levando. Então, são dois problemas que a gente pode fazer 500 temas disso que sempre vai ter um ibope muito bacana e você consegue material para fazer desse tipo.” (Melissa Ribeiro)

No início da pesquisa o tema da conjugalidade era predominante e me debrucei sobre a literatura especializada para entender este aspecto. Naquele momento, conjugalidade me fornecia maiores indícios sobre a imagem que o programa *Casos de Família* pretendia veicular. As demais temáticas eram menos abordadas dificultando, assim, as possibilidades de análise sobre os diversos tipos de composição familiar nos múltiplos aspectos que o programa apresentava. Ao decidir comparar com as emissões

⁵² Idem

⁵³ Vaitsman (1994). Este tipo de família é também chamado de “família nuclear” (Correa, 1982).

veiculadas um ano depois, em 2006, percebi que as relações entre pais e filhos⁵⁴ ganharam maior relevância, assumindo a liderança dos temas abordados neste *talk show*. Percebo a relevância desses dois eixos principais, contudo dado o investimento inicial e dado que conjugalidade, somados os dois períodos, acumula o maior número de exibições optei por me dedicar mais à análise desta questão em detrimento das relações pais e filhos e outras relações familiares. Esta lacuna será contornada somente nas situações em que conjugalidade e família se entrecruzam.

4- *Laços de família*⁵⁵

Os quadros seguintes apresentam as emissões do programa no período assinalado acima de acordo com a relação familiar entre os participantes dos casos apresentados:

⁵⁴ Neste período a Rede Globo de Televisão exibiu a telenovela *Páginas da vida*. A trama, escrita por Manoel Carlos, tinha como cenário a Zona Sul do rio de Janeiro, onde o Leblon era destaque. A história enfatizava o drama de Helena (Regina Duarte) diante da possibilidade de perder a guarda da filha adotiva Clara (Joana Mocarzel), que tinha Síndrome de Down, para o pai biológico. Nanda (Fernanda Vasconcellos) após ir estudar em Amsterdã engravidou de seu namorado Léo (Thiago Rodrigues) que não assume as crianças. De volta ao Brasil, Nanda briga com sua mãe Marta (Lília Cabral) em função da gravidez. Revoltada, ela sai de casa, é atropelada e levada para o hospital onde trabalha a médica Helena. Helena faz o parto e consegue salvar os bebês, mas a mãe morre. Nasce um casal de Gêmeos e uma das crianças, portadora de Síndrome de Down, é rejeitada pela mãe de Nanda. A médica decide adotar a criança e seu dilema começa ali. Passam-se os anos e Léo fica sabendo que é pai, inicialmente, somente de Francisco (Gabriel Kauffmann). Helena se vê em um dilema moral se revela ou não ao pai da criança que a filha dele está viva e é criada por ela. Ao saber da existência da menina Léo decide entrar em uma batalha judicial por sua guarda. Além disso, Helena se divide entre o amor de dois homens: seu ex-marido Greg e o ex-namorado de juventude, o infectologista Diogo.

⁵⁵ Título de telenovela escrita por Manoel Carlos e exibida em horário nobre pela Rede Globo em 2000.

Quadro 5: Relação Familiar por exibição e número de casos (Novembro/ 2005)

Dia	Casal	Pais e filhos	Irmãos (ães)	Primos (as)	Cunhados (as)	Tio (a) e Sobrinho (a)	Sogra e nora	Namorados	Amigos (as)	Total de Casos
01/11			1						3	4
02/11		4								4
03/11			1	2		1				4
04/11	2	1								3
07/11	3									3
08/11	2 ⁵⁶				1				1	4
09/11	4									4
10/11		2	2							4
11/11		1	2							3
14/11		1	2						1	4
15/11	4									4
16/11		4								4
17/11									4	4
18/11		4								4
21/11	4									4
22/11	3									3
23/11	4									4
24/11			1		1				1	3
25/11	4									4
28/11		3 ⁵⁷	3							3
29/11	1		1			1	1			4
30/11	3									3
Total	34	20	13	2	1	2	1	0	10	83

⁵⁶ Um dos casais era formado por mulheres homossexuais.

⁵⁷ Neste dia foram dois irmãos e a mãe, o tema era “Minha mãe gosta mais de meu irmão”.

Quadro 6: Relação Familiar por exibição e número de casos (Novembro/ 2006)

Dia	Casal	Pais e filhos	Irmãos (ães)	Primos (as)	Cunhados (as)	Tio (a) e Sobrinho (a)	Sogra e nora	Namorados	Amigos (as)	Total de Casos
01/11		4								4
02/11	1		1	1					1	4
03/11		3								3
06/11	2				1					3
07/11	4									4
08/11		3								3
09/11	3									3
10/11	1	1		1					1	4
13/11			3							3
14/11	1							3		4
15/11		3								3
16/11		3								3
17/11		3								3
20/11	3									3
21/11	3									3
22/11						3				3
23/11		1	2	1						4
24/11		3								3
27/11	1	1			1					3
28/11		3								3
29/11	1		1						1	3
30/11	4									4
Total	24	28	7	3	2	3	0	4	3	73

Nota-se uma ligeira diminuição com relação aos casos de vínculo conjugal em 2006. No entanto, este ainda é um dos que mais se sobressaem e, somando-se todas as situações de conjugalidade no período da pesquisa, percebe-se uma predominância destas que somam 58 casos, cerca de 28% do total do período. Neste sentido, a relação familiar definida por laços de aliança aparece mais uma vez como um ponto relevante e problemático das relações familiares, já que é uma questão recorrentemente abordada no programa. Goldenberg (2004), analisando a novela *Laços de Família*, observa como esta retrata uma multiplicidade de arranjos conjugais e familiares que combinam comportamentos e valores tradicionais e modernos, dentre estes a autora ressalta o apego e a valorização aos laços de sangue em contraposição a fragilidade dos laços entre casais. Este aspecto foi notado por Fonseca (2004) ao observar em seus estudos em bairros periféricos de Porto Alegre que, a despeito das histórias de abandono, maus tratos e separação a que os filhos eram submetidos por seus genitores, a idéia da predominância dos laços de sangue permanecia. Sendo assim os elos entre os cônjuges seriam mais frágeis e fáceis de serem dissolvidos. Quando os padrastos se queixam das enteadas as mães muitas vezes reconhecem como legítimas as queixas do companheiro, mas argumentam que, apesar de tudo, elas são suas filhas: reafirmam assim, os laços de sangue. Sr^a Maria das Dores (38 anos) vive há 14 anos com o companheiro, que ainda não aceita sua filha:

“O Valdir sempre reclama da minha filha e quer expulsa-la de casa, mas se alguém tiver que sair será ele”

Ainda que dependente financeiramente do marido, posto que não trabalha, ela não hesita em ameaçar expulsa-lo de casa. Observa-se uma tensão entre os papéis de pai

e mãe e os de marido e esposa, que deve ser conciliada ali no palco através de uma ênfase no casal, elo fundamental, mas também mais frágil da família.

Casos de Família 20/11/2006 - Tema: “Apesar de tudo ela é minha filha”

“Filhos são um desafio para qualquer casamento. O que acontece é que quando temos filho colocamos eles em 1º lugar, para o padrasto ou madrasta os filhos estão sempre em 2º lugar. Com a vivência do casal, 1º dever ser a relação dos dois e, depois decidem como querem educar esses filhos.” (Ildo Rosa)

A valorização dos laços de sangue não se dá somente verticalmente (pais e filhos), mas igualmente entre irmãos onde nota-se uma tentativa de conciliação. Outra que não aprova as reclamações do marido sobre sua irmã é Jucilene (21 anos). Ela diz que a irmã é a sua família, já que a mãe morreu há cinco anos: “Se ele gosta de mim, tem que gostar da minha irmã também, somos uma família, nós quatro.”⁵⁸ Como assinala Velho a “difusão da separação conjugal tem conseqüências importantes para toda a vida familiar e para o sistema de parentesco como um todo. O casamento constitui uma aliança. Se ele é estável e duradouro, assim também será a aliança.” (Velho, 2001:48)

Ao reclamar de seus cunhados, os maridos sofrem o mesmo tipo de sanção de suas mulheres. Tadeu (32 anos) reclama do cunhado que passa o dia todo na sua casa a tal ponto que seus filhos chamam o tio de pai! Sua mulher Paulina (28 anos) se chateia com sua implicância, pois gosta muito da companhia do irmão. Segundo Fonseca os laços de sangue são privilegiados por serem considerados os únicos permanentes mesmo entre irmãos. Além disso, a “camaradagem” entre irmão e irmã se deve a alguns elementos inexistentes na relação conjugal:

⁵⁸ Refere-se a ela, a irmã, o marido e a filha do casal.

“Já que quase nunca moram juntos, as tensões da co-residência e da partilha cotidiana de tarefas domésticas não põem em risco esse bom entendimento. Ademais, o homem não precisa vigiar cada movimento de sua irmã, pois só o comportamento sexual da esposa reflete sobre sua honra. (...) o homem não arrisca ouvir da irmã o mesmo tipo de recriminação que ouve da mulher (que é um provedor incompetente). Finalmente, uma irmã não precisa se preocupar que outra mulher usurpe seu lugar, pondo fim ao apoio (moral ou outro) que recebe do irmão.” (Fonseca, 2004:77)

Uma situação particular é a de Diana (24 anos) que afirma que o padrasto trai sua mãe com “meninhas”, pressiona a mãe para se separar do marido e expulsá-lo de casa. Sobre a traição, Nadir (47 anos) diz não ser relevante para ela desde que o marido pague suas contas! Ao contrário, pressiona a filha, enteada do marido, para sair de casa, procurar um trabalho e tomar um rumo na vida, para que ele deixe de sustentá-la. Torres considera que para “o êxito do casamento não basta solidariedade e responsabilidade, não basta amor, não basta empenho. É da articulação de todos esses elementos, temperando-lhes as doses em função dos referentes culturais e sociais, que se constrói a configuração específica do êxito da conjugalidade. Confirma-se que o casamento precisa também de algum sacrifício e de algum empenho. Pouco pesam, em contrapartida, as lógicas institucionais e sagradas” (Torres, 2001: 61)

A questão da infidelidade foi pouco abordada no período mencionado, apenas quatro mulheres⁵⁹ falaram sobre o assunto e nenhum homem. Isto não significa que a traição feminina inexista, mas quando ela é assumida publicamente, o homem pode ser estigmatizado pela transgressão feminina⁶⁰. Interessante notar que a despeito do tom dado ao discurso, a reação das quatro mulheres diante da traição não foi contra o marido, sujeito da traição, mas contra a própria filha ou contra “a outra”, perdendo o

⁵⁹ Nadir (47 anos), Beatriz (27 anos), Zélia (51 anos) e Luciana (31 anos) falam no palco da traição dos respectivos maridos.

⁶⁰ Fonseca (2004), em estudo em uma vila porto-alegrense de baixa-renda, observa como os homens traídos recebem censura de seus vizinhos e são estigmatizados como “cornudos” ou “guampudos” quando a traição da esposa é assumida publicamente.

marido. A atitude característica não foi de sofrimento ou lamuria, mas uma reação feminina: “como nas narrativas sobre bruxaria comentadas por Maluf, o drama principal parece ser uma *luta entre mulheres*⁶¹.” (Fonseca, 2004:128)

Seja com relação a uma valoração dos laços de sangue ou reação à traição, trata-se de uma tentativa de reconciliação, equilíbrio e fortalecimento da relação conjugal, percebida como o mais frágil dos elos primordiais da família.

5 - Homem e mulher no casamento - reclamações

Voltando à ordenação dos temas sobre conjugalidade e os discursos dos participantes, estes também podem ser agrupados sob a perspectiva de gênero, pois “a conjugalidade inscreve-se em relações e trajetórias sociais e de gênero” (Torres, 2000:136). Neste sentido e através deste recorte, observa-se a existência de temas e reclamações recorrentes entre homens e mulheres e, assim, a formação de seus estereótipos. Vejam o quadro abaixo:

⁶¹ Grifo da autora.

Quadro 7: Divisão dos temas por gênero segundo o conteúdo dos programas

Homens	Ambos	Mulheres
“Ele cria bichos estranhos”	“Quero me separar, mas ninguém me apóia”	“Ela usa roupas escandalosas”
“Meu marido me dá menos do que eu mereço”	“Você precisa respeitar as minhas vontades”	“Ela quer tudo do jeito dela”
“Suas mentiras já não me enganam mais”	“Você já me conheceu assim”	“Minha mulher não é mais minha companheira”
“Eu não tenho que agüentar os seus irmãos”		“Ela vive me comparando com o ex”
“Você só me presenteia com o que eu não gosto”		“Ela só me faz passar vergonha”
		“Minha mulher não liga para as minhas reclamações”
		“Ela largou o emprego para ser dona de casa” ⁶²
		“Você está casada por conveniência” ⁶³
		“Estou tentando salvar meu casamento” ⁶⁴
		“Apesar de tudo ela é minha filha”

Os homens acusam as mulheres de usarem roupas inadequadas, de não os ouvir, de falta de companheirismo etc. Aparentemente a predominância dos temas cujos reclamantes são homens seria uma incoerência dos produtores do programa, já que

⁶² Nesta emissão, apenas um dos casos era um casal. Nos outros dois casos eram tia e sobrinha e nora e sogra.

⁶³ Os reclamantes não eram os maridos, mas sim parentes e amigos das esposas.

⁶⁴ A parte reclamante neste caso era composta por mulheres.

reconhecem que a grande maioria de seus telespectadores são mulheres donas-de-casa com idade entre 30 e 50 anos. Então, por que esses temas constituem a esmagadora maioria? Na percepção dos produtores de *Casos de Família* não é isso que acontece.

“Você tem famílias gerenciadas por mulheres, tanto que nossos temas são muitos femininos. É muito difícil você ter um tema do marido reclamando da esposa.” (Melissa Ribeiro)

Coincidência ou não, nos meses analisados, as acusações contra as mulheres, observando-se somente os títulos dos temas, são muito mais frequentes. No entanto, observando mais detalhadamente as emissões nota-se que as reclamações femininas são muito mais extensas do que as masculinas. Embora os títulos mostrem as queixas dos homens, na maioria das vezes inverte-se e quem acusa acaba sendo o alvo de acusação quando se observa os discursos dos participantes do programa de acordo com uma divisão por gênero.

Quadro 8: Reclamações por gênero

Mulheres	Homens
Falta de amor	Roupas curtas e decotes
Sair e deixá-la em casa	Comparar com o ex
Não ajudar nos serviços domésticos	Passar vergonha
Falta de atividades de lazer em família	Possessiva
Traição	Reclamar demais
Ciúmes	Ciúmes
Sogra	Agressividade
Bebida	Respeitar as vontades
Jogo	Mulher estar gorda
Mentira	Mandona
Desemprego e falta de bens materiais	Desejar que a mulher trabalhe fora
Presentear erradamente ou não presentear	Ouvir reclamações
Desvalorização	Ficar mais em casa
Desatenção	Desatenção
Educação dos filhos	
Dividir responsabilidades	
Ajudar financeiramente	

Com relação à frequência das acusações:

Quadro 9: Frequência das reclamações femininas

Reclamações	Frequência
Sair e deixá-la em casa	11
Não ajudar nos serviços domésticos	9
Bebida	8
Desvalorização da mulher	7
Desatenção	6
Ciúmes	6
Desemprego, falta de bens materiais e auxílio no pagamento de contas	5
Jogo	5
Presentear erradamente ou não presentear	5
Mentira	4
Educação dos filhos	4
Falta de amor	3
Falta de atividades de lazer em família	2
Traição	2
Ajudar financeiramente	2
Dividir responsabilidades	1
Sogra	1

Quadro 10: Frequência das reclamações masculinas

Reclamações	Frequência
Desatenção	6
Agressividade	6
Reclamar demais	5
Mandona	4
Ouvir reclamações	4
Comparar com o ex	4
Possessiva	3
Respeitar as vontades	3
Ciúmes	3
Passar vergonha	3
Ficar mais em casa	3
Roupas curtas e decotes	2
Desejar que a mulher trabalhe fora	1
Mulher estar gorda	1

Observando os quadros 9 e 10 sobre o tipo das reclamações, nota-se que, embora tenham tido mais temas em que o marido é o reclamante, o número e a diversidade das reclamações femininas são bem maiores do que as masculinas. Pois, observando-se para além dos títulos, no próprio conteúdo das exposições, aponta-se para este descompasso. Mas o que isso evidencia? E, em que é relevante? A questão é que, na maioria das vezes, o homem faz apenas uma reclamação da mulher, ao passo que esta defende-se enumerando uma série de acusações contra seu parceiro e justificando suas atitudes em função do comportamento dele. Ela assume, então, o papel de vítima, reagindo e rebelando-se contra a dominação masculina. É o caso de Manoel (28 anos) e Maria (35

anos), ele foi ao programa reclamar que ela vive comparando-o com o ex-marido, inclusive nas relações sexuais, e isso o revolta. Maria assume que, de fato, a acusação do marido é verdadeira, mas que faz as comparações devido a atitudes do mesmo que recusa-se a ajudá-la nas tarefas domésticas e nos fins de semana sai de casa para beber com os amigos deixando-a sozinha.

“Tudo o que ele faz é igualzinho ao meu ex marido. Se vai ao banheiro, é cueca molhada. Ele não seca o chão do banheiro! O outro fazia a mesma coisa! Se ele vai na cozinha pegar comida, ele larga tudo destampado! O outro da mesma maneira! Eu já larguei do outro por essas coisas!”

E prossegue:

“Sábado e domingo ele vai para o bar. Parece o “Rei do copo”! (risos) Um dominozinho, um baralho com os amigos. Falo para sair, ele não quer e fala para eu ir para as minhas amigas também! Não saímos juntos. Se eu tenho marido é também para me acompanhar, não é? Se fosse assim eu viveria só!”

Sobre um modelo ideal de vida em casal, Goldenberg (2004), observa como seus pesquisados ressaltam valores ligados ao amor romântico e a comportamentos e valores que denomina como simbióticos, salientando que as mulheres mais do que os homens enfatizam tais valores. Dos argumentos utilizados nas diversas reclamações femininas merecem destaque aqueles que se referem a valores simbióticos. “Sair e deixá-la em casa”, “desvalorização” e “desatenção” podem ser entendidos como discursos que reivindicam o companheirismo, cumplicidade e dedicação do parceiro. Por outro lado, as reclamações masculinas sobre suas parceiras, na grande maioria buscam maior liberdade individual. No entanto, isso não significa que as mulheres não desejem ou não valorizem uma maior igualdade e autonomia individuais, como quando reivindicam, por

exemplo, uma maior participação dos homens nas tarefas da casa e na divisão de responsabilidades. O oposto também ocorre e ambos desejam maior atenção de seus parceiros.

Outro caso interessante é o de Marcelo (24 anos) que afirma “minha mulher sai de casa de camisola ou descalça só para ir atrás de mim”. Ele diz que toca cavaquinho em um bar com os amigos e ela vai buscá-lo de camisola, descalça, discute com ele e o faz passar vergonha para fazê-lo ir embora. Beatriz (27 anos) justifica sua atitude argumentando que sente ciúmes do assédio feminino ao marido quando ele toca, pois ele já a traiu e que sua estratégia está funcionando, pois Marcelo tem deixado de ir ao bar.

Para Singly as mudanças na família relacionam-se as próprias mudanças no indivíduo. A família, por um lado pode ser entendida como lugar onde se reproduz a dominação de classe e gênero, mas é, sobretudo, onde se permite a construção da identidade pessoal. A família se torna mais um espaço relacional do que uma instituição. O processo de individualização se estende, atualmente, a todos os membros da família, começando com os homens, abrangendo as mulheres e as crianças à medida que avançam na idade. Cada membro do grupo familiar objetiva realizar seus próprios projetos e escolhas, mostra o autor:

“Mas este elemento não é isento de ambigüidade, pois os próximos exercem um duplo papel: ao mesmo tempo que nos ajudam a nos construir, a nos revelar, a nos apoiar, a nos securizar, eles nos encerram em papéis, expectativas e laços de dependência.” (Singly, 2001:40)

São raros os casos em que os homens ao se defenderem acusam suas mulheres. Exceção é o caso de Beatriz (21 anos) que deixou o emprego devido à gravidez e

reclama que seu companheiro Michel (26 anos) não dá nada a ela e ainda diz que ela não merece. Torres (2000; 2001 e 2004) observa como o trabalho feminino pode contribuir para a satisfação e autonomia da mulher, tornando-a menos dependente do marido. No entanto, prossegue a autora “o que se verifica após o casamento e, sobretudo depois do nascimento do primeiro filho é que as jovens são forçadas a entrar numa situação de *standy by* em relação à profissão, já que mesmo que trabalhem fora têm dificuldade em se dedicar por inteiro e sem culpa.” (Torres, 2000:143) Dependente financeiramente do marido, Beatriz pede coisas que para ela são “coisas de mulher” como brincos, maquiagem, sandálias etc.; e seu companheiro sempre reluta em lhe dar. Michel diz que se ela merecesse ele a daria muito mais, mas Beatriz não lhe dá atenção, é chata e “pega no seu pé”, por isso nega seus pedidos. A situação de Beatriz e Michel é ímpar e está longe de constituir regra, pois na maioria dos casos as mulheres invertem as acusações de seus maridos, justificando seus atos em função da atitude deles.

Essa predominância das reclamações femininas sobre as masculinas causa a impressão, nos produtores, de que os temas com reclamações femininas são mais freqüentes. O interessante é notar que, embora haja um predomínio dos temas em que o reclamante é o marido, mudando-se o foco do olhar e observando-se detalhadamente o debate travado no programa a situação inverte-se e a lista de queixas feminina fica mais longa que a masculina. Tratando-se de um público de mulheres donas-de-casa é compreensível o destaque que dão aos “sofrimentos” femininos. Além disso, como abordarei adiante em muitas dessas famílias a presença masculina é passageira. Interessante assinalar que as diversas transformações ocorridas no âmbito familiar dificultam uma abordagem do tipo polarizante – tradição *versus* modernidade -, pois corre-se o risco de simplificar o discurso e os comportamentos da família contemporânea. Rompendo com esta dicotomia, percebe-se que no discurso dos

participantes de *Casos de Família*, as idéias “tradicionais” surgem ao lado de reivindicações mais “modernas” em um misto de simbiose e liberdade.

6- “Arrimo de família é a mulher”⁶⁵: a família de *Casos de Família*

Segundo Bourdieu (1997a), a família é uma categoria e como tal diz respeito a um conjunto de palavras que descrevem e constroem uma realidade social. Família como categoria subjetiva fundamenta diversas ações que ajudam a reproduzir a categoria social objetiva. A passagem da família como ficção nominal (subjetiva) para o grupo real, cujos membros estão unidos por fortes laços afetivos, é possível graças a um trabalho simbólico e prático que tende a transformar a obrigação de amar em disposição para amar e a prover cada membro da família de um “espírito de família” que permite a coesão grupal. Dessa forma, a família tem um papel fundamental na manutenção da ordem social, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais, pois é o *locus* por excelência da acumulação de capital e de sua transmissão entre gerações. Transpondo para o discurso da apresentadora de *Casos de Família* temos que:

“Então o alcoolismo, o desemprego e a gravidez na adolescência. Gravidez na adolescência é assim fato corriqueiro e não é de agora. São mães que hoje tem 30 anos e tem filhos com 16, 17 que já são mães ou pais. A gravidez na adolescência é muito comum. E a partir daí vem, né? Mulheres sozinhas que criaram essas crianças muito jovens, que sofreram abusos, todo tipo de abusos seja de trabalho ou outro tipo de abuso e que os filhos reproduzem a história. Eu não consigo ver um movimento de quebra desse ciclo. Eu vejo a história se reproduzindo e com uma tendência até mesmo um pouco pior porque antes era sonho fazer uma faculdade outros valores. Eu não digo nem valores certos ou errados porque eu acho muita pretensão dizer que os meus valores são os certos, eu digo que são outros valores que eu não sei para onde vão levar, não sei onde a gente vai parar, mas são outros valores. O objetivo hoje, os objetivos são assim

⁶⁵ Regina Volpato.

suprir necessidades muito mais imediatas, então é comer hoje, vestir hoje, amanhã a gente pensa, amanhã Deus provém.”
(Regina Volpato)

Contudo, o modelo da reprodução social operada a partir da família deixa pouco espaço para o indivíduo, pouca margem de manobra e rara possibilidade de quebra do ciclo. (Singly, 2001)

Com relação à centralidade da relação mãe e filho, Kaufmann (2000) observa que o grupo mãe-filhos é o componente central do modelo de família e não o casal que também é um ponto forte do modelo. Na perspectiva de Simmel (2001), há um núcleo fixo, um elemento essencial e comum a família em todas as culturas, a saber, a relação mãe e filho. Como diz Regina Volpato, a relação mãe e filho é o que há de permanente nos rearranjos familiares:

“O que eu vejo, e que não é novidade para ninguém, é que estrutura, arrimo de família é a mulher, via de regra. Homem na sociedade brasileira, falando no universo de *Casos de Família*, é uma coisa muito esquisita que, às vezes, eles aparecem, as vezes, não aparecem. Muitas vezes o papel deles é só como..., não é procriador, eles aparecem, passam um tempo, fazem um filho e depois eles vão para outra e começa..., não sai muito daí. Eu vejo pouquíssimos casos com parceria de igual para igual entre homem e mulher, mas nos casos que eu vejo são super-legais. Você vê assim, que a s pessoas não tem nem noção de quase nada do que a gente acha fundamental, “Os Grandes Pensadores”, bla’, blá, blá, eles não sabem nada, mas eles sabem muito bem o que é uma parceria entre homem e mulher e é o máximo. Tem uma divisão de igual para igual muito bacana, mas é exceção. Então, o que eu vejo é isso: arrimo de família é mulher, os homens, às vezes, estão presentes, às vezes, não estão. É..., as mulheres não conquistaram o direito de trabalhar fora, elas tem obrigação de trabalhar fora porque senão não tem como sustentar os filhos. Então fica uma coisa, elas ficam extremamente sobrecarregadas, desvalorizadas, não sabem muito bem o que fazer, a não ser criar filho.”

Ainda segundo Kaufmann, as famílias monoparentais formadas, em geral, após o divórcio, são em sua maioria compostas por mulheres com filhos. O relato da produtora ilustra bem esta característica:

“Hoje eu diria que é uma família matriarcal. Você tem um número muito grande de mulheres que sustentam a casa sozinhas. E você tem também um número grande, acho que o Globo Repórter fez um especial tem duas sextas-feiras dos idosos-avós e isso é uma verdade. Você tem muita mulher que toca aquilo sozinha e, foi o que eu te falei da outra vez, a cada companheiro que ela arranja ela arranja um filho, os companheiros vão embora e eles ficam todos com ela (...). A ajuda de pensão é muito pouco. Como você tem um desemprego muito alto esses homens vivem de bico e com o bico eles dão o quanto podem que é quando eles trabalham e contam muito com a ajuda da avó. É muito comum você ouvir “a minha mãe fica com meus filhos”, “a minha mãe me ajuda”, “eu moro na casa da minha mãe” ou “eu divido um cômodo com a minha mãe”. É uma geração, digamos assim, comandada por mulheres. A figura masculina é muito pequena, pelo menos nessas famílias que a gente entrevista. Tem muita gente que não conhece o pai, ou que o pai foi embora, ou que casou com outra família e não ligou. É impressionante! São mulheres que criam esses filhos, não necessariamente criam bem. Porque tem que acabar trabalhando eles vivem na rua e ela não tem como, quer dizer, a miséria destrói a família. Ela tem que sair para trabalhar e os filhos se criam. Ela não consegue pegar no pé pra saber se fez a lição da escola, se foi pra escola, o que fez a tarde inteira, porque ela é sozinha. Pra cuidar de todo mundo ela conta com a ajuda da mãe, de uma irmã. Mas esse é o modelo que eu vejo, são casas comandadas por mulheres.” (Melissa Ribeiro)

Berquó (1999) sinaliza um aumento considerável no número de famílias monoparentais a partir da década de 60. A chefia feminina é destaque neste tipo de arranjo familiar, e começa a crescer a partir de 1970. No entanto, deve-se ter um cuidado em denominar adequadamente este tipo de arranjo, pois o ato de nomear implica uma escolha que esconde uma série de valores e práticas sociais. Neste sentido, Fonseca (2004) observa como o termo “família chefiada por mulher” tem sido

erroneamente empregado para designar unidades domésticas sem a presença do marido, ou onde a renda da mulher e/ou a influência feminina são maiores que a do marido. Essa visão distorcida, prossegue a autora, gera uma imagem estática da unidade doméstica que esfumaça aspectos basilares da organização familiar como sua flexibilidade e sua transformação no tempo. Além disso, esse termo causa a falsa impressão de que quando estes fatores estão presentes a relação de poder tende a pesar mais para o lado feminino. Esse termo, assim como o termo utilizado por Melissa Ribeiro ao definir as famílias participantes do programa como matriarcais pode causar diversas confusões. Ele além de envolver uma relação de poder que, no caso, indicaria uma autoridade feminina, denota também uma série de valores que seriam considerados femininos e que estariam se sobressaindo aos masculinos o que talvez não ocorra, como ela mesma reconhece.

“Ah sim! Por serem muito machistas quase todas as mulheres reclamam que os maridos não ajudam nos serviços domésticos. Eles podem trabalhar fora, mas em casa se recusam a tirar um copo da mesa. Isso toda vez a gente tem esse tipo de problema.”
(Melissa Ribeiro)

Quando se encontra sozinha para criar os filhos, a mulher tem uma rede de solidariedade para apoiar-se, principalmente, em seus pais e vizinhos. Peixoto aponta para alguns aspectos da solidariedade familiar apoiada nas trocas e apoios diversos entre três gerações: avós, pais e netos. Para a autora:

“A solidariedade familiar é um conjunto de direitos e deveres, arranjos e rearranjos, que se expressam através de sentimentos e apoios diversos. A solidariedade tem, assim, uma dimensão material e outra afetiva, que juntas, constituem a base das relações familiares. É a função da situação social dos doadores e recebedores que se forma o circuito das solidariedades e das transmissões entre as gerações, elementos centrais da reprodução familiar.” (Peixoto, 2005:226)

Essa família, identificada por Regina Volpato e Melissa Ribeiro, de “mãe sozinha com filhos” tende, em alguns casos, a ser transitória, pois é um tempo entre duas uniões conjugais. Assim, não se pode supor uma “dominação feminina” ou uma opção pela “vida solo”: “a pluralidade de formas de casamento e famílias existentes em nossa cultura (Durham, 1983) demonstra que homens e mulheres continuam querendo casar e constituir famílias.” (Goldenberg; 2004:80) Observa-se em *Casos de Família*, que entre os casais participantes há um grande número de famílias recompostas⁶⁶. Na maioria das vezes, uma prática muito comum demonstrada nos casos analisados é que, ao se unir com uma mulher que já tem filhos de casamentos anteriores, o novo cônjuge se torna responsável pelos enteados. É o caso de Rosangela (28 anos) que vê sua atual união abalada pela traição do marido e pelas crises de ciúmes dela. Questionada pela apresentadora sobre os motivos pelos quais ainda deseja manter o relacionamento com Robson (30 anos), já que este a traiu, Roseli responde:

“Porque eu gosto dele e ele fez o que muitos não fizeram por mim, assumir os meus dois filhos. Porque além dos dois que eu tenho com ele eu tenho mais dois do meu primeiro casamento”.

Assumir os filhos do parceiro é desejável e valorizado pelos participantes do programa, assim como pelos membros da produção. No entanto, em alguns casos assumir filhos de relações anteriores de seus cônjuges pode tornar-se um problema para o casal e o reforço aos laços de sangue pode constituir ameaça a estabilidade conjugal, como abordado anteriormente, por exemplo, na relação de Nadir com a filha Diana que não suporta a traição do padrasto.

Em resumo, observa-se nos casos abordados pelo programa um número elevado de famílias recompostas. Os casos de famílias monoparentais são predominantes, ainda

⁶⁶ Sobre o aumento do número de famílias recompostas ler Berquó (1999)

que este arranjo, na maioria das vezes, seja momentâneo e transitório. Nas recomposições familiares, quando um e/ou outro parceiro traz seus filhos de relações anteriores é importante que os parceiros os aceitem. Filhos de relacionamentos anteriores podem gerar desconforto e ameaçar a vida conjugal. Neste sentido, qualquer coisa que ameace o casal é objeto de atenção e se busca uma solução.

Resta abordar a divisão sexual do trabalho nas diversas esferas.

7- Lugar de mulher é em casa?

Parte considerável dos homens que participaram de *Casos de Família* no período da pesquisa não tem emprego fixo e “vive de bico”, assim conseguem precariamente sustentar a família e muitas vezes, nem isso. O trabalho profissional feminino pode ser, em alguns casos apresentados neste programa, relevante e, às vezes, imprescindível para o orçamento doméstico, voltado em grande parte para compra de alimentos e despesas básicas.

Quadro 11: Ocupação

	Homens	Mulheres
Emprego Fixo	23	6
Trabalhadores autônomos	5	6
Não trabalham	3	24
Desempregados	17	4
Não diz	8	18
Total	56	58 ⁶⁷

Quase metade, 23 de um total de 56 dos homens possuem emprego fixo, em contrapartida, um número muito baixo de mulheres, somente 6, o possuem. Outro número que se sobressai com relação à ocupação masculina é que grande parte dos homens está desempregado – 17, nesta situação desempenham atividades diversas, sem remuneração e periodicidade fixas, o que é comumente chamado pelos membros da produção, apresentadora e psicólogos do programa de “bico”. Os casos mostrados no programa *Casos de Família* são recrutados na periferia de São Paulo. Em estudos sobre famílias que vivem nos subúrbios da França, Avenel (2000) e Beaujouan (2000) analisam como os problemas de desemprego, da falta de dinheiro e da debilidade da participação social são temas constantes na sociedade francesa e com estes têm afetado as famílias e, particularmente, os casais. O desemprego não é, portanto, um fenômeno localizado apenas nas regiões periféricas brasileiras, mas se estende a diversas partes do mundo dado as crises econômicas atuais. O índice de homens “trabalhadores

⁶⁷ Um dos casais é composto por mulheres homossexuais.

autônomos” se comparado aos demais é relativamente baixo. Estes fazem serviços de concerto, eletricista, pedreiro, feirante ou trabalham como músicos na noite.

As mulheres, no geral, trabalham como empregadas domésticas, diaristas, recepcionistas, manicures, costureiras ou com material de reciclagem. Sobre isso, Sorj (2005) argumenta que embora as mulheres tenham sido incorporadas no mercado de trabalho, este é ainda ampla e claramente organizado de acordo com o sexo dos trabalhadores e as mulheres exercem as atividades mais precárias tanto do ponto de vista da renda, quanto das horas trabalhadas e da formalização da ocupação. Posição semelhante manifesta Goldenberg ao afirmar que no Brasil são pouquíssimas as mulheres que conseguem alcançar um bom emprego com um bom salário. No país, há um fenômeno que denomina *feminização da pobreza*, embora haja um aumento do trabalho feminino este se concentra em um restrito número de ocupações.

“(…) as mulheres estão concentradas em um pequeno número de ocupações, que podem ser consideradas guetos tipicamente femininos. Cerca de 70% das brasileiras estão em atividades de baixa remuneração, baixo prestígio social, sem qualificação profissional e sem proteção trabalhista ou previdenciária. É o que pode ser chamado de *feminização da pobreza*. As ocupações femininas mais frequentes são: empregadas domésticas e trabalhadoras no campo para as menos instruídas; secretárias e balconistas para as de nível médio; e professoras primárias e enfermeiras para as mulheres de escolaridade mais elevada.” (Goldenberg, 2000:109)

Os homens participantes de *Casos de Família* quando declaram que “não trabalham” se deve ao fato de serem aposentados, em geral, por invalidez, já as mulheres os motivos são mais diversos. A maioria das mulheres respondeu que não trabalha e grande número delas não declara se trabalha ou não. Parcela significativa dos homens não gosta da idéia de suas mulheres trabalharem, preferem que elas cuidem da casa e dos filhos, somente. É o caso de Boris (27 anos) casado com a Judite (22 anos):

“Casou tem que cuidar dos filhos. O homem já faz a parte dele, trabalha. A mulher cuida da casa e dos filhos”

É o caso também de Ilza (32 anos) que tenta salvar seu casamento, já que o marido Francisco (48 anos) quer se separar porque ela está gorda e porque não lhe dá atenção suficiente, pois trabalha fora. Essa é uma visão que se aproxima de um modelo “ideal” de família moderna, mas patriarcal que, segundo Vaitsman, estaria em crise devido ao avanço da divisão sexual do trabalho.

“Família moderna e individualista, porém patriarcal. Pois, embora este tipo de família possa ser definido, por seus valores, como uma instituição estruturada numa relação de amor e de contrato entre os dois indivíduos que decidem livremente pela sua existência, ele também pode ser definido, enquanto prática, como uma instituição estruturada numa divisão sexual do trabalho, tendo como objetivo a criação e procriação dos filhos: divisão fundada numa hierarquia entre os sexos, uma vez que aloca as mulheres a posições subordinadas na hierarquia que se institui entre o conjunto das práticas sociais.”(Vaitsman, 1994:33)

No entanto, nem todas as mulheres que não trabalham o fazem em função das demandas do marido. Muitas vezes, isso ocorre por opção da própria mulher após o nascimento dos filhos, e até mesmo dos netos para dedicar-se a eles. São os casos de Maria de Lourdes (47 anos) que parou de trabalhar para cuidar dos netos e de Luciana (23 anos) que pediu demissão após o nascimento de seu primeiro filho. Araújo assinala que, ao contrário dos homens, a satisfação feminina não passa somente pelos imperativos externos do “mundo do trabalho”, mas também por condições internas a

família. O “cuidado”⁶⁸ aos doentes e as crianças é tradicionalmente associado às mulheres. Prossegue a autora observando que concernente com essas expectativas se coloca para a mulher o problema de conciliação entre essas duas esferas: a sua autonomia e liberdade como indivíduo e seu papel de mãe e esposa (Araújo, 2005). Em face desse conflito, e diante de outros condicionantes práticos, como não ter com quem deixar os filhos, Torres (2004) observa que a mulher portuguesa acaba optando por abrir mão momentaneamente de sua profissão, com a promessa de que retomará o trabalho posteriormente o que muitas vezes não ocorre.

Por outro lado, há também maridos que julgam ser necessário o trabalho da mulher para contribuir nas despesas da casa, como tem sido apontado por diversos pesquisadores⁶⁹. É o caso de Francisco (49 anos), ex-segurança que está “encostado”⁷⁰ e reivindica que sua esposa volte a trabalhar, pois sem seu trabalho estão “passando necessidades”. Em um caso extremo, o marido se recusa a contribuir para as despesas domésticas, argumentando que sua mulher ganha mais que ele, é o caso de Lucas (22 anos) e Joana (19 anos), grávida de 8 meses.

“Quem paga as contas e sustenta a casa sou eu. O Sandro usa o dinheiro dele para comprar roupas e sair com os amigos”.

Com relação à autonomia e satisfação da mulher no trabalho, as situações apresentadas em *Casos de Família*, não parecem corroborar as categorias enfatizadas por Torres (2004). No programa “Ela me passou a perna no trabalho”, as mulheres enfatizaram a “necessidade” para justificar esse comportamento de eliminar a concorrência. Ademais, nas outras exposições do programa os discursos se pautaram

⁶⁸ Por cuidado entende-se “(...) a provisão diária de atenção social, física, psíquica e emocional às pessoas”. (Araújo, 2005:22)

⁶⁹ Araújo e outros (2005)

⁷⁰ Categoria nativa que se refere a licenças médicas ou aposentadoria por invalidez.

nesta mesma questão: “ao que parece as mulheres brasileiras estão trabalhando muito mais para viver ou sobreviver do que para se realizar. São pouquíssimas as brasileiras que podem se dar ao luxo de falar em realização profissional e autonomia econômica.” (Goldenberg, 2000:108)

Se por um lado, o trabalho feminino pode ser bem vindo para complementar o orçamento doméstico, quando se trata de um maior envolvimento dos homens nas tarefas domésticas a aceitação não é a mesma. Assim, quando a mulher trabalha fora, não há uma contrapartida do marido na esfera privada. Sorj (2005) observa que essas duas dimensões não caminham juntas e a associação da mulher ao doméstico constitui um *habitus* muito resistente a mudanças. Um caso que demonstra esse dilema é o de Ilza (32 anos) que trabalha como metalúrgica e ainda tem que realizar os serviços domésticos quando chega em casa, já que seu parceiro não retira sequer um copo do lugar, pois define que serviços de casa são atividades destinadas as mulheres. Como mostra a produtora do programa:

“Continua sendo ela que arruma a casa, ela que cuida dos filhos “porque ela tem que entender que eu estou desempregado, que estou parado, que é o momento.” São poucos os homens que falam “ela vai trabalhar então eu cuido da casa, dos filhos”. A gente fez uma vez um programa chamado “Cansei de ser Amélia” que eram mulheres que falavam “não lavo, não passo enquanto você não me ajudar”, lembro que teve um caso em que ele falava: “_Minha mulher ficou louca! Ela agora resolveu que não lava mais minha roupa! Ela ficou louca!”. Não é que ela ficou louca, ela cansou. E a gente á fez muito programa em que o cara não trabalha, ele faz um bico esporadicamente e não permite que a mulher trabalhe, porque quem trabalha é o homem e vai ferir a masculinidade dele. É uma visão completamente distorcida, ele não está trabalhando, não está sustentando a casa, mas ela também não trabalha. Mas não pense você que por ele está desempregado e ela trabalhando que os papéis vão se inverter, que ele vai cuidar da casa, não! Ela vai continuar cuidando da casa porque é uma fase. Tem casos aqui de que ele está desempregado há 5 anos, mas ela tem que entender porque é uma fase! (ironia)” (Melissa Ribeiro)

Segundo Simmel (2001 e 2005), o casamento é uma das poucas esferas em que a lógica da cultura subjetiva se sobrepõe à objetiva. O espaço da casa é o do trabalho doméstico onde o ritmo do dinheiro, da economia monetária acumulativa e fragmentada pela divisão do trabalho, da impessoalidade, não predominam. O espaço doméstico, sob o ponto de vista da divisão do trabalho é predominantemente feminino, embora alguns homens reconheçam que devem “ajudar” nos trabalhos domésticos, mas ainda relutam. É o caso de José (35 anos), cuja prima da mulher foi ao programa para acusá-lo de estar casado por conveniência, já que sua mulher trabalha e sustenta a casa desde que ele ficou desempregado há um ano e meio. José diz que sabe que deve ajudar a fazer as coisas em casa, pois “obrigação de casa é de quem está em casa!” No entanto, Gisele (31 anos), prima de sua mulher diz que, apesar de afirmar isso, Luiz não está se importando com o fato de sua mulher ter que se desdobrar para dar conta das tarefas da casa e do trabalho, pois ele “não lava uma louça, não refoga um arroz!”. Sobre essa questão Araújo (2005) observa como algumas atividades cotidianas no espaço da casa são mais tradicionalmente consideradas femininas como “cozinhar” e “lavar e passar roupa”. O homem pode realizar “pequenos consertos domésticos” e “ir ao banco pagar contas”, atividades mais associadas à parte financeira e administrativa do lar, além de apontarem para o espaço público. Assim, embora alguns homens manifestem no discurso a concordância em ajudar nos serviços domésticos essas atividades ainda continuam fortemente marcadas pelo gênero.

Em geral, o homem controla o orçamento doméstico e cabe a mulher administrar os mantimentos para que estes durem o mês todo. Frequentemente o marido dá a esposa uma quantia para a compra dos itens que faltam no decorrer do mês. Zaluar, pesquisando famílias na Cidade de Deus/RJ, favela da Zona Oeste do Rio de Janeiro,

observa o papel central da mulher dona-de-casa no controle dos recursos familiares destinados à compra de alimentos para a família, ela é quem determina o quê e a quantidade do produto a ser comprada. O dinheiro, fruto do trabalho do marido, deve ser empregado, primeiramente, na compra de gêneros alimentícios “e caso seja desviada para outro item, resultará em final de mês sem comida para dentro de casa” (Zaluar, 1982:165). No que falta e nos demais itens que compõem o consumo familiar é esperado que outros membros da família (mulher e filhos) contribuam. Combinando seu trabalho com o do marido, a mulher deve administrar o consumo familiar que inclui também vestuário e eletrodoméstico. A estes itens acrescentaria também o mobiliário. O trabalho feminino, sob qualquer dimensão, seja como fonte de realização profissional ou de viabilização monetária, de alguma forma afeta as relações familiares (Araújo, 2005). A satisfação da mulher com o seu trabalho é acessível e se materializa para elas não como satisfação profissional, mas como possibilidade de consumo seja de víveres ou de eletrodomésticos. Esta questão aparece em diversos casos no programa *Casos de Família*, como o de Lorena (24 anos) que diz que com seu trabalho de diarista ela já conseguiu comprar uma geladeira e está pagando uma televisão.

Neste tópico, procurei mostrar através da observação dos casos apresentados no programa *Casos de Família*, como a questão da conjugalidade aparece sob diferentes aspectos, desvendando as querelas familiares no palco e para um público muito mais amplo. Tentei reconstruir o universo dos casos apresentados do ponto de vista das relações familiares, do gênero e da divisão sexual do trabalho. No próximo capítulo abordarei as soluções para os conflitos relatados e qual é a imagem da família e, principalmente, da conjugalidade que estas soluções apontam, bem como o papel da apresentadora e do especialista na formação desta imagem.

IV- A IMAGEM DA CONJUGALIDADE EM CASOS DE FAMÍLIA E O DISCURSO DOS ESPECIALISTAS

1- Com a palavra, o especialista!

Além do evidente alcance geográfico televisivo, Bourdieu (1997) aponta para o papel decisivo da televisão na formação das consciências. O arsenal de estereótipos sobre os quais se alicerçam as mensagens proferidas na televisão opera um movimento cíclico – descrevem e constroem uma dada realidade social -, e ganham dimensão sem igual face ao alcance tão abrangente desta mídia. Pode-se supor que o uso do especialista ajuda a legitimar a visão de mundo veiculada nessas produções, dando para estas mensagens uma credencial acadêmica.

O apelo ao especialista é uma característica da sociedade moderna, segundo Giddens. Para o autor, as transformações nos modos de vida criadas pela modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças precedentes. O dinamismo da modernidade se deve a separação entre tempo-espço e a sua recombinação em outras formas. Esta separação é essencial para o processo de desencaixe característico da modernidade. Giddens define por desencaixe os “‘deslocamentos’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço” (Giddens, 1991:29). O autor distingue dois tipos de mecanismos de desencaixe: “fichas simbólicas” e “sistemas peritos”. Ambos estão pautados na confiança.

O que interessa aqui é entender os sistemas peritos que são aparatos, de acordo com Giddens (1991), de excelência técnica e profissional no qual estamos mergulhados e do qual o indivíduo leigo conhece muito pouco, mas tem “fé” na autenticidade destes

conhecimentos. Os sistemas peritos pautam grande parte de nossas ações cotidianas, pois avaliamos e confiamos no que esse conhecimento especializado produz. Por exemplo, acreditamos que o automóvel não irá falhar facilmente e nos conduzirá em segurança, não obstante conheçamos muito pouco ou nada sobre a sua fabricação.

Freire-Medeiros e Bakker (2005) apontam para a relação entre estilhecimento da identidade, sistemas peritos e campo midiático. Na modernidade, a identidade se torna incerta e mercurial devido à pluralidade de possibilidades que o indivíduo tem em suas mãos, sem as referências de como desempenhar papéis diversos. Os peritos atuam na resolução destas questões e estabelecem o que é legítimo de acordo com os diferentes campos de atuação. Prosseguem os autores, argumentando que a mídia é um dos sistemas culturais de maior relevância nesse processo de legitimação dos peritos e de construção de identidades, oferecendo modelos de como ser e estar no mundo.

Robinson (1982) observa o uso freqüente nos *talk-shows* de especialistas em família. Segundo a autora, profissionais em família começam a reconhecer o potencial educativo das revistas e livros na disseminação do conhecimento sobre família para o grande público. No entanto, o mesmo não ocorre com relação à contribuição dos *talk-shows* e seu lugar na mídia televisiva como o maior disseminador deste conhecimento. Prossegue a autora pontuando que nesses *talk-shows*, os especialistas em família não utilizam modelos eruditos, escolares para comunicar-se com a audiência. Especialistas em família necessitam e desenvolvem modelos específicos quando são convidados a aparecer na televisão, modelos baseados mais em exemplos do que em teoria. Além disso, pautada nos argumentos de Olson's⁷¹, a autora define dois grupos distintos de especialistas em família: o *outsider-expert* e o *insider-expert*. Os primeiros são os especialistas em família que possuem diploma acadêmico e/ou carreira credenciadas como psicólogos, sociólogos etc. Já os *insider-experts*, são definidos como pessoas que

⁷¹ *Apud* Robinson, 1982

ganharam credibilidade devido a sua experiência pessoal são, por exemplo, casais divorciados, vítimas de incesto etc.

Existem algumas diferenças, bem como similaridades entre os dois tipos de especialistas nas posições que tomam suas intervenções nestes shows. *Outsiders-experts* tendem a usar declarações de fatos considerando que *insider-experts* confiariam mais fortemente em suas credenciais e experiência pessoal. *Insider-experts* são selecionados devido a sua experiência pessoal e em suas assertivas tendem a enfatizar os sentimentos. Nos *outsider* e *insider experts* depositamos nossos próprios valores e acreditamos em suas opiniões.

Essas questões podem ser examinadas em *Casos de Família*, um programa que se propõe a discutir questões familiares. De um lado, o psicólogo com o saber acadêmico e, de outro, os participantes que trazem suas experiências e conflitos familiares. No entanto, esses *insiders-experts*, em geral, apresentam suas experiências já elaboradas, já digeridas, já solucionadas, pois já passaram por aquela situação que iram discutir no palco, o que não ocorre neste programa. Em *Casos de Família* discutem-se os problemas familiares que os participantes do programa vivenciam no presente. Desse modo, os especialistas são convidados a debater a questão com eles, procurando soluções e explicações para o que está acontecendo naquele momento. O *outsider-expert* não é apenas um especialista ele é “o especialista” que vai orientar aquelas famílias para a dissolução do conflito que as aflige. Nos sistemas peritos, o psicólogo seria o responsável por fazer o diagnóstico e tratar dos problemas psicológicos. No âmbito do conhecimento sobre família, o psicólogo é um *outsider-expert*, que possui legitimidade dada por suas credenciais para falar sobre qualquer assunto relacionado ao tema.

Segundo Jost (2004) a ruptura dos programas que retratam a intimidade das pessoas com a herança que veio do cinema, ocorre com a produção de *Psyshow*, atração exibida em 1983. Em *Psyshow* a intimidade dos casais, compostos por anônimos, era exposta ao público por um apresentador e um psicanalista. Amigos e familiares compõem a platéia e atores encenam pequenos filmes que contam a vida do casal. *Psyshow* tinha a proposta de “curar” ou “pôr no bom caminho” os casais que buscavam a felicidade. Ora, esta é a proposta de *Casos de Família*.

“Bom, a gente visa atingir..., a gente traz as pessoas aqui para expor os casos, a história, a gente visa, através do depoimento da psicóloga e no final também a Regina sempre tem um..., ela fala a impressão dela, do que ela ouviu, então a idéia é dar uma luz para a pessoa, às vezes, mudar aquele comportamento, para ela perceber que está errando, tentar mudar, tentar dar uma luz, uma caminho para a pessoa dar uma virada, uma virada eu não digo, mas, assim, mudar pelo menos naquele ponto do tema do programa. (Fabiano Pascarelli)

Singly (2007) e Velho (2002) constataam uma relação entre o surgimento da família moderna e a expansão da psicologia e da psicanálise na determinação de novas normas familiares. Baumam (2004) atribui a fragilidade atual dos vínculos humanos e a dificuldade de se estabelecer laços à responsabilidade por um consumo cada vez maior de aconselhamentos e o sucesso dos especialistas. Em *Casos de Família* paradigmas de relacionamentos conjugais “ideais” são aconselhados aos participantes, bem como modelos de papéis masculinos e femininos. Por reconhecer a autoridade dos sistemas peritos e a notoriedade de estar na mídia é que os participantes do programa delegam a este profissional a responsabilidade para solucionar seus conflitos. Estes aparecem como desarmonias, “doenças” que necessitam de cuidados públicos, oferecidos pelo programa. Há uma busca por harmonização e talvez este seja o ponto que mais distingue *Casos de Família* dos demais programas desse gênero, exibidos na televisão brasileira.

“A gente busca a harmonia, a gente não incentiva a briga, não incentiva a discussão, o bate-boca, agressão física jamais. Então, eu acho que o programa tem esse embasamento de família, de ter aquela coisa de união, de entendimento, de amizade, né?”
(Fabiano Pascarelli)

Ademais, podemos também compreender *Casos de Família* como uma arena onde se encenam conflitos presentes na sociedade e na família de forma específica. Gluckman (1987) e Sahlins (2004), com as especificidades próprias de cada autor, apontam para uma perspectiva de entendimento do conflito a partir do conceito de “evento”. Um “evento” é algo que se destaca por mudar a ordem das coisas, gerar uma diferença. O desejo de quem vai relatar seus dramas no palco é de que este episódio seja um “evento” em sua vida o que pode ou não acontecer. Este desejo é alimentado pelo fato da mídia potencializar determinadas situações para provocar a mudança e a visibilidade alcançada através dela, conjugando com as especificidades do programa por meio ao apelo aos especialistas e dos conselhos da apresentadora. O clímax do “evento” seria o palco, há uma busca por harmonia e após este ponto um novo equilíbrio pode ser estabelecido entre os familiares em conflito. Essa harmonia se dá a partir dos aconselhamentos do especialista e da apresentadora, ambos encarregados de apresentar um repertório de sociabilidades, modelos de conduta condizentes com um “ideal” de família.

Elias (1990) observa como se processou a mudança de condutas e sentimentos humanos em sincronia com as transformações sociais, políticas e econômicas que se deram graças ao entrelaçamento de planos e ações, impulsos emocionais e racionais dos indivíduos. Através do conceito de “figuração”, o autor mostra como estruturas de personalidades estão interligadas (Elias, 2006). Gradativamente o indivíduo foi forçado a regular mais e mais sua conduta para evitar transgressões do comportamento socialmente aceitável. Da conexão participantes, público, platéia e produtores surgem

paradigmas de como agir nas mais diversas situações familiares e de como regular as condutas de acordo com a posição dos indivíduos nesta teia.

O programa se propõe a tratar de questões relacionadas à família, ainda que nem sempre os participantes pertençam à mesma família envolvida no debate, mostrando que há um empenho em “resgatar valores” supostamente perdidos. Outra marca fundamental deste programa é a própria apresentadora que aparece como a principal “especialista”. Abordarei um pouco mais neste aspecto.

Estudando o *Programa Hebe Camargo*, Miceli (1972) argumenta que a referida atração subsiste há anos em horários “nobres” da televisão, sempre pautada no carisma da apresentadora e baseada em um conjunto de estereótipos aos quais ela alicerça sua figura.

Não se pode ignorar o apelo e o carisma de Regina Volpato, haja visto os fãs espalhados pelo país, os *blogs*, grupos de discussão e comunidades na *internet*. Sobre o fenômeno da fama, Coelho (1999) pondera sobre como ele atinge a todos no mundo moderno, seja na condição de fãs ou, mais raramente, na condição de ídolos. A experiência da fama é ambígua e contraditória, pois supõe a singularidade de um indivíduo e a massificação de outros. Do ponto de vista do fã, esta ambigüidade se exprime na tentativa e desejo de não ser somente “um fã”, mas “o fã” que se destaca dos demais perante o olhar de seu ídolo. Para a celebridade - seja ele um ator, atleta, músico, ou mesmo apresentador -, o conflito se manifesta na forma de sua imagem pública que o consagra colocando-o em contato com milhares de indivíduos e gerando o assédio dos fãs. Assim, diz a autora:

“Ser famoso implica exacerbar a dupla existência do indivíduo comum: a dimensão de sujeito psicológico, existente no âmbito privado, não difere essencialmente da experiência comum, mas a *persona*, sua imagem pública, transcende em

muito o mero desempenho de papéis sociais corriqueiros.”
(Coelho, 1991:93)

Em *Casos de Família*, a apresentadora conduz as discussões em tom dramático e por vezes até anedótico, como vimos nos exemplos acima. Freire-Medeiros e Baker (2005), analisando o *reality show Extreme Makeover*, observam que a legitimidade dos peritos responsáveis pelas interferências estéticas, aos quais os participantes se submetem, passa pela referência a sua experiência no atendimento de estrelas de *Hollywood*. A autoridade do saber científico se une ao aval das celebridades da mídia, ou seja, da singularidade alcançada pelo indivíduo através da fama. Ademais, o alcance televisivo e a abrangência de suas mensagens não podem ser ignorados como já foi ressaltado por Bourdieu (1991) e Robinson (1982). Observamos constantemente na mídia, celebridades opinando sobre os mais diversos campos de saber e aspectos da vida para as redes de televisão em cadeia nacional. Os discursos midiáticos oferecem a seus telespectadores um leque de formas de sociabilidade, de modos de agir e pensar pautados em determinados estereótipos. Em *Casos de Família*, este aspecto é levado ao limite, já que a palavra final é dada pela apresentadora: ela opina e, pautada no seu “diagnóstico”, fornece a “receita” para os problemas apresentados. A consagração do conselho do psicólogo é corroborada ou rechaçada por Regina Volpato, estrela principal do programa, no seu discurso de fechamento que tem, em geral, duração de quatro a cinco minutos (tempo maior do que o concedido para o especialista). Suas palavras finais reiteram os valores que compõem o quadro de estereótipos no qual se baseia o programa, resta mostrar que imagem é esta formada pela mensagem de *Casos de Família*.

2- Boa esposa e bom marido

Na notoriedade da mídia, os fechamentos da apresentadora mostram de forma nítida as representações sobre os papéis masculino e feminino nos quais este programa se pauta. Nesta época de modernidade líquida, como argumenta Bauman (2004), em um mundo repleto de imprevisibilidade, os laços humanos encontram-se frágeis e frouxos, a definição de amor romântico tende a sucumbir, as relações tendem a ser mais flexíveis e a insegurança aumenta cada vez mais. Além disso, a busca pela felicidade observada por Freud (1997), move o homem no sentido de procurar relacionamentos duradouros e estáveis. Essa ambivalência é constante neste mundo líquido e atinge também as relações familiares, como pondera Singly (2001). No interior da família encontra-se uma permanente tensão, pois o indivíduo quer simultaneamente manter laços mais estreitos – sensação de segurança –, mas que possam ser afrouxados, segundo suas próprias necessidades – sensação de liberdade. O indivíduo contemporâneo deseja ser “livre junto”. Dessa ambigüidade de desejos, uma explosão de aconselhamentos se faz através da procura por especialistas, livros, revistas, programas etc; que receitem fórmulas, recomendações de como proceder diante das incertezas (Bauman, 2004). Em *Casos de Família*, a dramatização dos problemas privados, publicizados pela televisão, é permeada em tom suave por Regina Volpato que receita o “remédio” para os conflitos apresentados. Este tem por base, em geral, a mudança do comportamento feminino que não corresponde às expectativas esperadas no desempenho dos papéis de mãe, dona-de-casa, esposa e mulher.

Casos de Família, 30/11/2005 – Tema: “Meu marido me dá menos do que eu mereço”.

“Porque filho de um mês precisa sim, eu acho bacana amamentar, mas a gente tem que dar uma solução para essas coisas, para que cada um tenha seu espaço. Não dá para ser só mãe, nem só mulher. É aquela velha história: mãe, mulher, amiga, amante, companheira. Tem que dar um jeito de fazer um pouquinho de cada coisa (...) Acho que a gente não tem que ter vergonha dessas coisas que fazem parte do papel da mulher. Não tem que ter vergonha de ficar de TPM, não tem que ter vergonha de levar filho junto, não tem que ter vergonha de tudo isso que faz parte da mulher. Faz parte de nossa vida, a gente tem que carregar, somos mulheres porque somos assim.” (Regina Volpato)

Os discursos finais reivindicam um equilíbrio entre os diversos papéis femininos, consagrados a partir de um modelo de família conjugal moderno, mas que elabora uma *domesticidade feminina*. De acordo com Vaitsman, a definição típico-ideal de família conjugal desenvolvida pela teoria funcionalista propõe que os papéis sociais sejam bem definidos e isto está na gênese das sociedades modernas.

“(...) entendo por família conjugal moderna uma família hierárquica que se desenvolveu juntamente com os processos de modernização e industrialização: o grupo de parentesco formado a partir da união fundada na livre escolha e no amor – o casamento moderno – constituído geralmente pelo núcleo do casal, mas podendo incorporar outros agregados – caracterizado pela divisão sexual do trabalho nas esferas pública ou privada atribuída segundo o gênero. (...) Fundada numa dicotomia entre papéis públicos e privados, a família conjugal moderna, como categoria sociológica e histórica, se constitui não como um modelo igualitário, mas hierárquico, e tornou-se o padrão dominante entre as classes médias dos grandes centros urbanos brasileiros até meados dos anos 60.” (Vaitsman, 1994: 16 e 17)

Segundo a autora, com o desenvolvimento e acirramento da divisão sexual do trabalho esse modelo entra em crise. *Casos de Família* se propõe a ser um *talk show* que “resgata valores”, ao que parece os valores a serem resgatados são justamente os que se

referem a este modelo de família. No entanto, não é um simples resgate de valores, mas uma reelaboração, o que será abordado mais adiante. Este arquétipo sugere então que a mulher deve ser uma dona-de-casa zelosa e competente, ser uma mãe dedicada, ser uma esposa companheira e compreensiva e, ainda, ser uma amante que respeite e zele pela intimidade do casal. A mulher é a guardiã da esfera privada e deve zelar pela ordem na casa, delimitando bem os espaços e funções a serem desempenhados por cada um, assim como zelar pelo seu equilíbrio para preservar a harmonia familiar.

Casos de Família, 20/11/2006 – Tema: “Apesar de tudo ela é minha filha”.

“Filho é um desafio para o casamento porque se eles pudessem não teriam o homem e a mulher, eles teriam só o pai e a mãe. É importante o casal ter claro que em alguns momentos a mulher, ser só mulher e o homem, ser só homem. Filho não participa (...) acho que essa história da cama do casal, do quarto do casal é um lugar sagrado (...) precisam ter espaço para mãe se colocar e para o homem se colocar porque ele é padrasto, mas está exercendo a figura de pai. Então, você precisa deixar ele exercer a autoridade de homem da família, de pai da sua filha porque naquele momento ele está sendo o pai dela, ele está criando, ele está zelando pelo ambiente, ele está dividindo as contas da casa.” (Regina Volpato)

Também no discurso do especialista percebemos esta busca por um equilíbrio de papéis:

Casos de Família, 30/11/2005 – Tema: “Meu marido me dá menos do que eu mereço”

“(...) E no terceiro caso, eu acho que vocês estão precisando rever os papéis. O Lucas parece que ficou deslumbrado com a vinda para São Paulo, amigos, aquela coisa toda. Parece que você perdeu um pouco o foco, parece que você deu uma adolescida. Vocês casaram realmente muito jovens, só que a Joana não está passando por isso. Ela está mais centrada. Então você tem que avaliar qual é o seu papel dentro desse casamento, se é o de um pai, de um marido ou de um outro filho.” (Anahy D’Amico)

Com relação à imagem do marido “ideal”, ela pouco é abordada nas finalizações da apresentadora e não aparece de modo tão direto e claro quanto à imagem “ideal” da mulher, apesar das reclamações femininas serem bem maiores que as masculinas. No entanto, para a produção de *Casos de Família* o que mais as mulheres reclamam dos homens é a falta de interesse e a recusa em ajudar nas tarefas domésticas.

“Pois é, em alguns casos (...), em muitos casos, o único papel do homem é existir como homem. Não trabalha, não ajuda em casa, não divide as tarefas do lar, põe a mulher para baixo, mas é respeitado como o homem da família. Em outros casos, o homem trabalha e entende que é obrigação da mulher cuidar da casa. Em outros casos, o homem trabalha e entende que a obrigação da mulher é trabalhar fora também e fazer as tarefas da casa porque isso é coisa de mulher e homem que é homem não lava a louça. Em alguns casos o homem trabalha e não quer que a mulher trabalhe fora porque “mulher minha tem que ficar em casa”. Aí eu pergunto “qual é a diferença entre empregada e mulher? Ah, é que empregada a gente paga”. Isso é constante. Empregada a gente tem que pegar e a mulher não, é tudo bem! E aí, eu acho que não cabe julgamento. Na minha cabeça, uma relação entre homem e mulher é diferente, mas na minha cabeça. Então eu pergunto para ele “está bom para você assim? Está.” Para ela “Esta bom para você assim? Esta.” Então, tudo bem. O problema é quando não está bom para uma das partes. Aí é um problema para o casal. Porque, de verdade, não acho que tem certo ou errado, tem uma relação que funciona bem desse jeito.”
(Regina Volpato)

Com relação à idéia do homem como provedor da família, papel que lhe é tradicionalmente atribuído, há uma ênfase na mudança de comportamento, reconhecida pela especialista como positiva e algo que deve ocorrer.

Casos de Família, 30/11/2005 – Tema: “Meu marido me dá menos do que eu mereço”

“(…) Mas o que eu quero dizer para os casais de hoje é que o homem sempre teve o papel de provedor. O homem é que sustenta a família, a casa, não é assim? Socialmente, é esse o papel do homem. Só que a coisa está mudando, hoje em dia a

mulher tem uma participação muito mais ativa, ela vai atrás, ela corre atrás do dinheiro dela para ajudar no orçamento e também para comprar as próprias coisas.” (Anahy D`Amico)

A mulher deve trabalhar, seja por necessidade para contribuir no orçamento doméstico, seja para sua própria satisfação em termos de consumo. Essa mudança é provocada por uma série de fatores já identificados por autores como Vaitsman (1994), Araújo e outros (2005a), Torres (2001 e 2004), Goldenberg (2000), Singly (2007) etc. Dentre esses fatores destacam-se a crise do desemprego, a participação crescente das mulheres nas atividades públicas e a conquista de direitos formais de cidadania. Outro ponto apontado no programa *Casos de Família* e que talvez tenha contribuído para acelerar esta mudança é o grande número de mulheres que sustentam a casa, provisória ou permanentemente: ou porque foram abandonadas pelos maridos ou porque eles estão desempregados ou exercendo atividades informais. Fonseca (2004) observa que a “unidade mãe e filhos” é uma situação recorrente em camadas populares, no entanto, alerta para o fato de que é percebida idealmente como provisória. Além disso, o fato de sustentar materialmente suas famílias não deve ser entendido como um sinônimo de total ausência masculina ou de dominância feminina, redes de apoio são formadas para ajudar essas mulheres e em alguns casos o irmão ou o filho mais velho contribui nas despesas da casa exercendo a autoridade masculina, como abordado em capítulo anterior. Ademais, como exposto anteriormente, dado o número considerável de famílias recompostas, nota-se que muitas dessas mulheres possuem um filho de cada cônjuge, os relacionamentos conjugais são efêmeros e após a separação elas estabelecem uma nova relação conjugal. O “cônjuge da vez” deve assumir os filhos dos relacionamentos anteriores e isto é muito valorizado, ou seja, o cônjuge ideal é aquele que se responsabiliza pela educação e manutenção dos enteados.

Além das opiniões da apresentadora e dos psicólogos, outro nível de intervenção deve ser assinalado – a dos participantes e da platéia – que também contribui para a formação da imagem de família e, especificamente, da conjugalidade.

No espaço do programa *Casos de Família* observa-se o encontro, a relação e como se dão as influências mútuas entre e inter camadas sociais distintas: público e participantes pertencem às camadas populares, por sua vez produtores, apresentadora e psicólogos pertencem às camadas médias da sociedade paulista. Zaluar (1985) observa a tensão do pesquisador, em geral membros das camadas médias, ao tentar romper a barreira de classes que separa “pobres” e “ricos”. Obstáculos microscópicos são acionados para dificultar o acesso entre classes, mas existem alguns locais de contato onde o encontro é permitido: nos desfiles das escolas de samba, nos estádios de futebol e nas cozinhas da classe abastada. Essas barreiras de relacionamentos são desfeitas de segunda à sexta-feira, das 16:00hs às 17:00hs em *Casos de Família*. O programa é, de fato, promotor desse encontro, ainda que este não pressuponha uma relação entre “iguais” e que suas influências mútuas não se dêem com a mesma força e poder nos dois sentidos. Com razão, observa-se uma relação hierárquica no palco de *Casos de Família*. Regina Volpato e os psicólogos atuam como especialistas e a relação que estabelecem com os participantes é de quem detém um conhecimento específico indisponível para aqueles que vão contar seus conflitos familiares e buscar soluções. Participantes e platéia, por outro lado, fazem suas intervenções conduzidos pela apresentadora. Trata-se de um jogo e o que está em disputa é o domínio sobre a representação “ideal” de família e de conjugalidade. Relações de identidade, admiração repugnância, descarte ou resignificação fazem parte deste jogo. A imagem é formada na palavra final da apresentadora e do especialista por contraposição, aglomeração, reapropriação, resignificação ou descarte das experiências trazidas ao palco.

Assim, pode-se inferir que essa imagem da família, dos papéis masculinos e femininos não é uma via de mão dupla, pois é criada por oposição/concordância e resignificação de todas as reclamações conjugais citadas pelos participantes, como visto no capítulo anterior. Dessa forma, um “bom” marido, nas reclamações das mulheres, é aquele que sustenta a casa, mas oferece certa liberdade para a mulher que deseja trabalhar, que aprecia a companhia dela e não a abandona nos fins de semana, que não é ciumento, que, de preferência, não beba ou se bebe não a perturba, a valoriza e, se possível, a ajude nas tarefas de casa.

“Então, elas cobram respeito e carinho sem se dar conta de que estão solicitando isso. Quando elas dizem “chega sábado, ele vai para o bar e me deixa o dia todo sozinha”, é (...) “Mas por que você vai para o bar? Ah, porque é legal. Porque lá ninguém me enche o saco. “Porque lá ninguém me cobra que eu não tenho dinheiro, que eu não tenho isso, não tenho aquilo”, “mas por que você quer ficar com ele? Ah, porque eu fico sozinha na minha casa.” Então elas cobram sem se dar conta que estão cobrando isso: amor, respeito, companheirismo, tranquilidade, parceria. Parceria, duas pessoas ainda ficam juntas pela parceria... O mais que eu vejo são pessoas que tentam ser felizes e só. Só tentam ser felizes, sabe aquele sonho de casa, comida e carinho. É isso. Teu marido, teus filhos, ter uma casa com jardimzinho, é isso. (Regina Volpato)

Por outro lado, a boa esposa é aquela que dá conta de forma eficiente das tarefas domésticas e do cuidado dos filhos, que não reclama das saídas do marido, não é mandona, lhe dá atenção e respeita as suas vontades.

“Num outro nível mais básico, que eu vejo, é que o homem quer exercer o machismo e a mulher se rebela. Aí bagunça a cabeça dele, “mas a regra é essa, como ela quer diferente?” Ou, ao contrário, ela vem com pensamento machista. A obrigação dele é sustentar e cuidar das crianças, e ele não põe as crianças de castigo, entendeu? Então, eu vejo que o que é cobrado um do outro é o cumprimento das regras. Regras do patriarcado, que

ele tem que prover e ela têm que parir e cuidar da casa.” (Regina Volpato)

Essa divisão de papéis pode ser tênue do ponto de vista econômico, mas com relação ao comportamento e as características de cada sexo são bem claras. Interessante apontar que as características e papéis masculinos não são muito enfatizados neste programa; o homem deve somente assumir as responsabilidades de pai e de marido, atendendo às necessidades básicas da família. O homem seria o lado mais objetivo da relação, onde as questões exteriores prevaleceriam. Em entrevista Regina Volpato observa:

“Os valores para mim do patriarcado são os valores do masculino mais importantes, mais valorizados do que os valores do feminino. Quando eu digo valores do masculino, eu digo coisas do universo masculino: trabalhar, regras estabelecidas, sejam elas quais forem, dinheiro para você se sustentar. Então coisas do universo feminino absolutamente desvalorizadas: o sentimento, o afeto, a doçura, o tempo para você ficar com você mesma esquece, entendeu? O que vale é a locomotiva te empurrando para frente.” (Regina Volpato)

Com relação à mulher, suas características e papéis estão bem mais claros e delineados no programa, nas palavras da apresentadora:

Casos de Família, 07/11/2005 – Tema: “Ela quer tudo do jeito dela”.

“É interessante porque a platéia sempre vem com muita sabedoria e essas duas últimas intervenções, não são nem perguntas. Eu acho que resumem bem. Não tem que ter um que manda e outro que obedece! Por que será que os casamentos não duram tanto? Eu acho que é isso: um quer mandar e o outro não quer obedecer. Porque não ceder um pouquinho aqui ele, cede um pouquinho ali. E a mulher, no fundo, no fundo, com jeitinho consegue as coisas. Cede um pouquinho aqui, o outro que está difícil de ceder, faz o bolo que ele gosta, dá um beijinho mais carinhoso. Não precisa ser assim, forte, durona! Porque senão

nem fica parecendo mulher, fica parecendo uma coisa autoritária. O papel da mulher não é esse. (...) Às vezes, quando a gente quer ser muito durona, quer ser muito séria, quer tudo do nosso jeito, a gente deixa de ser mulher, pelo menos, aos olhos dele. E quando a mulher, deixa de ser mulher e perde o encanto, perde a delicadeza, a sensibilidade como ele falou, aos olhos dele fica parecendo um monstro. E homem nenhum quer ter um monstro. Homem nenhum tem vontade dar, um beijo, um abraço, uma flor para um monstro. Quando você percebe que tem que estar sendo muito durona, muda de tática, muda de jeito. Deixa, não fala agora, deixa para falar mais tarde. Fala com jeitinho. Não estou dizendo para ser submissa, mas para usar o jeito feminino, que eles gostam e que, por isso, estão com vocês o tempo todo, não só naqueles minutinhos na intimidade. Dá para ser mulher o tempo todo. E cuidar do sofá, cuidar da cozinha, do dinheiro e tal, mas com jeito. Sendo mulher, exercendo o papel feminino. E não fazendo com que ele se sinta 'pau mandado', enganado. Porque no fundo o que eles estão ressentidos é disso: minha mulher manda e eu tenho que obedecer, senão eu perco a mulher, mas eu gosto dela! Então, com jeitinho tudo se acerta. Durante todo o dia, fazer pequenos carinhos, pequenos agradados, falar com jeito e também relevar um pouco, porque se a gente for levar tudo certinho, nem a gente se agüenta. Quem não deixa cair um grão de arroz no chão? Quem não molha o banheiro quando toma banho? Se você levar tudo certinho a vida vai se resumir a isso, entendeu? É ser mulher o tempo todo e ser mulher não é ser submissa, é ter jogo de cintura, falar o que quer com palavras doces, com tom de voz agradável, elegante. Você pode falar o que você quiser com jeitinho, com educação, ele vai ouvir. Porque se a gente falar bruto eles nem ouvem. E vai ouvir o que você tem para falar e, muitas vezes, vai te atender. Boa sorte para vocês!”

Segundo Simmel (2001), no homem há o predomínio da cultura objetiva com as características da impessoalidade, sexualidade centrífuga, é o sujeito da conquista. Já a mulher é regida principalmente pela cultura subjetiva, do pessoal, sua sexualidade é centrípeta, ela é o objeto da conquista, teoricamente o ser passivo. No discurso dos especialistas e da apresentadora de *Casos de Família*, as características supostamente “femininas” como sensibilidade e pessoalidade são acionadas para um equilíbrio do feminino e harmonia do casamento. A mulher não pode parecer agressiva e objetiva demais, ela deve ser suave, delicada e emotiva, com o predomínio do emocional, do

subjetivo. Assim, na imagem formada pelo programa a solução dos problemas relativos à representatividade de papéis seria o ajustamento do comportamento destas mulheres ao que a apresentadora denomina de “ser mulher”, ou seja, ser gentil, delicada, amável, benevolente, saber falar, exprimir certa fragilidade, fazer agrados ao marido, usar o jeito feminino, dedicar-se aos filhos e ao marido, ter jogo de cintura, ser mãe e esposa dedicada, ser compreensiva, ter uma certa capacidade diplomática, etc. Tudo isso somado a uma “boa” aparência física, como é sugerido nos programas sobre “Corpo, saúde e estética”, ou nos comerciais de planos para cirurgia plástica, Bio Redux, Novarutina e Acnase.

3- *É impossível ser feliz sozinho...*⁷²

Freud (1997) assinala que o propósito e a intensão maior dos seres humanos é a busca por felicidade o que leva a duas metas: evitar o sofrimento e obter o máximo de prazer. Amor e necessidade fundam a sociedade. Na busca pelo prazer o homem descobriu que o amor sexual lhe proporcionava o mais intenso prazer, sendo assim o protótipo de toda felicidade. O amor sexual funda a família e na civilização uni-se ao amor inibido de sua finalidade (entre pais e filhos, entre irmãos e entre amigos). O impulso de agressividade detectada nos seres humanos só encontra barreiras no amor ao próximo. O princípio de “amar ao próximo como a si mesmo” é um dos preceitos fundamentais da civilização por transformar o egoísmo em altruísmo. Por outro lado, é o que mais contraria o propósito da vida de busca por felicidade e razão do interesse próprio. Quando se está amando, o objeto amado desfruta de uma idealização e, por isso, é supervalorizado. No estado de enamorado o objeto ocupa o lugar de algum ideal de ego inatingido de nós mesmos. Amamos por ver no objeto as perfeições que nos

⁷² Música de Antônio Carlos Jobim.

esforçamos para adquirir para nosso próprio ego e que tentamos alcançar, agora de maneira indireta através dele, para satisfazer nosso narcisismo. Quando esse laço libidinal entre ego e ideal de ego ocupado pelo objeto se desfaz, o amor transferencial se esvaece e o objeto deixa de ocupar seu lugar, de ser supervalorado e transforma-se. A quebra da união conjugal pode resultar dessa dissolução onde o “nós”, pensando no casal, transforma-se em eu sozinho.

“(…) quando eu entro em uma relação o eu fica em segundo plano e o nós em primeiro plano, porque agora nós vamos funcionar enquanto em casal, enquanto uma família e vocês ainda estão muito posicionados em função do eu. O meu prazer é o que importa, o outro não” (Ildo Rosa)

Por outro lado, a análise sobre o amor na contemporaneidade realizada por Giddens (1993) vai além da proposta de Freud. Segundo o autor, a pressão da emancipação e autonomia femininas da atualidade tendem a fragmentar o ideal de amor romântico que depende da identificação projetiva como condição para a atração e união entre os parceiros. Dessa forma, o que o autor denomina de “amor confluyente” parece estar muito mais apto para o momento atual do que o amor romântico. O amor confluyente é ativo, não tem ligação com a sujeição entre os pares, busca a satisfação e felicidade sexuais e não tem ligação com a heterossexualidade. Nele, categorias do amor romântico como “para sempre” e “único” não tem espaço. O amor confluyente, prossegue Giddens, pressupõe a igualdade na doação e recebimento emocionais, além disso, só se desenvolve até o ponto em que cada parte da relação se envolve, até o ponto que vai a intimidade do casal. Singly (2007) propõe que essa tensão entre a exigência de individualização e o desejo de estar junto é permanente no seio familiar. Ou, nas palavras de Vaitsman:

“(...) embora o objetivo do amor moderno seja a reciprocidade e a complementaridade entre dois indivíduos, a individualidade de cada um ergue barreiras entre os dois, fazendo do outro algo de inatingível que é determinado pela individualidade. Ou seja, a contradição mesma do amor e do casamento modernos advém do próprio desenvolvimento e da singularidade da individualidade.” (Vaitsman, 1994:34)

O discurso apresentado no programa *Casos de Família* também aborda a individualidade, que deve ser preservada e o respeito às vontades do outro, como no programa “Você precisa respeitar as minhas vontades”. No entanto, embora no decorrer deste a individualidade dos cônjuges apareça e tenha sido reforçada nas entrevistas que realizei com a produção, com a apresentadora e com a psicóloga, este aspecto está praticamente ausente nos discursos finais, pois é esfumaçado, obscurecido por valores mais simbióticos relacionados ao papel atribuído a cada membro da família.

Casos de Família, 30/11/2005 – Tema: “Meu marido me dá menos do que eu mereço”.

“O tema do programa é “Meu marido me dá menos do que eu mereço” e toda a vez que a gente espera ser valorizada pelo outro, na maioria das vezes a gente se dá mal, porque primeiro a gente tem que se valorizar. A gente tem que dar para a gente mesmo o que a gente merece. Se é atenção, se é carinho (...). Tentar arrumar espaços no seu dia para você mesma. E o Jackson falou: “está amamentando (...)”, mas ela pode parar de amamentar. Na hora me veio justamente isso na cabeça, que talvez você só tenha tempo para os filhos e para as crianças, e ele? E quando eu digo, vale a pena você olhar para você e para você e seu casamento também. Porque filho de um mês precisa sim, eu acho bacana amamentar, mas a gente tem que dar uma solução para essas coisas, para que cada um tenha seu espaço. Não dá para ser só mãe, nem só mulher. (Regina Volpato)

Ao tentar conciliar o inconciliável, a solução para os conflitos estaria então em abrir mão da autonomia e da individualidade em função do “nós”, nas palavras da psicóloga:

“Eu acho que casamento..., você falou tudo Regina: precisa dos dois! Elas estão tentando salvar o casamento. Elas puxam para si, todos os erros. Se elas mudarem, se uma deixar de ser cimenta, se a outra emagrecer, aí vai ficar tudo maravilhoso! Não é verdade! Casamento cai na rotina, a relação se desgasta, só que entra numa rotina gostosa quando o casal é saudável. Tem companheirismo, tem cumplicidade, coisa que eu não vi em nenhum dos casais.” (Anahy D`Amico)

Um casamento duradouro e ideal para o programa deve respeitar os papéis estereotipados, característicos aos sexos, ser satisfatório e zelar pela felicidade de ambos. Ademais, o casamento ideal deve, principalmente, observar as limitações e aspectos específicos da relação que se estabelece com o outro e, também, o cuidado com os filhos.

Casos de Família, 03/11/2005 – Tema: “Quero me separar, mas ninguém me apóia”.

“(...) porque eu acho que se você está infeliz não tem que viver junto. Família estruturada não é aquela que vive junto, embaixo do mesmo teto, brigando. Família estruturada é quando os papéis são respeitados e os filhos têm que ser levados em consideração.” (Regina Volpato)

Com o avanço da modernização, da industrialização e da urbanização a partir dos anos 60, opera-se uma redefinição da posição das mulheres na sociedade, abalando a polarização público e privado, segundo o gênero.

“O tipo moderno de família e casamento entrou em crise porque foram abalados seus fundamentos: a divisão sexual do

trabalho e a dicotomia entre público e privado atribuída segundo o gênero.”(Vaitsman, 1994:35)

Esse movimento produziu transformações marcantes no modelo da “típica família”, observa-se então não uma crise da família de forma geral, pois segundo Singly: “a vida conjugal é mais atrativa do que o celibato ou a vida solitária, porque dá a impressão de que não se é somente um personagem público ou um indivíduo que deve viver, sobretudo, segundo a lógica do interesse, das relações de competição que dominam na esfera do trabalho.” (Singly, 2007:132). O que há, argumenta Vaitsman, é a crise de um modelo específico de família - a família moderna, substituída por relações com novos conteúdos e formas. Assim, “Modernidade avançada”, “modernidade tardia”, “alta modernidade” ou “pós-modernidade” seja lá qual for a denominação que se atribui ao contexto histórico atual, o fato é que quando se pensa na contemporaneidade está se tratando de um mundo de incertezas, flexibilidade, liquidez, pluralidade, heterogeneidade (Bauman, 2004; Giddens, 1990, 1991; Berman, 1986; Lyotard, 1979). Consequentemente, a condição contemporânea da família e do casamento não é estável e definível, caracteriza-se pela inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto discurso. *Casos de Família* tem como proposta um “resgate de valores”, o resgate supõe que algo está perdido ou em crise e que deve ser retomado. Este programa aponta como solução dos conflitos um modelo de sociabilidade que é uma reformulação de valores, uma reconstrução idealizada dos papéis masculino e feminino e de como proceder de acordo com as expectativas referentes a essas funções, que parte de um modelo de família conjugal moderno.

No entanto, não é simplesmente um resgate, mas sim uma reelaboração e resignificação atenta às mudanças ocorridas no contexto familiar e na sociedade em

geral. É uma reelaboração, uma adaptação calcada no modelo da família conjugal moderna com um conjunto de práticas e valores, ou seja, pautada na idealização do amor, sensação de igualdade advinda pela possibilidade de escolha do cônjuge e divisão sexual do trabalho. A união e a felicidade conjugais são valorizados. O “nós casal” presente constantemente nos discursos enfatiza os papéis de esposa e marido. À mulher, ainda são reservados os papéis de mãe e dona-de-casa. Destaca-se também que a mulher deve ser abnegada e ter certa capacidade diplomática, é ela que deve ceder e conciliar os conflitos em prol da harmonia familiar. Apesar disso, a mulher não está simplesmente encerrada no espaço doméstico e o homem no espaço público, ressalta-se a necessidade do trabalho feminino e a contrapartida masculina na esfera doméstica é constantemente enfatizado nos fechamentos do programa – tanto no discurso do especialista, quanto no da apresentadora. No entanto, essas conquistas femininas e a busca por uma certa igualdade devem ser alcançadas reforçando-se a desigualdade entre os sexos. Nos discursos exibidos no programa *Casos de Família*, há uma legitimação da crença de uma natureza feminina distinta e complementar ao homem. Assim, a mulher para alcançar certa igualdade perante o homem deve utilizar-se de suas características femininas apontadas pelo programa, tais como: “sensibilidade”, “jogo de cintura”, “agradar o parceiro” etc.

Por fim, fica claro que as polarizações que determinam um discurso mais tradicional para as famílias de estratos mais populares, ressaltando que estes apresentariam um discurso mais centrado na simbiose, na fusão no “nós-casal” ou “nós-família”, e para as camadas mais escolarizadas e com rendas mais elevadas um discurso mais pautado na autonomia dos pares, na associação, centradas no indivíduo não podem ser aplicados ao programa *Casos de Família*. Discursos sobre valores e comportamentos simbióticos de um lado, e libertários e individualistas, de outro, são usados tanto pela

apresentadora e pelos especialistas quanto pelos participantes e pela platéia. Se é verdade que a televisão oferece padrões de comportamento, modelos de homem e mulher, de namoro e casamento, de arranjos familiares que revelam os conflitos, as angústias da vida privada, pois “dá visibilidade a certos assuntos, comportamentos, produtos e não a outros; ela define uma certa pauta que regula as interseções entre a vida pública e a vida privada.” (Hamburger, 2002: 443) E se é inquestionável que houve diversas e importantes transformações na família nas últimas décadas, alguns valores e comportamentos ainda são mais resistentes a mudança, isto é o que *Casos de Família* aponta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confundindo sua trajetória com a própria história da televisão no Brasil, Sílvio Santos traçou seu caminho e fundou o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). De camelô a empresário, ele apresentou diversos programas de auditório, atrações ditas “popularescas”, e sua experiência na condução desses programas foi levada para a nova emissora que surge com características predominantemente populares. A idéia era cativar um público, em sua maioria, pertencente às classes C e D. É neste universo que se insere o programa *Casos de Família*, objeto desta dissertação.

Estreando na grade de programação do SBT em 18 de maio de 2004, um formato comprado de emissora peruana, o programa é definido como um *talk show* pela produção. O formato é marcado por uma série de mecanismos que procuram dar à impressão de espontaneidade e intimidade às conversas travadas no palco. Tanto a sensação de que tudo ocorre no tempo presente, quanto o papel do anfitrião são relevantes e anunciam uma intimidade e interatividade ao vivo (Timberg, 2002). Essas características aproximam os *talk shows* de um outro formato que vem tomando cada vez mais espaço na televisão, os *reality shows*. Um misto de diversos gêneros, os *reality shows* tem como protagonistas pessoas anônimas e como marca o apelo para o real e a interatividade (Andrejevic, 2004; Beylot, 1997; Freire-Medeiros e Baker, 2005). O formato acena com a possibilidade do telespectador realizar um “rompimento epistemológico”, conforme definição de Hamburger (2002), passando assim de telespectador para parte integrante do espetáculo. Do mesmo modo, *Casos de Família* dilui as fronteiras entre o público e o privado, realidade e ficção trazendo ao telespectador a promessa do “ao vivo”, a possibilidade de participar do mundo do

espetáculo o que permite entender a sedução do programa. Unido a estas características há as próprias especificidades do meio televisivo.

Refletindo sobre como a cidade do Rio de Janeiro foi representado pelo material produzido pelo cinema *Hollywoodiano*, na primeira metade do século, Freire-Medeiros observa que:

“Se a elaboração e a difusão conscientes de imagens cumprem papel fundamental nos sistemas de poder e controle social na metrópole hodierna (Jenks, 1995), o produto cinematográfico oferece material de inquestionável valor por sua origem múltipla (quem é o “autor” de um filme?) e a natureza polissêmica (presença simultânea de diferentes códigos narrativos). De fato, filmes devem ser vistos antes como prática social, como processo de produção de sentido, do que como simples objetos. A audiência, por sua vez, existe fora do texto: em diferentes cenários de relações sociais, ela produz leituras imprevisíveis, cujo conteúdo pode ser mobilizado com intenções variadas e, no mais das vezes, contraditórias.” (Freire-Medeiros, 1997: 108 e 109)

Retomo o argumento da autora sobre os filmes para ressaltar a relevância dos discursos apresentados nas diversas mídias e, especificamente, na televisão dado a penetração e alcance geográfico de suas mensagens. Saliento a relevância de se estudar suas mensagens e mecanismos de produção, pois como argumenta Hambúrger:

“Os modelos de homem e mulher, de namoro e casamento, de organização familiar, divulgados pela novela e sucessivamente atualizados, amplificam para todo o território nacional as angústias privadas das famílias de classe média urbana do Rio de Janeiro e de São Paulo. A novela estabelece padrões com os quais os telespectadores não necessariamente concordam, mas que servem como referência legítima para que se posicionem. A novela dá visibilidade a certos assuntos, comportamentos, produtos e não a outros; ela define uma certa pauta que regula as interseções entre a vida pública e a vida privada. (Hamburger, 1999: 443)

A televisão comunica imagens, apresenta modelos de formas de agir e se inserir no mundo, padrões de comportamento que podem ou não ser aceitos pelos telespectadores. Argumento que além da novela outros produtos midiáticos, como *Casos de Família*, também são responsáveis por fornecer padrões de referência. Assim, o programa deve ser entendido como prática social que produz efeitos concretos no mundo empírico. Para que se possa compreender as representações televisivas em todos os seus aspectos é necessário examinar sua produção e distribuição, assim como a sua recepção no contexto do público que as recebe. A recepção e produção são múltiplas, mas a mensagem é uma só.

Baseado em tais modelos, dois eixos principais de questões são enfatizadas neste programa para a construção desta imagem: relação pais e filhos e arranjos conjugais. A distinção entre dois tipos de laços familiares é feita: a que advém do sangue e, por isso, mais difícil de ser desfeita e a que se estabelece por aliança, mais frouxa e suscetível ao bel prazer daqueles que se uniram. No entanto, observa-se que embora frágil as pessoas continuam desejando viver conjugalmente nas mais diversas formas de arranjos.

“O sonho de muitos entre nós é encontrar alguém. Os seriados, as telenovelas, os filmes, os romances descrevem tão bem este sonho, que desejamos que ele se realize. Ter necessidade de alguém, de alguém que também tenha necessidade da gente. Estou falando de amor, esse tipo de laço eletivo, fonte de tantas transformações da vida privada contemporânea.” (Singly, 2001: 41)

Dessa forma, esse eixo basilar da família, na concepção de *Casos de Família*, deve ser observado e cuidado. Bauman trabalha com a idéia da crescente fragilidade e flexibilidade dos vínculos humanos, gerando insegurança e desejos conflitantes, pois almejamos apertar os elos e afrouxá-los ao mesmo tempo. Este aspecto se manifesta na dificuldade cada vez maior de se estabelecer laços a longo prazo. Na liquidez da vida

moderna, segundo o autor, “os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência.” (Bauman, 2004:8) A expectativa é a da satisfação plena, a ser obtida por um preço aceitável, considerando a dificuldade para satisfazer tal desejo os relacionamentos são os responsáveis pelo atual *boom* da procura por conselhos de especialistas. *Casos de Família* também faz uso de especialista em comportamento e diante dos conflitos conjugais apresentados no palco, recorre ao psicólogo para ajudá-los a resolvê-los.

Tornou-se comum a mídia veicular diariamente a opinião de personalidades (atores, atletas, músicos etc.) sobre os mais diversos assuntos, como se o fato de ser famoso desse o aval de “especialista” para expor seus pontos de vista. Em *Casos de Família* esse aspecto é levado ao extremo, já que a última palavra é dada pela apresentadora do programa que dispõe de um tempo maior que o do especialista para emitir sua avaliação sobre os casos.

Para finalizar, recorro a Goldenberg (2001a) que pertinentemente argumenta que não é possível controlar uma pesquisa em suas diversas etapas, pois esta é um processo onde o pesquisador se vê em permanente tensão diante da natureza dinâmica de seu próprio objeto – grupos humanos. O cientista social deve ter clara a idéia de que seu conhecimento é sempre parcial e estar atento para qualquer nova evidência, qualquer detalhe que possa mudar o rumo da pesquisa. Quando me propus a estudar *Casos de Família* tinha clara a hipótese de uma “manipulação” por parte do programa ao mostrar e privilegiar a sua imagem “ideal” de família. Inicialmente, acreditava que essa imagem era simplesmente construída a partir dos argumentos da apresentadora e dos psicólogos, no entanto percebi que o que acontecia não era tão unilateral e simples assim. A imagem de conjugalidade é construída a partir de um misto de encontro e jogo das queixas dos cônjuges e intervenções da platéia, somados as opiniões da apresentadora e do

especialista. Repulsa, identificação, adaptação, resignificação fazem parte de um jogo de influências mútuas onde se disputa a representação de um modelo familiar ideal em seus múltiplos aspectos (conjugalidade, relações pais e filhos etc.). Regina Volpato e psicólogos fazem o papel de especialistas e sua intervenção é como tal, assim as influências entre as partes no jogo não se dá da mesma forma e nem com a mesma intensidade e força.

A solução para os conflitos conjugais apresentados neste programa é dada através de um reajustamento de papéis já estereotipados segundo o gênero, principalmente com relação ao papel feminino e suas atribuições. Neste ajustamento de papéis, valores mais simbióticos que ressaltam o “nós-casal”, o “nós-família” são reafirmados em detrimento de valores mais autônomos e individuais. Assim, se é verdade que a televisão é responsável por mostrar uma certa pauta de questões e angústias privadas, o que *Casos de Família* aponta é que certos valores e comportamentos são mais resistentes a mudanças, apesar das relevantes transformações ocorridas nas relações familiares nos últimos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, Lila. A Interpretação de Cultura(s) após a Televisão. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 13 (2), p.103-128. Rio de Janeiro: IFCH / UERJ, 2001.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Telenovela, consumo e gênero*. São Paulo: EDUSC / ANPOCS, 2003.
- _____. Famílias diante das telenovelas. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 17 (2), p.283-298. Rio de Janeiro: IFCH / UERJ, 2003a.
- ALMEIDA, Verônica Eloi de. *Os Reality shows e o Respeitável Público da Vida Privada*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPGSA/IFCS/UFRJ, 2003b.
- ALMEIDA, Ângela Mendes de. Notas sobre a Família no Brasil. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de e outros (org.). *Pensando a Família no Brasil: Da Colônia a Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987.
- _____. e outros. Introdução. In: *Pensando a Família no Brasil: Da Colônia a Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987a.
- ARAÚJO, Clara e SCALON, Celi. Percepções e Atitudes de Mulheres e Homens sobre a Conciliação entre Famílias e Trabalho Pago no Brasil. In: ARAÚJO, Clara e SCALON, Celi (org.). *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ANDREJEVIC, Mark. *Reality TV: The Work of Being Watched*. Rowman & Littlefield, 2004.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AVENEL, Cyprien. A Família Ambígua: O Caso dos Moradores dos Subúrbios Populares de Bordeaux. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers e outros (org.). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

- BAUMAN, Zygmund. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BEAUJOUAN, Cécile. Tempo Familiar e Tempo Individual entre Desempregados. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers e outros (org.). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BERQUÓ, Elza. Arranjos Familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) e SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil – contrastes da intimidade contemporânea*, 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BEYLOT, Pierre. O Pseudo ao Vivo no Reality show. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 5(2). Rio de Janeiro: IFCH / UERJ, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. O Espírito de Família. In: *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1997a.
- BRASIL, Giba Assis. Graus de Realidade no Audiovisual. *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*, 5(1). Rio de Janeiro: UERJ, 2003.
- CICCHELLI, Vincenzo. Individualismo e Formas de Apoio: Entre a Lógica Incondicional e Personalização da Parceria Intergeracional. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers e outros (org.). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- COELHO, Claudia. *A Experiência da Fama*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- CORRÊA, Mariza. Repensando a Família Patriarcal Brasileira. In: ALMEIDA, Maria Suely K. de e outros. *Colcha de Retalhos: Estudos sobre a Família no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1982.

DAMATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo ou como ter "*Anthropological Blues*". In NUNES, E. de O. (org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

DUARTE, Elizabeth Bastos. À Guisa de Apresentação. In: JOST, François. *Seis Lições Sobre Televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A Família e a Mulher. *Cadernos C.E.R.U.*, 18. São Paulo: USP, 1983.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ELIAS, Norbert. Sugestões para uma Teoria dos Processos Civilizadores. In: *O Processo Civilizador*, vol. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. *Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. Conceitos sociológicos fundamentais. In: *Escritos & Ensaio 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FELDMAN-BIANCO, Bela. A Família na História e na Antropologia: Mitos, Conjecturas, Simplificações ou Aproximações e Prelúdios da Realidade? *Cadernos C.E.R.U.*, 19. São Paulo: USP, 1984.

FONSECA, Claudia. *Família, Fofoca e Honra: Etnografia de Relações de Gênero e Violência em Grupos Populares*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. "You Don't Have to Know the Language": Hollywood inventa o Rio de Janeiro. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 5(2). Rio de Janeiro: IFCH / UERJ, 1997.

_____. e BAKKER, André W. de A. "Televisão-Realidade" e Metamorfose Identitária em Extreme Makeover. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 20(1) Rio de Janeiro: IFCH / UERJ, 2005.

- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- _____. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Unesp, 1993.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna. In: Bianco, B. (org.). *Antropologia das Sociedades Complexas – Métodos*. São Paulo: Global Editora, 1987.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GOLDENBERG, Mirian. *Os Novos Desejos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. *Laços de Família: Novas Conjugalidades na Novela das Oito*. *Psicologia Clínica*. vol.13 nº 2. Rio de Janeiro, 2001.
- _____. *A Arte de Pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 2001a.
- _____. *De Perto Ninguém é Normal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GUEDES, Simone L. e LIMA, Michelle da S. Casa, Família Nuclear e Redes Sociais em Bairros de Trabalhadores. In: BARROS, Myrian L. de (org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HALL, Stuart. Encoding, Decoding. In: DURING, Simon. *The Cultural Studies Reader*. London: Routledge, 1993.
- HAMBURGER, Esther. Diluindo as Fronteiras: a Televisão e as Novelas no Cotidiano. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) e SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil – contrastes da intimidade contemporânea*, 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *O Perfume das Flores*. In: FRIDMAN, Luis Carlos (org.). *Política e Cultura – Século XXI*, vol. 2. Rio de Janeiro: Relume Dumará / ALERJ, 2002.

- _____. *O Brasil Antenado: A Sociedade da Novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- JOST, François. *Seis Lições sobre Televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- KAUFMANN, Jean-Claude. *A Mulher Só e o Príncipe Encantado*. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.
- LAHIRE, Bernard. Patrimônios Individuais de Disposições: para uma Sociologia à Escala Individual. In: *Sociologia, Problemas e Práticas*. 46, 2005.
- LEAL, Ondina Fachel. *Etnografia de Audiência: Uma Discussão Metodológica*. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o Lado Oculto do Receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LYOTARD, Jean François. *La Condition Postmoderne*. Paris: Éditions de Minuit, 1979.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- MAZZIOTTI, Nora. Um Olhar Acerca dos Estudos sobre a Recepção Televisiva. *Revista Eco-Pós*, vol.7, nº 1. Rio de Janeiro: UFRJ / ECO, 2004.
- MELO, José Marques de. *Comunicação Social – Teoria e Pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- MICELI, Sérgio. *A Noite da Madrinha*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- MILLS, C. Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- MIRA, Maria Celeste. *Circo Eletrônico: Sílvio Santos e o SBT*. São Paulo: Olho D'Água: Loyola, 1995.
- ORTIZ, Renato. Modernidade e Cultura. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o Lado Oculto do Receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. Caleidoscópio de Imagens: o Uso do Vídeo e a Sua Contribuição à Análise das Relações Sociais. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e

MOREIRA, Miriam L. (org.). *Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papirus, 1998.

_____. Avós e Netos na França e no Brasil: a Individualização das Transmissões Afetivas e Materiais. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers e outros (org.). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. Solidariedade Familiar Intergeracional. In: ARAUJO, Clara e SCALON, Celi (org.). *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____. As Transformações Familiares e o Olhar do Sociólogo. In: SINGLY, François de. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *As Imagens da TV Têm Tempo ?* In: NOVAES, Adauto (org.). *Rede Imaginária – Televisão e Democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PRADO, Rosane Manhães. Televisão, Poderosa mas não Tanto: Cidade Pequena, Mulher e Telenovela. In: ECKERT, Cornélia e MONTE-MOR, Patricia (orgs.). *Imagem em Foco: Novas Perspectivas em Antropologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.

_____. Entre Tiros e Transas: sobre a Recepção de Conteúdos Televisivos. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, 5 (2). Rio de Janeiro: IFCH / UERJ, 2003.

REZENDE, Claudia Barcellos. A Empregada na Televisão. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 5(2). Rio de Janeiro: IFCH / UERJ, 1997.

ROCHA, Everardo. *A Sociedade do Sonho: Comunicação, Cultura e Consumo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1995.

- ROBINSON, Beatrice E. Family Experts on Television Talk shows: Facts, Values and Half-Truths. *Family Relations*. In: *www.jstor.org* , 31 (3), 1982.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- SAMARA, Eni de Mesquita. Tendências Atuais da Família no Brasil. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de e outros (org.). *Pensando a Família no Brasil: Da Colônia a Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987.
- SCOTT, R. Parry. Família, Gênero e Poder no Brasil do Século XX. *BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 58. São Paulo, 2004.
- SEGALEN, Martine. *Sociologia da Família*. Lisboa: Edições Terramar, 1999.
- SILVA, Arlindo. *A Fantástica História de Sílvio Santos*. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.
- SIMMEL, Georg. Sobre a Sociologia da Família. In: *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. O Dinheiro na Cultura moderna. In: SOUZA, J. e ÖELZE, B. (orgs.). *Simmel e a Modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.
- SINDER, Valter. *Configurações da Narrativa: Verdade, Literatura e Etnografia*. Madrid: Iberoamericana, 2002.
- SINGLY, François de. A Sociologia da Família na França nos últimos trinta anos. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, 3(2). Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- _____. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- SODRÉ, Muniz e PAIVA, Raquel. *O Império do Grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

_____. *O Espetáculo como Forma Social*. In: FRIDMAN, Luis Carlos (org.). *Política e Cultura – Século XXI*, vol. 2. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ALERJ, 2002a.

SORJ, Bila. Percepções sobre Esperas Separadas de Gênero. In: ARAUJO, Clara e SCALON, Celi (org.). *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção e Comunicação: a Busca do Sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o Lado Oculto do Receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TELLES, Helyom Viana. Mutações na Imagem: Uma perspectiva antropológica sobre a cultura visual dos meios de entretenimento digital. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 20(1) Rio de Janeiro: IFCH / UERJ, 2005.

TIMBERG, Bernard. *Television Talk: A History the TV Talk Show*. Austin: University of Texas, 2002.

TORRES, Anália Cardoso. A Individualização no Feminino, o Casamento e o Amor. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers e outros (org.). *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. Casamento e Gênero: Mudança nas Famílias Contemporâneas a partir do Caso Português. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, 3(2). Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

_____. *Vida Conjugal e Trabalho: Uma Perspectiva Sociológica*. Portugal: Celta Editora, 2004.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais: Identidade, Casamento e Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VELHO, Gilberto. Família e Subjetividade. In: ALMEIDA, Angela Mendes de (org.). *Pensando na Família no Brasil: da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: UFRJ : Espaço e Tempo, 1987.

_____. Família e Parentesco no Brasil Contemporâneo: Individualismo e Projetos no Universo de Camadas Médias. *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*, 3(2). Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

_____. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

WAIZBORT, Leopoldo. Elias e Simmel. In: WAIZBORT, Leopoldo. *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: EDUSP, 1999.

WOLTON, Dominique. *Elogio do Grande Público: uma Teoria Crítica da Televisão*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

ZALUAR, Alba. As Mulheres e a Direção do Consumo Doméstico. In: ALMEIDA, Maria Suely K. de e outros. *Colcha de Retalhos: Estudos sobre a Família no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1982.

_____. *A Máquina e a Revolta: as Organizações Populares e o Significado da Pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2000.